



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA
LINHA DE PESQUISA 1: CONTEXTOS FAMILIARES E SUBJETIVIDADE

JEANE ALICE DA SILVA LEITE LORDELO

RETRATOS DE FAMÍLIA NA POÉTICA
DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Salvador

2023

JEANE ALICE DA SILVA LEITE LORDELO

**RETRATOS DE FAMÍLIA NA POÉTICA DE CARLOS DRUMMOND DE
ANDRADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador – UCSAL, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra.

Orientador(a): Prof^ª. Dra^a. Elaine Pedreira Rabinovich

Salvador

2023

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha Catalográfica. UCSal. Sistema de Bibliotecas

L866 Lordelo, Jeane Alice da Silva Leite
Retratos de família na poética de Carlos Drummond de Andrade

/

Jeane Alice da Silva Leite Lordelo . – Salvador, 2023.
116 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica do Salvador.
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Família
na Sociedade Contemporânea.

Orientadora: Profa. Dra. Elaine Pedreira Rabinovich.

TERMO DE APROVAÇÃO

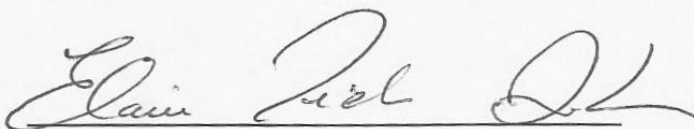
JEANE ALICE DA SILVA LEITE LORDELO

RETRATOS DE FAMÍLIA NA POÉTICA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

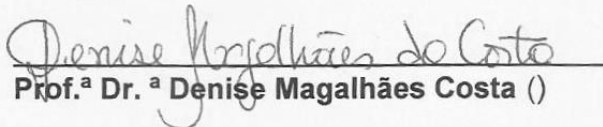
Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea, na Universidade Católica do Salvador – UCSAL.

Salvador, 02 de março de 2023.

Banca Examinadora:



Prof.^a Dr.^a Elaine Pedreira Rabinovich
Orientador(a) - (UCSAL)



Prof.^a Dr.^a Denise Magalhães Costa ()



Prof.^a Dr.^a Maura Leite Espinheira Avena (UCSAL)

À Poesia Humana que mais amo, minha
filha: Camille

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por toda criação e por toda Arte, em especial a Poética enquanto Poesia que vestida da palavra permeia todas as expressões artísticas, vela e desvela o mundo ao revelar o sentido da existência; pelo conhecimento da Poesia que de algum modo me fez chegar até aqui; pela família na qual fui gerada e pela família constituída na fraternidade poética;

À minha mãe, Nane Leite, por todo afeto, pelo conhecimento das primeiras letras e todas as palavras de incentivo.

A meu marido, Sérgio, pelo companheirismo ímpar que o fez querer saber e me informar sobre quaisquer novidades sobre Carlos Drummond.

À minha filha, Camille, por toda ajuda e orientação na informática e na interação com o mundo virtual;

A meu genro, Igor, por toda suavidade e delicadeza ao perfumar a vida da nossa família;

À minha cunhada irmã, Luciana, por todo incentivo e referência de amor à vida com saber;

À Maria, sobrinha querida pelo afeto tão significativo no período da escrita dessa pesquisa;

Às primas Cinthia e Selma por todas as palavras de encorajamento;

À prima Aline pelo incentivo inclusive com empréstimo de livros;

À Família Igreja Batista Nazareth por ter estado de mãos dadas comigo em amor fraterno, em nome Pastor Joel Zeferino;

À família Colégio Estadual Alberto Santos Dumont, em nome do Diretor Sérgio Nonato;

À Ana Carla, secretária do Programa Família na Sociedade Contemporânea pela recepção acolhedora e por toda prestatividade recheada de ternura e delicadeza;

Ao professor Eduardo, querido Dinho, por toda ternura artística e grandeza humana ao me fazer ver que minha pesquisa deveria ser do campo da Poética;

À professora Sumaia, por toda sábia e amorosa delicadeza que marca sua atuação neste Programa;

À minha orientadora Elaine, Pedreira que lapida sonhos com olhar iluminado e de forma inédita me conduziu para além da escrita acadêmica;

À Denise Magalhães por saber olhar o horizonte das janelas de Drummond e contemplar o segredo da existência;

À Maura Espinheira pela serenidade ao apontar o sentido do cotidiano nos Retratos Poéticos;

À minha irmã do coração Ana Cristina por todo companheirismo nesta caminhada e por toda poética das fotografias e das (foto)grafias que continuamente florescem no jardim dos muitos diálogos;

À minha amiga Gilmara, por toda ternura da existência;

À minha amiga Flávia, por toda serenidade transmitida;

A todas as pessoas que de algum modo contribuíram para execução dessa pesquisa.

“A beleza não está nem na luz da manhã nem na sombra da noite, está no crepúsculo, nesse meio tom, nessa incerteza.”

Lygia Fagundes Telles

RESUMO

LORDELO, Jeane Alice da Silva Leite. Retratos de Família na Poética de Carlos Drummond de Andrade. 2023. p.116. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea). Universidade Católica do Salvador.

Este estudo apresenta uma compreensão acerca dos Retratos de Família delineados na Poética de Carlos Drummond de Andrade. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, ancorada no método fenomenológico hermenêutico de Heidegger e como tal parte do significado de Poética na teoria heideggeriana. Nesta direção, discute como a iconografia poética drummondiana desvela a concepção de mundo a partir da família e se constituiu como um legado histórico sobre a vida em família no Brasil do século XX. Nossa investigação se debruçou de modo mais contundente na Trilogia Boitempo e na Antologia Poética, mas também garimpamos alguns poemas nos livros: Alguma Poesia, A Rosa do Povo, Claro Enigma, José e Lição de Coisas. Para fundamentar nosso estudo, recorremos ao suporte teórico de alguns críticos: Antonio Cândido (2017), Davi Arrigucci (2002) e José Guilherme Merquior (2012). Também nos amparamos em Belinda Mandeubaum (2010) que tem estudos sobre família no Brasil esteados na poética drummondiana. Nosso trabalho discorre sobre como o registro versejado ilustra dados do clã do poeta desde o núcleo até o grupo ampliado, evidenciando as relações familiares em meio ao contexto social e o processo de subjetivação e apreensão do social a partir da família. Aborda também como a tecitura versificada expõe episódios de famílias anônimas brasileiras e os cenários que espelham as vivências de família. Concluímos que os Retratos de Família versados por Carlos Drummond de Andrade revelam-se como um repertório documental sobre a história das famílias no Brasil, além de identificar a família como marca substancial que perpassa gerações e se transfigura de modo singular ao longo da existência de cada sujeito.

Palavras-chave: Família. Carlos Drummond de Andrade. Poética. Retratos.

ABSTRACT

LORDELO, Jeane Alice da Silva Leite. Family Portraits in the Poetics of Carlos Drummond de Andrade. 2023. p. 116. Dissertation (Master's Degree in Family in Contemporary Society). Universidade Católica do Salvador.

This study presents an understanding of the Family Portraits outlined in the Poetics of Carlos Drummond de Andrade. The study is a qualitative research anchored in Heidegger's phenomenological hermeneutic method and as such part of the meaning of Poetics in Heidegger's theory. It argues how Drummond's poetic iconography unveils the conception of the world based on the family and is constituted as a historical legacy about family life in Brazil in the 20th century. Our investigation focused more forcefully on the Boitempo Trilogy and on the Poetic Anthology, but we also found some poems in the books: *Alguma Poesia*, *A Rosa do Povo*, *Claro Enigma*, *José* and *Lição de Coisas*. To support our study, we resorted to the theoretical support of some critics: Antonio Cândido (2017), Davi Arrigucci (2002) and José Guilherme Merquior (2012). We also rely on Belinda Mandeubaum (2010) whose studies on family in Brazil are based on the Drummond poetics. Our paper discusses how the verse record illustrates data of the poet's clan from the core to the extended group, evidencing family relationships amidst the social context and the process of subjectivation and apprehension of the social from the family. It also addresses how the versified weaving exposes episodes from anonymous Brazilian families and the scenarios that mirror family experiences. We conclude that the Family Portraits versed by Carlos Drummond de Andrade reveal themselves as a documentary repertoire on the history of families in Brazil, in addition to identifying the family as a substantial mark that goes through generations and is uniquely transfigured throughout the existence of each subject.

Key-words: Family. Carlos Drummond de Andrade. Poetic. Portraits.

RESUMEN

LORDELO, Jeane Alice da Silva Leite. Retratos de Familia en la Poética de Carlos Drummond de Andrade. 2023. p. 116 Tesis (Maestría en Familia en la Sociedad Contemporánea). Universidade Católica do Salvador.

Este estudio presenta una comprensión acerca de los Retratos de Familia esbozados en la Poética de Carlos Drummond de Andrade. Trata-se de una investigación de carácter cualitativo, fundamentada en el método hermenéutico fenomenológico de Heidegger y, como tal, parte del sentido de la Poética en la teoría de Heidegger. El estudio discute cómo la iconografía poética de Drummond devela la concepción del mundo a partir de la familia y se constituye como un legado histórico sobre la vida familiar en Brasil en el siglo XX. Nuestra investigación se centró de manera más precisa en la Trilogía Boitempo y en la Antología Poética, pero también nos dedicamos a algunos poemas de los libros: *Alguma Poesia*, *A Rosa do Povo*, *Claro Enigma*, *José* y *Lição de Coisas*. Para fundamentar nuestro estudio, recurrimos al apoyo teórico de algunos críticos: Antonio Cândido (2017), Davi Arrigucci (2002) y José Guilherme Merquior (2012). Además, nos inspiramos en Belinda Mandeubaum (2010) cuyos estudios sobre familia en Brasil se basan en la poética de Drummond. Nuestro trabajo discute cómo el registro versado ilustra datos del clan del poeta desde el núcleo hasta el grupo alargado, evidenciando las relaciones familiares a través del contexto social y el proceso de subjetivación y aprehensión de lo social desde la familia. También plantea cómo la composición versificada expone episodios de familias brasileñas anónimas y los escenarios que reflejan las experiencias de familia. Concluimos que los Retratos de Familia versados por Carlos Drummond de Andrade se revelan como un repertorio documental sobre la historia de las familias en Brasil, bien como identifica la familia como un signo esencial que permea generaciones y se transfigura de forma singular a lo largo de la existencia de cada sujeto.

Palabras-llaves: Familia. Carlos Drummond de Andrade. Poética. Retratos.

LISTA DE FIGURAS

	Página
Figura 1 Drummond aos 2 anos de idade, 1904.....	24
Figura 2 Carlos Drummond de Andrade e a filha Maria Julieta Drummond.....	28
Figura 3 Foto da família de Drummond em 1915.....	31
Figura 4 Cidade de Itabira.....	55
Figura 5 Julieta, mãe de Drummond, com netos, 20 de maio de 1935.....	76
Figura 6 Carlos Drummond de Andrade com a esposa Dolores, a filha e os três netos.....	87
Figura 7 Carlos Drummond de Andrade com a esposa Dolores, sua filha Julieta e o neto Carlos Manuel.....	93
Figura 8 Carlos Drummond de Andrade e o neto Pedro Augusto.....	95

SUMÁRIO

	Página
1 INTRODUÇÃO	13
2 CAPÍTULO I: Discurso poético – Registro da experiência histórico familiar	21
2.1 A Poética de Drummond - um refletir do mundo.....	21
2.2 Drummond – um pequeno relato de um grande caminho.....	25
2.3 Memória e retrato que se versa.....	30
3 CAPÍTULO II: Sujeito – Família – Contexto Social	41
3.1 Um Eu a remirar múltiplos reflexos.....	41
3.2 O sujeito, a figura paterna e a imagem materna.....	61
3.3 Retratos Fraternos e Convexos Seres projetados em Poesia.....	80
4 CAPÍTULO III: Um Panorama Tridimensional: Família Ampliada, Famílias Anônimas e Cenários	89
4.1 Contornos em Expansão Familiar.....	89
4.2 Lances de Famílias Anônimas.....	97
4.3 Recôncavos que refletem família.....	106
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS	114

1 INTRODUÇÃO

Filosofia e Poética são distintas, mas compactuam de um diálogo íntimo de caráter essencial que perpassa pelo reino da linguagem. A partir da Licenciatura em Filosofia, tivemos a oportunidade de conhecer um poema de Carlos Drummond de Andrade, que se intitula *Campo de Flores*¹, sob a ótica do Existencialismo. O eu lírico drummondiano revela a chegada do amor na madureza, fase da degeneração corporal, portanto marcada pelos limites existenciais.

O encantamento e o interesse na Poética Drummondiana foram ganhando amplitude e significado com o decorrer do tempo. Ao ministrar aulas de Filosofia no Ensino Médio, sempre me vi ancorada e amparada em poemas que, mais do que ilustração, estética e estilo de atuação, expressam o conteúdo da própria vida. Há uma diversidade temática na obra de Drummond que nos possibilita e nos seduz a um convívio com o poeta através de sua produção.

Cada “*pedra no meio do caminho*”² vem sendo removida com a presença substancial da Poética Drummondiana. A linguagem poética abre porta para hermenêutica, o que ficou mais relevante ao cursar Letras Vernáculas. Em observância aos alicerces da historicidade textual consideramos inevitavelmente as mudanças de paradigmas constituídas a partir do Movimento Modernista, do qual Carlos Drummond de Andrade fez parte. Uma nova estética se implantou desde as primeiras décadas do século XX. Os versos livres modificaram a forma e o conteúdo com verossimilhança, uma espécie de interpretação do estar do mundo. Nessa perspectiva, percebemos que na obra de Drummond, dimensões antropológica, psicológica e filosófica se mesclam. Sua obra desvela um mundo, sua historicidade, revelando modos do homem ser e estar no mundo, levando-nos à uma reflexão e compreensão dos modos de ser que se desvelam numa época.

O filósofo Martin Heidegger aponta que o ser do homem é ser-no-mundo, não porque ele existe dentro do mundo, como uma coisa dentro da outra, ser-no-mundo se refere ao modo como o mundo, enquanto significância, ou seja, como uma rede relacional dos homens junto às coisas e com os outros em suas diversas ocupações, constitui o ser do homem e é também constituído por este. O homem existe sempre numa compreensão de ser das coisas ao seu redor, e a essência de seu ser se dá na sua existência, sendo, a cada vez, sempre em movimento de ser e poder ser. Por sua vez, entendemos que essa essência

¹ Poema publicado no livro *Claro Enigma* (1951) e também na *Antologia Poética* (1962) organizada por Carlos Drummond.

² Fragmento do famoso poema “No meio do caminho”, publicado na *Revista Antropofagia* (1928), no primeiro livro “*Alguma Poesia*” (1930), retomado na *Antologia Poética*.

na existência, via de regra, se inicia na família. A poética de Drummond é permeada pela temática das relações familiares. O que nos levou ao propósito desta pesquisa, qual seja, investigar e buscar compreender os retratos de famílias apresentados na poética de Carlos Drummond de Andrade, a partir da fenomenologia hermenêutica de Heidegger.

A Fenomenologia de Heidegger propõe um aprofundamento das questões existenciais humanas, ele busca investigar os fenômenos como se mostram em seu ser, ou seja, é uma ontologia que tem como objetivo fundamental investigar o sentido do ser, como o ser se dá em suas diversas maneiras de se desvelar nos entes, a partir da investigação da existência do homem, ou seja, do ser do homem, único ente que compreende o ser das coisas e o seu próprio ser. Trata-se do círculo hermenêutico, a circularidade da compreensão de ser.

Já a Hermenêutica reconhece a condição finita e histórica do ser humano como interprete envolvido nesse círculo compreensivo é um modo de ser fundamental do ser do homem, é uma estrutura constitutiva de seu ser, isto é, ele sempre compreende de alguma maneira o ser dos entes, das coisas que lida em sua cotidianidade, antes de qualquer investigação teórica sobre as coisas do mundo, como compreensão de ser o homem dialoga com o “outro” através da mediação histórica.

Assim, como compreensão de ser, o ser humano atribui significados ao mundo que o cerca, de maneira que o mundo não se dá apenas como espaço geográfico, mas com tudo que adquire significação na relação com o homem. O método fenomenológico hermenêutico se ampara em uma concepção de que o pesquisador se aproxima do “fenômeno” fundamentando-se na compreensão e na interpretação.

Dessa maneira, esta pesquisa se inscreve dentro da metodologia qualitativa e utilizará o método Fenomenológico Hermenêutico como meio de análise e interpretação do que se mostra acerca dos retratos da família nos poemas de Drummond. Isto é, buscaremos interpretar como Drummond retrata a família em suas poesias e em que medida podemos compreender o modo de ser da família brasileira dentro desse recorte do período histórico da produção do poeta, e que abarcou quase um século.

Temos então como objeto de estudo a Poética de Carlos Drummond de Andrade. Supõe-se que tal Poética representa uma construção subjetiva formada na vida familiar e em sua interrelação com a sociedade. Nesse sentido, a vida familiar é compreendida como o primeiro mundo de significações e contexto de desenvolvimento da pessoa. E buscaremos nas poesias de Drummond compreender e interpretar os retratos de família e o significado histórico dessa instituição dentro da sociedade no contexto da obra do

poeta.

Nossa pesquisa, como dissemos, se propõe a discutir os quadros de família retratados na Poética de Carlos Drummond de Andrade. O poeta, que atravessou quase todo século XX, nos deixou um legado de sete décadas de produção. Seu testemunho da realidade mesclam seu olhar sobre o contexto sócio histórico com aspectos intimistas da vida familiar e os conflitos experienciados na sua subjetividade em um jogo de influências que se coadunam.

Família e sociedade vivem uma metamorfose simbiótica. A complexidade dos fatos históricos que constituem a realidade socio cultural imprime marcas que se materializam nos arranjos familiares. Drummond, além do encantamento com as palavras, demonstrou aguçada percepção no conteúdo e contexto de composições discursivas do universo familiar. Mais que isso, suas lentes multifocais filmaram o cenário doméstico na interação com o meio desvelando a dialética entre o privado e o público. Sua Poética traduz sua subjetividade formada na intersubjetividade construída principalmente no âmbito das relações familiares no curso de sua vida.

A Arte Literária, em suas diferentes vertentes, exerce inegável poder de convidar à reflexão, à discussão, à compreensão da psicologia humana. Ela oferece possibilidades de análise do contexto histórico social e de como ele incide nos sujeitos e ainda como estes interagem, se inscrevem, se constituem ao passo que transfiguram o social.

A genialidade da Literatura está em “criar” e “imaginar” a partir das experiências e dos fatos que estão dispersos ao nosso redor e que nem sempre assimilamos em todo seu significado e sua beleza. “Dar forma ao sentido é a razão da existência dos artistas.” (ARRIGUCCI, 2002, p. 17).

A perspectiva literária do Modernismo, do qual Carlos Drummond de Andrade foi um dos integrantes, apresenta uma estética artística com autêntica verossimilhança com a realidade. Dessa maneira, Podemos identificar nos poemas de Drummond o quanto ele é afetado pelas questões que abalaram o século XX, e o quanto elas invadem a privacidade doméstica e são espelhadas nas dinâmicas familiares. Ao apresentar os retratos de família, Drummond escava antepassados e com estes uma série de aspectos históricos e culturais do povo brasileiro. A escravidão, a mineração, a aristocracia patriarcal, a decadência da economia rural e o início do capitalismo industrial, as repercussões das guerras mundiais, os governos ditatoriais, tudo vai parar nos contextos das relações cotidianas familiares em forma de sentimentos agonizantes ou “inquietudes”, como denominou Antônio Cândido. “O bloco central da obra de Drummond é, pois, regido por inquietudes poéticas que

provém umas das outras, cruzam-se, parecendo derivar de um egotismo profundo, tem como consequência uma espécie de exposição mitológica da personalidade” (CÂNDIDO, 1977. p.68).

A partir do momento que decidimos fazer um estudo sobre os Retratos de família elencados na Poética Drummondiana, percebemos a incidência de reflexões sobre aspectos das dinâmicas das configurações familiares nas Obras Poéticas de Carlos Drummond, reconhecemos que as mesmas oferecem o conteúdo de análise para nossa pesquisa. Para embasar nosso projeto de estudo consultamos alguns autores que, ao se debruçarem numa exegese da literatura Drummondiana, também atentaram de algum modo, para pontos concernentes ao tema “Família”. Assim, os críticos como : Antonio Cândido, Davi Arrigucci e José Guilherme Merquior são tomados aqui como suporte teórico. Também nos respaldamos em Belinda Mandeubaum que tem estudos sobre família no Brasil.

Antônio Cândido (2017), um dos maiores críticos da Literatura brasileira não só reconhece a significativa importância da poética social de Drummond, como também afirma a relevância do tema Família para este poeta. Chama de “inquietações” as reflexões Drummondianas que de modo imbricado trata a subjetividade, a família e a sociedade. Sinaliza a constituição da individualidade a partir da reconstituição da memória afetiva centrada na família.

Merquior (2012), ao debruçar-se sobre a análise do “Universo no verso” drummondiano nos aponta dados significativos sobre o conteúdo das poesias de Drummond. Em concordância com Antônio Cândido, evidencia que “Família” é um dos temas centrais do universo meditativo de Drummond. Também sinaliza as interações entre: Eu, Família e o Social. Salienta a dimensão social tão aguçada que não deixa escapar nada e, justamente por isso, revela o confronto: Eu com o mundo, subjetividade versus sociedade, eu em embate e, ao mesmo tempo, em interação com “outro” na Família o primeiro outro, inegavelmente. O resgate do passado permeado de críticas à sociedade patriarcal tem uma conotação expressiva na memória afetiva familiar. “Na obra de Drummond a recordação familiar é a emoção” (MERQUIOR, 2012, p. 138).

Mandelbaum (2010, p.24) reconhece o valor que há na Arte Literária para compreensão dos estudos de psicanálise da família no século XX. Para ela a escrita poética de Drummond se revela numa representação de como se perfazem as individualidades a partir da estrutura familiar. “Traços de família e surpresas é do que é feito o jeito de um corpo, tal como traços de família fazem o corpo do poema, porque o poema é um retrato

de família, tal como o corpo, com suas realizações” (MANDELBAUM, 2010, p. 25). Drummond faz da poesia o meio de confessar seus embates existenciais, faz um resgate da memória afetiva familiar para identificar a formação de sua personalidade. “Sem o conhecimento do passado ele não se situa no presente; a família define e explica o modo de ser, como a casa demarca e completa o indivíduo no meio dos outros” (CÂNDIDO, 2017, p. 85). Atento aos acontecimentos presentes no curso de sua vida, açambarcou o sentido dos fatos histórico-culturais na materialidade concreta do cotidiano vivido. O poeta ampliou o alcance de câmera instalada no poço de sua subjetividade e filmou a realidade das famílias brasileiras, desvelando “A estranha ideia de família/ viajando através da carne” (DRUMMOND, 2012, p. 76). Os Retratos de Família delineados na Poética de Carlos Drummond de Andrade se convertem em matéria prima para nosso estudo epistemológico, que visa contribuir para o avanço do conhecimento sobre família na contemporaneidade.

Elaine Rabinovich (2022, p.245) declara que enquanto pesquisadora, se encantar com o pesquisado, ser “uma espécie de cavalo de invocação de outrem”. Ou seja, se sente contagiada e espontaneamente controlada pelos sujeitos pesquisados. Assim também é Drummond em relação ao vasto conteúdo que permeia sua poética. O cotidiano da vida é registrado a partir dos contextos familiares. Ele é uma espécie de porta-voz das famílias brasileiras, faz retratos em forma de versos e revela a multiplicidade de cores que compoem o dia a dia, ao passo que também traduz o seu envolvimento com o mundo: “*Eu tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo*” (ANDRADE, 2012, p.134).

A poesia enquanto criação artística transpõe a subjetividade de Drummond. O sujeito passa a ser o germe da própria arte. Inicialmente, a poesia vem de fora, da objetividade para o “Eu”, com decorrer da produção artística, a poesia passa a nomear o objeto. As palavras no dicionário não tem vida, é o arranjo, o movimento que o poeta dá aos vocábulos que constitui vida e poesia. O eu poético é uma espécie de subjetividade coletiva, é um indivíduo completamente permeado de humanidade que apreende todos os dramas do cotidiano social. O conteúdo dos versos sobrepõe os acontecimentos, se estendem para além dos fatos, tematizam a própria vida, uma epopéia da vida contemporânea. As palavras dentro dos poemas ganham carne, há uma combinação corpórea, não se alojam em qualquer parte do texto. Nada é aleatório e nem fruto de emoção espontânea, mas elaborado e reelaborado nos recônditos do ser do poeta. A autonomia que cada poema, como um todo, assume é tal que supera a própria versificação em nome das imagens que projeta, das expressões que profere como ser vivente carregado

de incongruências. A magia poética flui no e do contexto social.

Ao articular com as palavras de modo artesanal, a contextualizada produção poética de Drummond revela sua sagacidade em perceber no aparentemente banal do cotidiano, o ser humano, a existência com suas dores e alegrias. Atento a seus semelhantes, o poeta é de uma sensibilidade histórica aguçada e afinada com sua época.

Para Drummond, a poesia surge do imprevisto, “uma coisa súbita que desperta uma certa emoção” (MORAES NETO, 2007, p.30), de maneira que a Arte proporciona ao poeta o sentido e sentimento para o ato de criação. Não há intenção em veicular mensagem, é a emoção sentida no momento que é transmitida. Uma certa fatalidade vocacional dá impulso interior. E cada poeta é tocado de forma específica, singular. Daí, cada um tem uma forma particular de manifestar poesia.

A temática Família, como dissemos, permeia a vasta e rica Poética Drummondiana. Desde a obra de estreia intitulada *Alguma Poesia* (que embora o título pareça indicar certa modéstia ou timidez do poeta, uma composição poética por sua tamanha expressividade é um ato desviante do próprio título) seus poemas sugerem sua inclinação em abordar dinâmicas relacionais de sua ascendência ou até mesmo a famílias anônimas. Nesta obra, o escritor revela subjetividade singular e múltipla, como em o “*Poema de sete Faces*”. Associações inesperadas dão ritmo ao texto e gera um universo no verso ao captar as múltiplas esferas da realidade e da imaginação. Os poemas “*Família*” e “*Infância*” nos apresentam claros sinais da atenção em tematizar sobre questões referentes à família.

Isto nos leva a pensar que talvez este ciclo represente na sua obra um encontro entre as suas inquietudes, a pessoal e a social, pois a família pode ser explicação do indivíduo por alguma coisa que o supera e o contém. Além disso, se observarmos a cronologia de sua obra, verificaremos que é precisamente o aguçamento dos temas de inquietude pessoal e o aparecimento dos temas sociais que o levam a peculiaríssima poesia familiar. (CANDIDO, 2017, p. 83).

Em 1962, depois de vários livros publicados, o poeta já maduro nos brinda com a obra Antologia poética que fora organizada por ele mesmo, na qual constam inúmeros poemas de várias épocas com a temática familiar. Nesta antologia podemos identificar as marcas de sua cidade de origem na sua subjetividade com o poema “*Confidência do Itabirano*”. Além disso, nos parece significativo a seção intitulada: “A Família que me dei”, com poemas: “*Retrato de família*”, “*Os bens e o sangue*”, “*Infância*”, “*Viagem na família*”, “*Convívio*”, “*Perguntas*”, “*Carta*”, “*A mesa*”, “*Ser*” e “*A Luis Maurício, infante*”.

Em vista do fato de Antologia Poética reunir uma seleção de poemas de doze livros³, decidimos embasar nosso estudo nessa obra em função da mesma apresentar uma garimpagem feita pelo próprio poeta. No posfácio desta obra, Antonio Cícero (2012, p.301) salienta as palavras do próprio Drummond sobre a escolha dos poemas, organização e nomeação das seções: “vertebrada” e “espelho fiel” de sua produção poética. O livro diz a vida em suas plurais congruências, expõe uma diversidade de temas. Não apresentamos aqui um estudo baseado nas nove seções. Focamos na seção intitulada: “A Família que me dei”.

Para não deixar escapar aspectos do indivíduo, das questões sociais e da visão de existência; alguns poemas de outras seções foram eleitos para embasar nosso estudo. *Poema das sete faces*, primeiro poema da primeira seção, intitulada: “Um Eu todo retorcido”. Relevantes ao que nos propomos, ressalta-se ainda, os poemas: “*Confidência do itabirano*”, que reflete a influência de sua cidade sobre o seu ser, e “*Morte de Neco Andrade*”, no qual Drummond faz alusão a um fato ocorrido na sua parentalidade e que também reflete aspectos relacionados à posse de terras no Brasil. Já em o “*Caso de vestido*” e “*Desaparecimento de Luísa Porto*”, são apresentados retratos de famílias ricos de cotidianidades culturais brasileiras.

Ao nos trasladarmos a sua obra eminentemente memorialista: Boitempo, uma trilogia: Boitempo I, Menino Antigo (Boitempo II) e Esquecer para lembrar (Boitempo III). Nos volumes I e III encontramos como título de capítulo: Notícias do Clã. Em Menino Antigo, alguns poemas nos chamam atenção, como: “*História do Clã*”, “*Foto de 1915*”, “*Os tios e os primos*”. Também nos esbarramos com o poema “*Fim da casa paterna*” que evidencia o conflito do processo de individualização no contexto das relações familiares. Nesta mesma perspectiva, encontra-se o poema “*Irmão, irmãos*” que nos convida a pensar no individual e no coletivo dentro da família. Drummond resgata o seu passado como alguém que viaja num futuro, mas carrega na bagagem as reminiscências da infância com todas as vestes de ancestralidade e contexto histórico-social. Mescla experiência e memória e narra em versos, por isso também pautamos nossos estudos nessa obra.

Como nos aponta Flexor (2015), ao apresentar estudo sobre a história da família no Brasil, aspectos sociais, econômicos, culturais, educacionais e legais; constitutivos de

³ Em 1962 organizou sua *Antologia Poética*, na qual reuniu poemas de vários livros: *Alguma poesia* (1930), *Brejo das almas* (1934), *Sentimento do mundo* (1940), *A rosa do povo* (1945), *Novos poemas* (1948), *Claro enigma* (1951), *Viola de bolso* (1952), *Fazendeiro do ar* (1954), *A vida passada a limpo* (1955), *Lição de coisas* (1962).

qualquer sociedade estão em constante transformação, o que dificulta conceituar o que é família, entretanto é possível reconhecer que a família é parte fundamental da sociedade em seus diversos arranjos.

O discurso poético drummondiano que forma uma iconografia de relações familiares constitui um manancial para compreensão das complexidades que povoam o cenário familiar na sociedade brasileira contemporânea. Na condição de repertório de imagens versificadas, sua obra descortina possibilidades contemplativas e reflexivas que consistem em matéria prima para um estudo epistemológico sobre as dinâmicas familiares. A partir daí surge a pergunta: De que maneira os quadros de família retratados na Poética de Carlos Drummond de Andrade desvelam o perfil do contexto socio histórico do Brasil contemporâneo?

Tendo em vista nosso objetivo de investigar os quadros de Família na trajetória Poética de Carlos Drummond de Andrade, no primeiro capítulo, de nosso trabalho, intitulado: Discurso poético – Registro da Experiência histórico familiar, trazemos à luz, uma reflexão sobre Poética a partir do olhar fenomenológico hermenêutico de Heidegger, apresentamos um relato sobre a vida do poeta Carlos Drummond de Andrade com enfoque em dados familiares, uma compreensão dos retratos poéticos da família que surgiram que surgiram a partir de fotografias de familiares e das recordações drummondianas. Para tanto, abordaremos também as dimensões de significado de retrato e memória.

No segundo capítulo: Sujeito – Família – Contexto Social, nosso estudo traz uma análise da subjetivação e apreensão do social a partir da família. E no terceiro capítulo: Um Panorama Tridimensional: Família Ampliada, Famílias Anônimas e Cenários, teceremos a cerca da família extensa do poeta Carlos drummond de Andrade, episódios de famílias anônimas brasileiras e por fim, os espaços que espelham as cenas em família.

2.0 CAPÍTULO I: DISCURSO POÉTICO – REGISTRO DA EXPERIÊNCIA HISTÓRICO FAMILIAR

2.1 A Poética de Drumond: um refletir do mundo

Ao nos debruçarmos em analisar os retratos versejados de família, projeções versificadas por Carlos Drummond de Andrade, construções delineadas no tecido da Poesia, sentimo-nos convocados a uma compreensão do que venha a ser: Poética em suas diferentes perspectivas. E por escolher trilhar o caminho fenomenológico hermenêutico de Heidegger, fomos prescrutar o que este autor tem para elucidar nossas ideias, para tanto consultamos o ensaio: *A origem da obra de Arte*.

O artista é a origem da obra de arte, esta, por sua vez é a origem do artista. Artista e obra gozam de uma de mutualidade referencial a partir de um terceiro, ou seja, artista e obra são nomeados como tal através da arte. Ao pôr-se em obra, a arte faz abertura para verdade do ser, instaura mundo, adensa as dimensões da verdade de ser, permite-nos habitarmos nossa essência, vai às origens, é um acontecimento revelador com abertura para a história, não se pauta na mera representação estética da vida, mas abriga o sentido humano de nossa existência, abre-se como possibilidade mais própria de morar nosso mundo. Se há Arte é porque há uma produção criadora, e aí está o desvelar da verdade como acontecimento.

A arte revela aquilo que guarda, “interrompendo o envolvimento do cotidiano, forçando a ver o mundo através do que ela abre; a obra não é objeto de contemplação desinteressada” (NUNES, 1992, p.261). Por meio da renúncia do corriqueiro e do novo anunciado, a obra de arte nos permite experienciar nosso tempo histórico. As cores, os movimentos, os traços, as palavras; tudo que compõe o objeto artístico, em suas diferentes vertentes, preserva a memória de nossa essência humana. O que se aflora é a edificação de um claro enigma que vela e desvela, potencializa em si o acontecimento que se projeta em múltiplas anunciações culturais, alcança diversas perspectivas e constitui-se num permanecer da humanidade historial que inaugura um sentido existencial.

A obra de arte acontece através da “Poesia” no sentido de poética, compreendido por Heidegger como um produzir, uma ação. Assim, na obra de arte a verdade do ente e da existência “põe-se em obra”, ocorre a abertura da obra para o acontecimento poético da verdade do ser, nessa ação de abertura da obra ela instaura mundo, desvela um mundo. A verdade na obra de arte é o desvelamento do ser-obra, ou essência da obra, desvelamento que acontece mediante a atividade artística.

A palavra Poética é concebida a partir de dois âmbitos para Heidegger, Poética (“*Dichtung*”) em sentido amplo, presente em todas as Artes: a música, a arquitetura, a escultura, a pintura; e Poética (“*poesie*”) com enfoque restrito à Arte Literária, que tem forma de verso, poema. Deste modo, todas as Artes são originalmente poéticas, ou seja, a poesia está dentro e fora da Literatura.

Se toda arte é, na sua essência, Poesia, então a arquitetura, a escultura, a arte dos sons devem reconduzir à poesia. [...] Todavia, a obra a linguagem, a Poesia em sentido estrito, tem um lugar eminente no conjunto das artes. [...] A própria linguagem é Poesia em sentido essencial. Mas porque a linguagem é o acontecimento em que, para o homem, o ente como ente se abre, a poesia, a Poesia em sentido estrito, é a Poesia mais original, no sentido essencial. (HEIDEGGER, 1990, pp.58-59)

A linguagem é Poesia em sentido essencial na medida em que irrompe em qualquer modalidade artística, a linguagem não é apenas uma expressão oral para se comunicar, mas ao nomear um ente traz à tona o seu ser. Nesse sentido, a poesia que se constitui da palavra tem primazia sobre as demais. A precedência da poesia ocorre em função da intrínseca relação entre o pensar e o poetar, ambos se manifestam pela palavra, na linguagem.

Como dissemos, o acontecimento poético como o pôr-se em obra da verdade do ser, desvela um mundo em seu ser, reúne mundo, assim também e essencialmente é a escrita poética, a poesia.

Como bem salienta Antônio Cícero (2012) a poesia não é um pensar sobre o mundo e sim um pensar o mundo. A retirada da conjunção: “sobre” traz uma mudança substancial de sentido. O poeta reflete o mundo em que vive como as águas de um mar translúcido espelham a imensidão celeste em que as ondas se movimentam em sincronicidade com a dança das nuvens, do Sol, da Lua e estrelas que se apresentam no palco chamado Céu. Pensar sobre o mundo é um refletir, no sentido de uma relação sujeito e objeto. Pensar o mundo, aproxima o sujeito que “pensa” com ou como o “mundo” que lhe constitui, ou seja, estabelece uma conexão direta, intrínseca com o mundo. Pensar o mundo como poetar constitui a essência do poeta que se recolhe para liberdade abismal de dizer a vida de modo depurado, desvelar um mundo de modo original. O Poeta é um ser que reflete o mundo, atravessado por significar sua existência por meio da palavra. Carlos Drummond de Andrade é a identidade brasileira que instaura o humano fazendo-se Poeta do mundo histórico em que viveu. E, neste mundo, o tema da família permeia quase toda a sua obra.

Nessa perspectiva entendemos que a Poética de Drummond representa uma fonte historiográfica das famílias brasileiras na contemporaneidade. No metapoema:

“*Consideração do Poema*”⁴, Drummond se predispôs a poeticamente atravessar o Brasil. Os perfis psicossociais que ele tracejou são os nossos. Uma análise do contexto histórico social, aliada à hermenêutica dos poemas, possibilitam essa constatação. Subjetividade, família e sociedade se imbricam e se distinguem no discurso do Poeta. Os desenhos de construções afetivas das famílias são calcados no chão das vivências rotineiras, e mais, enriquecidos por uma consciência crítica da conjuntura histórico-social. Se não escapam a Drummond, os aspectos repressivos do sistema patriarcal, também não lhe faltam sensibilidade para perceber a alienação e desumanização dos grandes centros urbanos.

A dimensão social que lhe identifica enquanto “*solidão fraternal*”⁵ que o faz questionar a aristocracia patriarcal e as agruras do universo urbano não lhe exime de compreender o sentido humano e afetivo inspirados pela família. Antes, asseguram suas “inquietudes” e “conflitos”, além de reiterar sua individualidade na medida em que o poeta se compreende diverso. Talvez, no mais íntimo de Drummond esteja a chave do problema, e o incômodo seja porque o mundo não corresponde aos seus anseios e por mais que a maturidade lhe traga o altruísmo mais elaborado, há uma falta de identificação com o mundo que lhe agoniza, o faz se sentir sozinho em meio a outros sozinhos. Conforme elucidada Merquior (2012). : “Mas nem a autocrítica severa, nem a euforia solidarista arrancam o eu drummondiano ao seu antigo, inflexivelmente individualismo. Se o narcisismo irresponsável morreu, o individualismo do gauche se obstina sempre a defender o direito à diferença”. (MERQUIOR, 2012, p.134)

A solidão, na poética de Drummond se dá a partir da relação de com “o outro”. Trata-se de um realismo social, em que a percepção e o sentimento de encantos e desencantos começam na família e se estendem a sociedade como um todo.

Em *Coração Partido*, Davi Arrigucci (2002) expõe que a lírica drummondiana é norteada por um misto de sentimentos e reflexões que revelam uma subjetividade em conflito com o mundo. Ele nos faz ver que a Poética em questão, provem de um coração e uma mente em descompasso tanto com o mundo urbano moderno, como também com o passado provinciano e assim desvenda dados pessoais de Drummond permeados no discurso poético que nos atingem enquanto individualidades integrantes de famílias no Brasil.

Belinda Mandeubaum (2010), professora da USP, atuante da área de psicologia social com estudos sobre Família utiliza a Poética Drummondiana para explicar que a

⁴ Poema publicado no livro *A Rosa do Povo* (1945).

⁵ MERQUIOR, 2012,p.75

subjetividade se forma em confronto com o mundo. A memória humana é uma espécie de Torre de Babel em que o social é um macrocampo e a família o microscópico mundo no nível da história familiar de cada um.

Nessa dialética entre o campo social e o mundo individual familiar percebemos que, na poética de Carlos Drummond, as relações consigo mesmo, com os membros da família e com o contexto social são sempre sobre a égide do conflito. É nesse sentido que Davi Arrigucci (2002) ao se referir a Drummond, afirmou: “O poeta que surgiu em 1930 e acabou se tornando a figura emblemática da poesia moderna no Brasil construiu uma grande obra em que tudo acontece por conflito”. (ARRIGUCCI, 2002, p.15) Seu universo meditativo é dono de densidade realista, construída nas experiências cotidianas permeadas de tensões internas e externas. Os desejos desencontrados que geram desarmonia existencial e sentimentos de inadequação ao mundo podem significar a nossa complicada existência. A nossa desprotegida intimidade se vê mergulhada na multiplicidade caótica que o mundo configura. O mundo nos constitui e nós também o constituímos. Assim, não estaria o poeta armazenando na linguagem nossas faces, nossos perfis psicológicos e sociais constituídos e constituintes de nossas histórias familiares? “A poesia da família e a poesia social, muito importante na sua obra, decorreria de um mecanismo tão indivisível quanto a poesia de confissão e autoanálise, enrolando-se tanto quanto elas num eu absorvente” (CÂNDIDO, 2017, p. 68).

Na poética de Drummond, a alteridade que se apresenta em relação ao social é antes vivenciada na família. Alteridade esta que não impõe distâncias em relação ao campo psicológico, como nos aponta Mandelbaum (2010, p. 13) há um hífen entre essas duas instâncias, isto é o vínculo que se estabelece entre o individual e o coletivo. A família não somente é contemplada pelo hífen que anela o psíquico e social, mas também se insere em cada um desses campos individualmente, uma vez que é tomada na perspectiva geracional bem como é estrutura de sociabilidade constituinte dos sujeitos.

Nessa perspectiva, o histórico familiar se apresenta como um ponto fundamental para pensarmos como Drummond retrata a família em seus poemas e como a estrutura familiar esteve presente e alicerçou, em grande medida, a sua obra. Analisar e entender o olhar de Drummond sobre a sua história familiar, as relações afetivas no âmbito da sua família na infância e juventude através de seus poemas é bastante significativo para a nossa investigação, pois aponta para a sua concepção de família no contexto social e histórico em que viveu o poeta e produziu a sua obra. Assim, traçaremos no próximo tópico um breve histórico da vida do poeta.

2.2 Drummond: pequeno relato de um grande caminho

Em vista do fato de extrairmos o nosso objeto de pesquisa da poesia de Carlos Drummond de Andrade, é mister que façamos um breve relato de sua biografia.

Carlos Drummond de Andrade nasceu num casarão em 1902, em Itabira do Mato Dentro, uma cidade mineira rica em minério de ferro. Filho do fazendeiro Carlos de Paula Andrade e de dona Julieta Augusta Drummond de Andrade, era o nono a nascer (quatro de seus irmãos já estavam mortos), apelidado de Carlito pela família que não imaginava, sequer idealiza que o menino “Carlito” viesse a se tornar, senão o mais, um dos mais importantes poetas brasileiros.

Figura 1: Carlos Drummond de Andrade aos 2 anos de idade, 1904.



Fonte: A prosa de Carlos Drummond de Andrade. Companhia das Letras (p. 62)

Aos dois anos de idade, o poeta se mudou para um sobrado bem imponente, com muitas janelas e sacadas e um jardim interno, onde fora retirada a famosa “foto de 1915” que inspirou o poema com este título, (ainda neste capítulo a foto, o poema e comentários). A casa se localizava na fronteira entre a cidade e a fazenda do Pontal, principal propriedade de seu pai. Lá, o então Carlito começou a gostar do arranjo de letras antes mesmo de saber ler, e quando aprendeu, aprimorou e ampliou o gosto ao ter acesso ao romance adaptado para crianças e publicado pela revista Tico-Tico: *A vida e as aventuras de Robinson Crusóé*, de Daniel Defoe. O próprio Drummond (1974) afirmou:

Confesso que desde criança, tive uma espécie de fascinação inconsciente pela palavra, pela forma visual da palavra, eu gostava muito das letras antes de saber ler e, quando comecei a ler, eu gostava muito de jornais, de revistas; lia aquilo

tudo mesmo não compreendendo senão uma parte mínima, mas o aspecto visual das palavras, a forma escrita, o papel com desenho, com riscos, com letras, me causava uma impressão muito forte, de modo que eu acho que tudo que eu fiz em matéria de literatura vem desse primeiro contato com a palavra impressa.⁶

Aos 7 anos de idade Drummond ingressou no Grupo Escolar Dr. Carvalho Brito e aos 10 anos sua inclinação para arte literária já despontava; destacou-se ao escrever um texto narrativo conciso e breve, mas preciso em detalhes ao relatar uma viagem ao Polo Norte, com o episódio de um naufrágio inteiro e uma visita a um vulcão, do qual parece ter se aproximado metaforicamente, pois, ficou com o rosto rubro com os elogios da professora, explicitando a timidez na face.

Sua inibição, no entanto, não era maior que o gosto pela leitura que o fez capaz de aproximar-se de pessoas, como dona Ninita Castilho, esposa de um médico da região, que lhe proporcionava o acesso a revistas, como: “Careta” e a “Fon-Fon”, provindas da capital (na época, o Rio de Janeiro). A partir dessas leituras, Drummond ampliou seu conhecimento de mundo, passou a ter noção de como era o universo para além das cercanias daquela realidade mais rural que urbana onde vivia, conheceu um pouco do que acontecia e fomentava as sociedades de consumo nos espaços citadinos nos âmbitos nacional e internacional.

Fato também emblemático na sua primeira década de existência foi o presente que recebera do pai: uma coleção de vinte e quatro volumes intitulada: Biblioteca Internacional de Obras Célebres. Carlito deve ter suspirado de alegria ao ver chegar no lombo do burro (equinos eram muito usados na primeira metade do século XX como meio de transporte de pessoas e mercadorias), provavelmente imaginou que no peso carregado pelo animal estariam grandiosas viagens no curso das palavras a serem feitas. De fato, tão marcante foi a riqueza em letras que as repercussões ecoaram no poema intitulado: “*Biblioteca Verde*”.

BIBLIOTECA VERDE

Papai, me compra a Biblioteca Internacional de Obras Célebres.
São só 24 volumes encadernados
Em percalina verde.
Meu filho, é livro demais para uma criança.
Compra assim mesmo, pai, eu cresço logo.
Quando crescer eu compro. Agora não.
Papai me compra agora. É em percalina verde,
Só 24 volumes. Compra, compra, compra.
Fica quieto, menino, eu vou comprar.
Rio de Janeiro? Aqui é o coronel.

⁶ Depoimento no filme O Fazendeiro do ar, de Fernando Sabino e David Neves, 1974.

Me mande urgente sua Biblioteca bem acondicionada, não quero defeito.
 Se vier com um arranhão recuso, já sabe:
 Quero devolução de meu dinheiro.
 Está bem, Coronel, ordens são ordens.
 Segue a Biblioteca pelo trem-de-ferro,
 fino caixote de alumínio e pinho.
 Termina o ramal, o burro de carga
 vai levando tamanho universo.

[...]

A mãe se queixa: Não dorme este menino.
 O irmão reclama: apaga a luz, cretino!

[...]

Dorme, filhinho meu, tão doido, tão fraquinho.
 Mas leio, leio. Em filosofias
 tropeço e caio, cavalgo de novo
 meu verde livro, em cavalarias
 me perco, medievo; em contos, poemas me vejo viver.
 (ANDRADE, 1989, p. 169)

Nos versos acima, a memória drummondiana registrou para além da emoção em possuir aquela prenda literária, a situação do clã na sociedade e o contexto vivenciado no seio familiar. Aspecto relevante é o poder aquisitivo do pai, o coronel Carlos de Paula Andrade, que não se exime em atender ao pedido do filho Carlito. A compulsividade de Drummond em descortinar o mundo a partir daqueles livros repercutiu na dinâmica familiar, de um lado, o conflito com um irmão, que deveria dormir no mesmo quarto, irritado com seu comportamento a partir daqueles livros e de outro a mãe, de modo terno a preocupar-se com sua saúde mandando dormir.

Drummond estudou o curso primário na cidade natal e deu prosseguimento aos seus estudos entre Itabira, Belo Horizonte e Nova Friburgo. Nesta última cidade estudou no Colégio Anchieta, onde foi expulso por fazer poemas durante as aulas de português, algo rotulado na época como “insubordinação mental”. Já estavam presentes os contornos do “Gauche”, torto, destorcido, como descreverá seu traço identitário no Poema das Sete Faces. Em entrevista, anos mais tarde, o poeta declarou que foi trauma que o afastou da Igreja, pois se sentiu injustiçado por quem deveria promover justiça. E quando já famoso fora convidado para uma homenagem no Colégio recusou-se a comparecer. E no poema *Lanterna Mágica*⁷ declara em relação à Nova Friburgo: “*Esqueci um ramo de flores no sobretudo*” (ANDRADE, 2013,p.27).

Aos 18 anos Drummond mudou-se junto com a família para Belo Horizonte e no ano seguinte ingressou na faculdade para cursar Farmácia. Neste período fez amizade com

⁷ Poema publicado no livro *Alguma Poesia*.

Pedro Nava, Alberto Campos, João Alphonsus (filho de Alphonsus Guimarães) e outros, com os quais lançou o Modernismo em Minas gerais. E em 1924 recebeu os modernistas de São Paulo e Rio de Janeiro: Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral. Mário tornou-se a partir de então seu amigo e grande influenciador na arte da escrita. Em 1925 casou-se com Dolores e concluiu o curso de Farmácia. Como não se adaptou a profissão, passou a lecionar geografia e português no Ginásio Sul-americano em Itabira.

Mais tarde retornou a Belo Horizonte, onde passou a trabalhar no Jornal Diário de Minas. 1928 não foi só o ano em que publicou na revista *Antropofagia* o poema “*No meio do caminho*”⁸ como também o nascimento de sua única filha: Maria Julieta. Dois anos depois, em 1930, lançou seu primeiro de muitos livros: *Alguma Poesia*⁹.

Drummond muda-se mais uma vez em 1934, vai morar na então capital do país, Rio de Janeiro, onde passa a ser chefe de gabinete do ministro da Educação e Saúde Pública, Gustavo Capanema. Sua vida profissional assume três dimensões: funcionário público para seu sustento e de sua família, cronista por obrigação e poeta por vocação. Aos 60 anos aposentou-se do funcionalismo público, sua atuação como cronista foi até os 82 anos e como Poeta foi até se ausentar dessa existência, em 1987.

Para Sant’Anna (1992) o poeta instaura memória chegando a ter livros publicados pós-morte: *O Amor Natural* (1988), livro de poemas eróticos que Drummond não admitiu que fosse publicado em vida para não ser rotulado de pornográfico e *Farewell* (1996) que significa despedida em inglês. Foi uma vida de atividade poética intensa e resultante de muito labor, como nos aponta o próprio Drummond (1992, p.1344-1345):

Entendo que poesia é negócio de grande responsabilidade e não considero honesto rotular-se de poeta quem apenas verseje por dor de cotovelo, falta de dinheiro ou momentânea tomada de contato com as forças líricas do mundo, sem se entregar aos trabalhos cotidianos e secretos da técnica, da leitura, da contemplação e mesmo da ação. Até os poetas se armam, e um poeta desarmado é, mesmo, um ser à mercê de inspirações fáceis, dócil às modas e compromissos.

Em entrevista para Moraes Neto, Drummond (2007, p.59) declarou também em relação ao seu fazer poético: “(...) fui mais poeta pelo desejo e pela necessidade de exprimir sensações e emoções que me perturbavam o espírito e me causavam angústia. Fiz da minha poesia um sofá de analista. É esta a minha definição do meu fazer poético.”¹⁰

⁸ Trecho do poema: *No meio do caminho*, publicado no livro *Alguma Poesia*.

⁹ Primeiro livro de Carlos Drummond de Andrade, publicado em 1930.

¹⁰ Carlos Drummond respondeu à entrevista em 1987 e Geneton Moraes Neto publicou no livro *Dossiê Drummond* em 1994 que foi reeditado em 2007.

O desejo pulsante que nasceu no eminentemente universo rural e viveu durante a infância e parte da adolescência no cenário pecuarista mineiro, assimilou a ideia de “ruminar” e a fez em forma de poesia, que não se limita a esta primeira realidade vivida. Cabe nas camadas superpostas da experiência singular do ser humano Drummond também o que se passou no universo urbano, propiciando-nos um documentário histórico do século XX de substância artística depurada e tematicamente diversificada: o próprio fazer poético, a vida cotidiana, amor, memória, questionamentos dos homens e de si mesmo, com destaque para os temas sociais e familiares, não podendo deixar de ser reconhecido pela crítica literária. Daí nos aponta Antônio Candido (2017,p.83): “E é sem dúvida curioso que o maior poeta social da nossa Literatura Contemporânea seja, ao mesmo tempo, o grande cantor da família como grupo e tradição”.

No dia 5 de agosto de 1987 faleceu sua filha, Maria Julieta, em função de quem Drummond escreveu o último texto para depois de doze dias também despedir-se fisicamente desse plano. E assim declarou (2001, p.30)¹¹:

Dizem que seu rosto estava lindo, fresco, sem rugas, juvenil. Compareceram muitos amigos e fãs. 4 horas saímos para a longa caminhada até a sepultura, colocada em lugar elevado. Dolores não aguentou ir até o fim, apesar de insistir em caminhar. Eu fui mais além, mas também não ousei subir a escadinha final, que leva até a cova. Ziraldo arranjou um taxi que entrava num portão do cemitério, na rua General Polidoro, e que nos conduziu até a casa. Assim terminou a vida da pessoa que mais amei neste mundo. Fim.

Figura 2 – Carlos Drummond de Andrade e a filha Maria Julieta Drummond.



Fonte: Instituto Moreira Sales. Acesso em: <https://ims.com.br/por-dentro-acervos/maria-julieta-90-anos/>

Na última entrevista dada a Moraes Neto (2007), 5 dias antes da partida de Maria Julieta e 17 dias antes da sua, Drummond declara ter a impressão de que depois de vinte anos de morte seria relegado ao ostracismo. Mas, como a poesia é mais autêntica que uma

¹¹ A declaração do poeta data de 1987 e a publicação de Clenir B. de Oliveira ocorreu em 2001 no artigo: *Drummond o poeta que não suspirava* na revista *Discutindo Literatura*.

fala reveladora de humildade e não de realidade, a partir do dia 17 de agosto de 1987 o Poeta que deixou esse plano existencial apenas confirmou em seu poema intitulado *Eterno*:

ETERNO

E como ficou chato ser moderno
Agora serei eterno. [...]
(ANDRADE, 2012, p.267)

E depois em *Memória*:

[...] porque as coisas findas
muito mais que lindas
estas ficarão.
(ANDRADE, 2012-a, p.210)

Dessa maneira, buscaremos no próximo tópico, trazer à tona memórias familiares do poeta retratadas em seus versos, tendo em vista evidenciarmos o sentido de vida em família abarcando o histórico familiar que tanto nutriu o seu fazer poético.

2.3 Memória e retrato que se versa

A mente drummondiana é o mesmo espaço em que se desvendam as lembranças e se revela a imaginação. No entrecruzar de pensar e poetar emergem recordações e criação, fusão de sujeito e mundo, superposição de estampas a rememorar fatos que se aglutinam com a inventividade. Nesse sentido, poesia é vida para além da morte, é intemporal, vence o tempo, o transpõe ao resgatar passado no presente e projetar futuro, reúne a essência da vida, instaura a memória e transmite de modo original. No fluxo da linguagem poética, as imagens transpõem o tempo, a vida é debulhada nos retratos de forma a permanecer para além de si mesma.

Ao analisar as reminiscências poéticas de Drummond em ocasião dos cinquenta anos do livro *Alguma Poesia*, Costa Lima (1981, p.82) salientou:

Este poeta da memória sabe que o ver é apenas o instante inicial de uma aprendizagem que só se completa quando já não vemos; e do não mais visto, criamos uma outra e distinta visibilidade. Assim a memória poética não é um veto à ficção. Nem esta se nutre de fantasiar, esse sonhar acordado com que escapamos da realidade presente. Nutre-se sim da violência com que as coisas vivem em nós, condição para que se convertam em palavras, que já não designaram as coisas, mas serão elas próprias coisas significantes.

Segundo Antonio Candido (2006) o que Drummond faz ao escrever, é uma poesia de substância que acopla recordação à ficção, mescladas estão a anamnese e a inventividade. Nas obras *Boitempo* e *Menino Antigo*, o caráter autobiográfico se faz marcante, o poeta focaliza o passado como um registro de memória, a emotividade do momento de elaboração artística transfigura-se no tempo e no próprio poder de criação e não exala o emblema da aspereza encontrada em outras obras, antes o impulsiona ao encontro com suas reminiscências. Em tudo que se conta sobrepõe-se um narrador poético a rememorar no empenho de devassar seu eu no mundo, um cenário do qual fez parte e se vê de fora para dentro. É um adulto a documentar seu pretérito e de sua família com todo arcabouço cultural, uma constelação de um mundo longínquo do qual ele era integrante. A inserção nesse distante contexto é pitoresca, daí a importância da fotografia.

Ao contemplar a fotografia de sua família, Drummond estabeleceu uma dialética e sua hermenêutica da recepção gerou uma nova foto – grafia, o poema: “*Foto de 1915*”, ilustrado no livro *Menino Antigo*, de 1973, que expomos após a fotografia. E nós, mediados pela imagem na forma de desenho e pelo retrato versegado, imaginamos a cena e o que compõe os bastidores, reinterpretemos que aquele coletivo singulariza não só uma família, mas a família de Drummond num dado momento. Entre o primeiro registro fotográfico e o segundo decorreram algumas décadas. Daí se pode depreender o poder e significado daquela imagem inicial para memória afetiva do poeta.

A leveza escultural impressa e expressa no pequeno conglomerado de seres que forma a família de Drummond não exige a solidez. Há na foto de 1915, acima ilustrada, uma imobilização, fixação de um espaço e tempo de um universo simbólico. Só famílias com poder aquisitivo tinham a possibilidade de vislumbrar do contentamento da pausa do cotidiano para pose. Há uma imobilidade que identifica a realidade para além do que se revela, o contexto sócio- econômico.

Figura 3: Foto da família de Drummond em 1915¹²



Fonte: Instituto Moreira Salles. Acesso em: <https://ims.com.br/por-dentro-acervos/viagem-digitalizada-pelos-drummond/>

O código captado no instante da foto guarda em si uma memória, o que antecede está mergulhado ali, inserido de modo a fazer a distinção identitária, quem e como são os integrantes da família é registrado no singelo instante do flash. Contornos prescritivos que denotam uma aglomeração específica, um determinado clã.

Ao apresentar uma reflexão sobre Foto de Família sinaliza PIERRON (2009), é perceptível a existência de uma unidade que açambarca identidades que se vinculam por laços de parentesco. Há uma genealogia que comporta pessoas contemporâneas e que também identifica predecessores e sucessores. Assim podemos depreender a ideia de transmissão, relações intergeracionais e, mais ainda, verifica-se um pertencimento de linhagem, semelhança física e declinação genealógica. Constitui-se um reconhecimento de família atravessado pelo tempo que comunica. Percebemos entre os figurantes: diferenças de sexo, idade, e ao mesmo tempo, semelhanças de caracteres. A foto revela a ligação entre os membros que compõem a família, ela testemunha e interpreta o coletivo que se singulariza enquanto família. Há um conjunto, um “nós” e não um “eu”, de onde se pode depreender: relações entre os pais, paternas, maternas, filiais, fraternas.

A foto é um relato que narra uma realidade instantânea e especial. O momento da pose é uma diversidade que se irrompe na cotidianidade. É uma síntese que imprime permanência. A foto dialetiza passado, presente e futuro, possibilita retrospectiva, é uma

¹² No centro os pais: Julieta Augusta e Carlos de Paula, primeiro à esquerda é Carlos Drummond, atrás dele é o irmão Altivo, atrás dos pais é o irmão Flaviano, à direita são as irmãs: Rosa Amélia e Maria das Dores.

memória trabalhada que constitui um marco histórico, um prospectivo que se abre para vindouras projeções. No recorte da cena há traços que sinalizam a transmissão e transcrição, valores partilhados são repassados entre as gerações.

Em termos espaciais, a foto expressa o ser familiar com o mostrar do lugar doméstico, íntimo. Há uma cenografia que relata uma configuração que diz por meio da plasticidade o ser da família; há uma materialização da imagem mental e os efeitos da imagem concreta sugere uma lógica dos papéis e representações, sacralização do privado da família, dos elos que compõem o conjunto. Não é um tempo ordinário, profano, qualquer; há um ritual que marca o extraordinário. O enquadramento da foto não é apenas funcional, o corpo espacial da imagem pontua uma síntese icônica. Há uma exegese de onde se brota significados, somos movidos a interpretação, quem é parte e quem não é daquele clã, há inclusão e exclusão, pertencimento e estranhamento.

A fotografia de 1915 gerou o poema de mesmo nome:

FOTO DE 1915

Esta família são dois jovens
Alheios a tirar retrato.
Um se remira, espelho no outro
E se reencontra num abraço.

Vem surgindo filhos e penas.
Uns mal chegam, vão-se, enevoados.
Sobra tempo para imprimir
no papel o sonho da vida?

A família chega ao limite
De se sentar e recordar-se.
Já não cabe fotografia
Panorâmica; um dia coube?

De Santa Bárbara o fotógrafo
Chega em hora definitiva.
À tarde, a relva. Enquanto há sol,
Cadeiras pousam no jardim.
(ANDRADE, 1973, p. 89)

Ao analisarmos o poema compreendemos que o pronome demonstrativo “esta” indica a aproximação do sujeito com a referência: família. A descrição que se sucede evoca aspectos do cotidiano que não são ilustrados na foto/imagem, mas que rememorados por Drummond eclodem e nos transportam imagetivamente para o contexto da “Foto de 1915”. A demonstração de identificação e afeto entre os pais, além da emoção do inusitado

momento de pausa para pose da foto que rompe a cotidianidade é versejada: “um *se remira, espelho, no outro/e se reencontra num abraço.*”, mas também é pontuada a problemática existencial, as dificuldades de se criar os filhos (... e tormentosos trabalhos), e os problemas inerentes às relações familiares (*esta família é mais complexa*). No entanto, tudo isso não cabe no desenho que compõe os contornos da imagem, não podem ser capturados pelo fotógrafo e nem se configuram enquanto desejo de se explicitar (...*nem se pensa em colher imagens*). O instante do flash é muito fugaz, incapaz de conter e expressar os âmbitos onírico e meditativo que perpassam nas mentes do clã, muitos corpos nem chegam a figurar.

A família de Carlos Drummond vivia em Itabira (Minas Gerais) próxima à Santa Bárbara, de onde provinham o médico, o fotógrafo, este último elucidado neste poema: (*De Santa Bárbara o fotógrafo...*). Oito irmãos de Drummond morreram na primeira infância e seis ficaram adultos¹³. Daí a reunião de família que não sugere *fotografia panorâmica*, faz alusão aos *enevoados*, irmãos que viveram pouco tempo. Os quais foram registrados em outro poema: “*Os Chamados*”.

OS CHAMADOS

Elias vive 8 dias.
 Sua biografia está em duas linhas paroquiais
 E já surge Lincoln
 Chamado a viver 3 meses e 23 dias.
 Antônio resiste
 1 ano, cinco, 3 dias.
 João de Deus: 2 anos, 9 dias.
 Vem Sílvio: 4 meses e 3 dias.
 E vem Olavo: 1 ano e 17.
 Geraldo vive uma eternidade: 3 anos, 5 dias.
 Flávia não vai além de 27.
 É tempo de parar e chorar[...]
 (ANDRADE, 1989, p. 115)

Ao projetar sua memória com a figuração de familiares mortos e vivos, Drummond nos brinda com o poema intitulado *Retrato de Família*, que nos transporta por meio do arranjo de palavras versejadas ao retrato de família e mais que isso, o poeta nos convida a

¹³ Segundo depoimento de Heraldo Andrade, sobrinho de Carlos Drummond, em entrevista à Leda Lage Carvalho, no começo do século XX por não existir vacinas, pelo difícil acesso aos médicos que eram levados em cavalos ou lombos de burros às fazendas associado ao fato de famílias abastadas não acreditarem no poder medicinal dos preparos caseiros havia uma grande mortalidade infantil nas classes sociais mais elevadas. (CARVALHO, 2007, p.40)

um mergulho nas turbulentas águas que circulam e preenchem o complexo contexto familiar. A foto delineada pelos vocábulos em função de traduzir um dinamismo histórico é capaz de ilustrar o que não está explícito pelo flash fotográfico. Vejamos o poema:

RETRATO DE FAMÍLIA

Este retrato de família
está um tanto empoeirado.
Já não se vê no rosto do pai
quanto dinheiro ele ganhou.

Nas mãos dos tios não se percebem
as viagens que ambos fizeram.
A avó ficou lisa e amarela,
sem memórias da monarquia.

Os meninos, como estão mudados.
O rosto de Pedro é tranquilo,
usou os melhores sonhos.
E João não é mais mentiroso.

O jardim tornou-se fantástico.
As flores são placas cinzentas.
E a areia, sob pés extintos,
é um oceano de névoa.

No semicírculo das cadeiras
nota-se certo movimento.
As crianças trocam de lugar,
mas sem barulho: é um retrato.

Vinte anos é um grande tempo.
Modela qualquer imagem.
Se uma figura vai murchando,
outra, sorrindo, se propõe.

Esses estranhos assentados,
meus parentes? Não acredito.
São visitas se divertindo
numa sala que se abre pouco.

Ficaram traços da família
perdidos no jeito dos corpos.
Bastante para sugerir
que um corpo é cheio de surpresas.

A moldura deste retrato
em vão prende suas personagens.
Estão ali voluntariamente,
saberiam — se preciso — voar.

Poderiam sutilizar-se
no claro-escuro do salão,
ir morar no fundo dos móveis
ou no bolso de velhos coletes.

A casa tem muitas gavetas
e papéis, escadas compridas.
Quem sabe a malícia das coisas,
quando a matéria se aborrece?

O retrato não me responde.
ele me fita e se contempla
nos meus olhos empoeirados.
E no cristal se multiplicam

os parentes mortos e vivos.
Já não distingo os que se foram
dos que restaram. Percebo apenas
a estranha ideia de família
viajando através da carne.
(ANDRADE, 2012a, p. 75)

O poema ‘Retrato de Família’ fora publicado no livro *A Rosa do Povo* (1945) e depois na *Antologia Poética* na seção: A família que me dei. As lembranças causam inquietação, instabilidade que gera reflexão. O pronome “esta” usado para identificar a família que pousava para Foto de 1915, aqui ressurgue no masculino “este” para fazer referência a um elemento que assume a centralidade da memória familiar, o “retrato de família”.

Em “Retrato de família” há um movimento que ressignifica o passado. Ao afirmar que o retrato “está um tanto empoeirado”, o eu lírico explicita a passagem do tempo. A poeira é neste caso uma imagem polissêmica, nos remete a dificuldade de enxergar com nitidez a figuração de nossa memória, evidencia instabilidade e corrosão. Alude também à materialidade do retrato, condição de papel que perece, fica amarelado, como a avó. Nesta e nos demais figurantes se ilustra também referências que agregam aspectos de um cenário geral, como o regime monárquico brasileiro já extinto sem significados de memória para avó que viveu em tal período, mas em função do envelhecimento já não se recorda, ou seja, nesse retrato, os corpos não só tem vida como também estão subordinados aos efeitos da existência no mundo, não são seres inanimados.

“O dinheiro”, “as viagens”, acontecimentos corriqueiros que entram no esquecimento, são apagados na fotografia enquanto imagem, já na narrativa fotográfica emergem preenchendo lacunas, entretanto, nem tudo é revelado sobre os personagens, ainda que possamos inferir alguns aspectos da vida familiar, como o fato do pai ser o provedor. Tal como na realidade o eu lírico narrador não conhece por completo os seres que compõem a sua família. Interessante é que migram, mudam de comportamento, reverberam sentimentos, denotando vida, relações familiares. E por mais que haja estranhamento aos parentes, há perpetuação de vida, quando uma geração murcha, outra se “propõe”, e o desfecho é dinamicidade, predecessores e sucessores a ressoar continuidade da família com todos os seus percalços.

Ao refletirmos acerca da poética do espaço percebemos que “a casa” de “muitas gavetas” e “escadas compridas”, e tudo mais que a compõe habita um lugar na memória de Drummond, a imagem cenográfica captada no retrato versejado é uma recriação, uma espacialidade mnemônica. O percebido no passado atingiu sua sensibilidade de tal modo que sua subjetividade careceu retratar e compartilhar. Há aspectos socioculturais assimilados que formam o dueto: imagem e lembrança. A “sala que se abre pouco” é um exemplo, um local em que o núcleo familiar estabelece relações com o mundo externo, ou seja, reuniões com não moradores que podem ser parentes, como os que pousam no “retrato de família”. A dimensão existencial também é espacialmente identificada: “o jardim tornou-se fantástico”, o verbo “tornar” indica a transfiguração, a transitividade da vida, o florescer e o arrefecer.

A adjetivação da ideia de família como “estranha” nos faz pensar que inerente à família estão peculiaridades que não eximem a substância do que é ser família. “Não tem raízes, tem pernas e por estas circula sangue e estão ligadas a um corpo que é parte integrante de uma família”(PIERRON, 2009,p.15) o que sugere movimento, daí o verbo viajar no poema conjugado no gerúndio, transmitindo a ideia desse constante vir a ser, dessa metamorfose que não deixa de ecoar o sentido original que preserva as especificidades de uma determinada identidade familiar.

A hereditariedade da família é mantida em sua essência poética, ressuscita o passado, resgata o pretérito com seus antepassados e sopra vida por meio da palavra, dá continuidade ao que se foi; não admite apagar a memória. Objetos como: Baús, gavetas, escadas compridas expressam a dimensão de vida que é guardada na reminiscência afetiva, há zelo e dinamismo configurando um perdurar pulsante. É interessante salientar a presença de ausência registrada dos membros que já não se encontram neste plano. Os antepassados

são invisíveis, toda recordação é uma simbiose de afeto e ideias. A foto é uma constituição memorial que dá vida a quem não mais tem. A foto é grafia que une imagem e imaginação, como podemos observar no poema a seguir:

OS MORTOS DA SOBRECASACA

Havia a um canto da sala um álbum de fotografias intoleráveis,
alto de muitos metros e velho de infinitos minutos,
em que todos se debruçavam
na alegria de zombar dos mortos de sobrecasaca.

Um verme principiou a roer as sobrecasacas indiferentes
e roeu as páginas, as dedicatórias e mesmo a poeira dos retratos.
Só não roeu o mortal soluço de vida que rebentava
que rebentava daquelas páginas.
(ANDRADE, 2012a, p. 238)

Neste poema, *Os mortos da sobrecasaca*, há o resgate dos ancestrais que, se tiveram sua existência corpórea aniquilada, emergem ressurretos nos recônditos da memória que arquiva a iconografia. E aí se configura uma ambiguidade, pois, o álbum é um mausoléu de onde se brota vida, os mortos representam a humanidade. A imortalidade está na continuidade da vida por meio de descendência. O “*soluço de vida que rebentava daquelas páginas*” é afetivamente registrado pelo poeta. E sobre “*os infinitos minutos*” a vida permanece. O passado tem imagens com existências presentificadas.

Ao estudar o binômio Terra e Família na Poesia de Carlos Drummond de Andrade, Coelho (1973, p.229) afirmou:

Em mais de dois terços dos poemas estudados, os temas da “terra” e da “família” Drummond os trata de um ponto de vista retrospectivo, situando-se no presente e voltando os olhos para o passado; daí que a poesia do binômio seja uma contínua “poesia da “reminiscência”, estruturada à base da memória e não raro portador de um poder elegíaco; daí que também ciclicamente recorra às fotografias (guardadas em álbum ou penduradas à parede) como ponto de partida à evocação.

A memória rompe a opacidade dos corpos dos ascendentes finados ao encarnar poeticamente dinamicidade na matéria, ao focar olhar no álbum e fazer penetrar a afirmação do tecido vital.

O poema se inscreve na entrecruzada de dois planos: o da narratividade, em que brevíssima história é relatada, e o da descritividade fotográfica, capaz de registrar- no átimo de um flash e de modo aplainado – um conjunto de percepções ora sequenciais, ora cumulativas, ora simultâneas.” (CAMPOS, 2002, p.63)

A permanência se ergue a partir do que já se arruinou e ressignifica a existência, como uma espécie de “Resíduo”:

(...)
pois de tudo fica um pouco
fica um pouco de teu queixo
no queixo de tua filha.

(...)
de ruga na vossa testa,
retrato.

(...)
O insuportável mau cheiro da memória.

(...)
e sob os gonços da família e da classe
fica sempre tudo.

(...)

(ANDRADE, 2012a, p.283)

Semelhante ideia de que nossos antepassados perduram em nossa existência está no poema “*Convívio*”, que expomos logo a seguir, um dos que compõe a seção “A Família que me dei” da *Antologia Poética* organizada pelo próprio Drummond, conforme já dissemos, fato que sinaliza o quanto para este poeta a existência da família está atrelada a gerações passadas e a memória afetiva que constitui essa constelação.

CONVÍVIO

Cada dia que passa incorporo mais esta verdade, de que eles não
[vivem senão em nós
e por isso vivem tão pouco; tão intervalado; tão débil.
Fora de nós é que talvez deixaram de viver, para o que se chama
[tempo.

E essa eternidade negativa não nos desola.
Pouco e mal que eles vivam, dentro de nós, é vida não obstante.
E já não enfrentamos a morte, de sempre trazê-la conosco.

Mas, como estão longe, ao mesmo tempo que nossos atuais
[habitantes
E nossos hóspedes e nossos tecidos e a circulação nossa!
A mais tênue forma exterior nos atinge.
O próximo existe. O pássaro existe.
E eles também existem, mas que oblíquos! e mesmo sorrindo
[que disfarçados...

Há que renunciar toda procura.
Não os encontraríamos, ao encontrá-los.

Ter e não ter em nós um vaso sagrado,
um depósito, uma presença contínua,
esta é nossa condição, enquanto,
sem condição, transitamos
e julgamos amar
e calamo-nos.

Ou talvez existamos somente neles, que são omissos, e nossa
[existência,
apenas uma forma impura de silêncio, que preferiram.
(ANDRADE, 2012a, p.88)

Quem nos originou está em nossa existência, o que somos está permeado do que e de quem veio antes, nascemos em meio a uma cultura, e vamos nos constituindo num mundo preexistente. Em vista disso o nosso modo de constituir família está atrelado ao contexto em que encarnamos nossa existência e como desdobramos as nossas interações com o meio ao longo da vida.

No capítulo vindouro, teceremos acerca de como Carlos Drummond versegou o seu processo de subjetivação no decorrer de sua vivência em meio à família e à sociedade como um todo.

3.0 CAPÍTULO II: Sujeito – Família – Contexto Social

3.1 - Um Eu a remirar múltiplos reflexos

Como afirma Mandelbaum (2019), o indivíduo é uma construção do coletivo e, portanto, o psicológico é um fruto do social que aspira pelo coletivo, o valoriza e se anela a ele com equivalente veemência e provém da mesma raiz a partir da qual se desdobra em sujeito.

Está em nossa origem o que nos impele a ser o que somos, mas que não nos define como um todo acabado. A nossa subjetividade é um constante vir a ser que vai se construindo e sofrendo metamorfose na interação com o social. Um mundo previamente constituído, uma cultura em um peculiar contexto histórico nos antecede. Nascemos em uma determinada família que por sua vez está inserida em uma sociedade e período específicos. Nossa individualidade caminha no trilho da coletividade e de modo dinâmico e simbiótico vai se concebendo e se perfazendo enquanto ser no mundo. O que nos identifica enquanto sujeito é o intercambio que se desenrola entre o individual e o coletivo, ou em outras palavras entre o psicológico e sociológico.

A conexão psicossocial que há em nós, seres humanos, nos faz resgatar memória e fazê-la pulsar na medida que projetamos futuro. Construimos história e ao mesmo tempo somos constituídos por ela, mas esse processo é tenso, conflituoso. Há edificação e destruição, há preservação e decomposição a demandar um movimento ao novo que se pauta em ressignificações singulares. Somos seres cambiantes entre o público e privado, sujeitos ímpares tecidos no mundo a compor nossa subjetividade de modo dialético.

Carlos Drummond escasseia descompor o seu ser e o mundo para recriar através da Poética. Questionamentos pessoais e sociais se inter cruzam. Nas entranhas dos versos se constitui uma dialética existencial em que especulações filosóficas, psicológicas e sociológicas confluem e delineiam traços que identificam Drummond no movimento de criação e ao mesmo tempo de confissão de experiência vivida em que sua personalidade é exposta. “A poética traz em seu bojo a contradição em relação ao conceito de identidade na medida em que a condição humana conteria este passo para um vir-a-ser que nega o-que-é, em uma dialética existencial superada neste momento do instante consagrado do poético.” (RABINOVICH, 2001, p.211)

A subjetividade que povoa o lirismo drummondiano coaduna bem com os matizes narrativos e dramáticos que compõem o cenário existencial. A lírica assume uma forma

reflexiva e ao mesmo tempo criativa, a consciência percebe a realidade e por meio da criatividade liberta as emoções. O pensar sobre o externo permeado de sentidos faz com que a subjetividade ganhe aprofundamento e desdobramentos imaginativos. A densidade meditativa é composta de ideias e expressões de sentimentos. Num estilo moderno, de modo peculiar e conflituoso, há uma aglutinação de alma e mundo que constitui a história em versos. O que Drummond experiencia e sente em relação ao mundo é o tecido de sua Arte.

A poesia, espécie de mineração, é uma Arte de lavar palavras: inscreve a marca do sentimento numa forma de linguagem. Por isso, ela traz em segredo, feito enigma, como uma cicatriz, algo de sentido do mundo que só sua forma pode conter e, de repente, revelar.(ARRIGUCCI, 2002 p.17).

O poeta se arvora na cata de decifrar, revelar o próprio enigma, na busca de significado, escreve e se inscreve no arranjo de palavras. A poesia traz o germe que supera os problemas e incorpora as camadas mais profundas da experiência histórica. As palavras não são neutras nas composições versificadas em função de encarnarem o lugar comum e transformarem em revelação, projeção de imagens. A singularidade de Carlos Drummond está em saber como ninguém narrar em versos desde nossa cotidianidade até as complexidades de nossa existência. Soube associar os fatos gerais que revolucionaram o século XX com aspectos de nossa fragilizada subjetividade, vulnerável personalidade.

A multiplicidade caótica do mundo moderno tocou o seu viver e a poesia foi a forma que deu ao “sentimento do mundo”. A variação linguística depende do contexto do poema, daí a compreensão requer análise do momento, do cenário, da conjuntura específica. Mais que isso, o encadeamento intrínseco de sua arte carece de olhar mais apurado, atento as minúcias. Há uma modulação em seus poemas que levam do riso à seriedade, uma discrição ou timidez irônica. Uma certa mesclagem de confissão e hostilidade, uma alternância de humor que sugere um prognóstico de um “eu reflexivo” atrás do “eu”. Um discurso transversal, oblíquo, torto, atribuído à interferência de um “Anjo torto”. Diante dessa conjunção psicossocial poeticamente encarnada, Mandelbaum (2010) refere-se ao *Poema das sete faces* para ilustrar a realização da construção pessoal, a concepção de vida e mundo do ser humano.

As sete faces são como inúmeras “selfs” a revelarem que a identidade perpassa pela alteridade, se flexiona e se constitui no curso da vida, se modifica de acordo com o encontro do sujeito com outros sujeitos. Não há univocidade, é uma travessia multifacetada no tempo de modo dialético em que o passado se mantém enquanto constitutivo da memória e o futuro se projeta por meio da imaginação.

Poema das sete faces é uma espécie aglutinada de retratos múltiplos a formarem um mosaico de faces e facetas que definem a singular e plural personalidade do eu lírico. Poema de abertura do livro inaugural, *Alguma Poesia*, e reaparece na *Antologia Poética* também encabeçando a obra e o capítulo intitulado: Um eu todo retorcido. Os apanágios divergem e se convergem numa espécie de descrição de personalidade babilônica. Há desconcerto no conjunto que imprime a tortuosidade.

Sujeito e mundo constituem uma desarmônia, uma incompatibilidade, um conjunto que integra desintegrantes, associação de dissociáveis. São facetas totalmente irregulares e descontínuas, uma coxa de retalhos disforme. Contradições, conflitos, angústia em meio comicidade e ironia revelam a personalidade “gauche” do sujeito poético. A interferência metafísica o faz errante, desajeitado. Há um paradoxo: se opta pela submissão ao Anjo torto segue a tortuosidade, mas se não o faz recai na contramão, é Gauche do mesmo jeito. Abaixo, parte do poema entrecortado por algumas considerações:

Quando nasci, um anjo torto
 Desses que vivem na sombra
 Disse: Vai, Carlos! Ser gauche na vida.

(...)

(ANDRADE, 2012a, p.19)

Desde o nascimento há uma demanda original, uma espécie de “sombra” que irá acompanhar “Carlos” durante toda vida e determinar sua concepção do que é ser humano, sua visão de mundo. O Gauche é sua ontogênese, não é uma alternativa, ele é requerido desde o espectro de sua fase embrionária e se desenverga de forma ímpar. A poesia é a forma lapidada de si dizer. Desvelar-se permeado de incongruências, permanência e ruptura, inovação e tradição.

Ao refletir sobre o gauche, enquanto forma de se identificar, percebemos os traços psicológicos do autor. Ser Gauche é uma condição um tanto quanto difícil para um ser estar no mundo. De origem francesa, o termo “gauche” tem correspondência com o que está à esquerda, às avessas, do lado torto, refere-se a um sujeito desengonçado, inapto, acanhado.

(...)

O homem atrás do bigode
 É sério, simples e forte
 Quase não conversa

Tem poucos, raros amigos
O homem atrás dos óculos e do bigode.

Meu Deus, por que me abandonaste
Se sabias que eu não era Deus
Se sabias que eu era fraco.
(...)

(ANDRADE, 2012a, p.19)

Em uma estrofe se caracteriza como “forte” e na seguinte, antagonicamente se adjetiva como “fraco” utilizando-se do apelo cristológico, por meio do qual pode ser feita uma analogia à relação pai e filho, de um lado Deus / Pai todo poderoso e de outro, Jesus Cristo/ Filho a caminho da morte, fragilizado e desmoralizado. Enquanto seu pai era o patriarca, um líder, um coronel, Carlos Drummond é comparativamente o filho fraco, destituído de poder, não tem aptidão para os negócios da fazenda, como veremos no poema “Os bens e o sangue” em que apresenta narrativa do descendente deserddado.

(...)

Mundo, mundo vasto mundo
Se eu me chamasse Raimundo
Seria uma rima, não seria uma solução
Mundo, mundo vasto mundo
Mais vasto é meu coração.

(ANDRADE, 2012a, p.19)

Os versos não surgem do aleatório, são partes de uma construção assentada no paradoxo gauche, ligada à origem mas aspirante do novo. O que o poeta é está para além dele mesmo. Segundo Mandelbaum (2010), no inconsciente se vertem os recônditos da memória a formar uma arquitetura de incongruências, uma torre de babel. A “sombra” do anjo torto não é falta de luz, e sim a clareza de um mistério. As sucessivas polarizações são as dimensões do aqui e agora que compõem o viver. Se Carlos fosse Raimundo não resolveria, não exterminaria o conflito, não extinguiria a crise existencial. A desarmonia não é só “eu com o mundo”, é antes interna: “mais vasto é meu coração.”

A imensidão de sentimentos e sentidos que povoam o coração do eu lírico tem uma representatividade mais significativa, por isso de maior amplitude que o próprio mundo. Trata-se de uma subjetividade que adensa em seu universo o externo conturbado que junto com as crises internas torna tudo mais dispare, incongruências que se sobrepõem num

arquétipo estranho, totalmente dissonante, uma personalidade contrastante que caminha entre o cômico e o sátiro sem deixar de ser também dramático reflexivo. E para completar com ironia perspicaz, o poema termina reunindo elementos dos cenários rural e urbano, o natural e o industrializado: “lua” e “conhaque”, respectivamente.

(...)

Eu não devia te dizer
 Mas essa lua
 Mas esse conhaque
 Botam a gente comovido como o diabo.
 (ANDRADE, 2012-a, p.20)

A consciência crispada, revelando constrangimento da personalidade, leva o poeta a investigar a máquina retorcida da alma; mas também a considerar a sua relação com o outro, no amor, na família, na sociedade. E as relações humanas lhe parecem dispor-se num mundo igualmente torto. (CÂNDIDO, 2017, p.77)

O eu retorcido do “*Poema das sete faces*” concebe a tortuosidade do mundo como condicionante da individual. O que acontece é uma reciprocidade de desencontros e, portanto, incorrespondências, uma incompreensão, sempre o mundo oferece obstáculos aos sentimentos, de algum modo há restrições existenciais.

O primeiro embate do eu desajeitado, destorcido se dá com o mundo familiar. Uma angústia que brota do terreno histórico familiar, ser gauche é fazer oposição. Daí o ser que se nega a manter o patriarcado rural é o mesmo que não atende ao Anjo gauche por ser propriamente destorcido, um paradoxo o impulsiona o que ele virá a ser, submissão e criação poética, anamnese e imaginação criativa. Do mesmo corpo marcado de memória familiar se irrompe o predestinado e surpreendente sujeito poeta.

Em *Os bens e o sangue*, parece confirmar-se que outro modo de ser teria sido impossível, pois o que existe já fora predeterminado desde sempre na própria natureza da família que o gerou. O extraordinário poder do grupo familiar consistiria em excluir qualquer outro modo de ser para o descendente; consistiria numa imanência todo-poderosa que lhe traça bitolas e explica por que ele precisa dela para compreender a si mesmo, na sua natureza e nas suas relações. Reciprocamente, o seu destino completa e explica o da família, que também não poderia ter sido outro. (CÂNDIDO, 2017, p.88)

Drummond ao relatar sua história de “desmembramento” e “ligação” com seu passado familiar também desencava aspectos da realidade social brasileira. No poema “*Os bens e o sangue*”, através da história de seus ancestrais, há uma retomada decadência da mineração no Brasil e ascensão da pecuária e agricultura, final do século XVIII e primeira metade do século XIX. O texto se inicia com a periodização e localização, além de pontuar

se rirá ele da morte.
(ANDRADE, 2012a, p.78)

Da trágica condenação surgirá o excepcional, o fenomenal é “*vergonha da família*”, se assenta no paradoxo de ser negação e busca, “*nobre que se humilha*”, “*violento sem movimento*”, ser que de “*nudez se veste*” ao despir ou revelar o ser poético, com “passo túbio” encontrar “equilíbrio” e inaugurar mundo, iluminar o enigma, a “escuridão” se abre em “clarão” ao passo em que a poesia se revela. O poeta é o ser extraordinário, o que é experienciado no histórico familiar não é autêntico em si, mas no momento em que é refeito no universo da palavra que encarnou o ordinário.

[...]

Este figura em nosso
pensamento secreto.
Num magoado alvoroço
o queremos marcado
a nos negar; depois
de sua negação
nos buscará. Em tudo
será pelo contrário
seu fado extra-ordinário.
Vergonha da família
que de nobre se humilha
na sua malincônica
tristura meio cômica,
dulciamara nux-vômica.

Este hemos por bem
reduzir à simples
condição ninguém.
Não lavrará campo.
Tirá sustento
de algum mel nojento.
Há de ser violento
sem ter movimento.
Sofrerá tormenta
no melhor momento.
Não se sujeitando
a um poder celeste
ei-lo senão quando
de nudez se veste,
roga à escuridão
abrir-se em clarão.
Este será tonto
e amará no vinho
um novo equilíbrio

e seu passo túbio
 sairá na cola
 de nenhum caminho.
 (ANDRADE, 2012a, p. 79)

A intervenção da exploração estrangeira é demarcada com a citação da Companhia Inglesa e outros percalços do coletivo global e do grupo dos Andrade, e tudo desemboca no filho inapto para manter a tradição do clã, mas que se distingue enquanto Poeta que rompe com o patriarcado rural. Como afirma Sant'Anna (2008, p.75): “A obra de Drummond é um dos raros testemunhos, em poesia, da desintegração da família no plano socioeconômico e de suas repercussões na psicologia individual”.

[...]

Os urubus no telhado:

E virá a companhia inglesa e por sua vez comprará tudo
 e por sua vez perderá tudo e tudo volverá a nada
 e secado o ouro escorrerá ferro, e secos morros de ferro
 taparão o vale sinistro onde não mais haverá privilégios

[...]

(ANDRADE, 2012a, p. 81)

Arelado à dimensão psicológica de cada sujeito está um emaranhado que aglutina o social, o cultural e o econômico. Por mais que Carlos Drummond fosse inapto aos trabalhos do mundo rural, toda falta de identificação com o contexto em que viveu durante a infância e parte da adolescência não exime a assimilação e a subjetivação de ideias, de tudo que compunha aquela atmosfera. Como pontua Correia (2002), o poema “*Os bens e o sangue*” se constitui em uma declaração que existe uma vinculação da subjetividade com uma realidade substancial e objetiva: a família. Sua narrativa poética substancializada com a cronografia familiar denotam sua forma de ser no mundo. Sua identidade de poeta é nutrida pelo que reflete a respeito da família enquanto instituição, mas também como dimensão axiológica.

O conhecimento do passado familiar é fundamental para compreender a si mesmo. Se os negócios realizados por seus antepassados demoliram o patrimônio, seu modo de ser foi condicionado. Como expressou Mata (1987), a família não é tão somente esteada na genealogia e nos elos jurídicos como também consiste em um valor, um marco de confluência. Sua rejeição assim como sua identificação revelam seus processos de assimilação e individuação a partir do campo de ascendência familiar, são expressas nos versos abaixo:

[...]

Ó monstros lajos e andridos que me perseguis com vossas
[barganhas
 sobre meu berço imaturo e de minhas minas me expulsais.
 Os parentes que eu amo expiraram solteiros.
 Os parentes que eu tenho não circulam em mim.
 Meu sangue é dos que não negociaram, minha alma é dos pretos,
 minha carne dos palhaços, minha fome das nuvens,
 e não tenho outro amor a não ser o dos doidos.
 Onde estás, capitão, onde estás, João Francisco,
 do alto de tua serra eu te sinto sozinho
 e sem filhos e netos interrompes a linha
 que veio dar a mim neste chão esgotado.
 (ANDRADE, 2012a, p. 81)

Há um paradoxo de sentido existencial que embala a epopeia, a delapidação dos bens materiais é também a lapidação do metal mais precioso, a poesia, que por sua vez é fundamentada na história da família. A maldição dos antepassados é o prelúdio essencial que termina por revelar-se em justiça ao fazer nascer o ser do “*poeta de uma poesia que se furta e se expande*” (ANDRADE, 2012-a, p. 82). Se Drummond não tem aptidão para seguir a tradição familiar do patriarcado rural é porque sua mente permeada da emotividade o faz “fazendeiro do ar”¹³, (título de um livro que de modo obliquo revela reconhecimento identitário com a identidade rural de seu clã) esse despojar proporciona o bosquejo do eu com o outro mais próximo, o divergente compõe sua biogênese, por isso nega e acolhe, açambarca, transpassa e dilata em sua subjetividade poética. Carlos Drummond foi predeterminado a ser poeta, foi gerado pela família para este fim, ele é ápice de sua origem.

[...]

— Ó meu, ó nosso filho de cem anos depois,
 que não sabes viver nem conheces os bois
 pelos seus nomes tradicionais... nem suas cores
 marcadas em padrões eternos desde o Egito.
 Ó filho pobre, e descorçoado, e finito,
 ó inapto para as cavalhadas e os trabalhos brutais
 com a faca, o formão, o couro... Ó tal como quiséramos
 para tristeza nossa e consumação das eras,
 para o fim de tudo que foi grande!

Ó desejado,
 ó poeta de uma poesia que se furta e se expande
 à maneira de um lado de pez e resíduos letais...
 És nosso fim natural e somos teu adubo,

tua explicação e tua mais singela virtude. . .
 Pois carecia que um de nós nos recusasse
 para melhor servir-nos. Face a face
 te contemplamos, e é teu esse primeiro
 e úmido beijo em nossa boca de barro e de sarro.
 (ANDRADE, 2012a, p. 82)

Para refletir sobre as características pessoais de um sujeito há que se considerar como cada um interage com sua família, como está enredada sua relação com sua origem.

A família é também um novelo de histórias a partir do qual cada um deve organizar-se e ganhar autonomia, como Carlos, cujo poema é uma elaboração sobre suas origens, os Andrade. A construção de nosso ser, essa operação ontogenética, é feita com o material familiar, em torno desse material, que é a filogênese de cada sujeito. (MANDEBAUMAN, 2019, p.8)

A poética drummondiana revela que desde a tenra idade há uma assimilação do sujeito em meio ao grupo familiar e ao mesmo tempo um distanciamento, um certo escapar e se identificar com um mundo que extrapola o contexto da cena sem lhe retirar por completo. Podemos perceber no poema “Infância” um “eu sozinho” e ao mesmo tempo, os pronomes possessivos relativos à primeira pessoa (meu, minha) fazerem referência às figuras paterna, materna e fraterna desse “eu”. Ao acompanharmos a narrativa deparamos com um cenário bucólico que não admite superficialidade romântica, antes configura estabilidade e autenticidade histórico-cultural. Apreciemos o quadro familiar apresentado no poema *Infância*.

INFÂNCIA

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
 Minha mãe ficava sentada cosendo.
 Meu irmão pequeno dormia.
 Eu sozinho menino entre mangueiras
 lia a história de Robinson Crusóé,
 comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu
 a ninar nos longes da senzala - e nunca se esqueceu
 chamava para o café.
 Café preto que nem a preta velha
 café gostoso
 café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo

olhando para mim:
 - Psiu... Não acorde o menino.
 Para o berço onde pousou um mosquito.
 E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava
 no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história
 era mais bonita que a de Robinson Crusoe.
 (ANDRADE, 2012a, p. 83)

A ambientação da família organizada nos padrões da aristocracia rural do século passado, em que Carlos Drummond se encontra ainda menino, como nos revela o primeiro verso do poema “Infância” um clima sugestivo de equilíbrio e serenidade, um delinear dos papéis dos componentes familiares naquele momento da vida que expressa de certo modo as identidades do pai, da mãe e dos filhos, em especial, Carlos Drummond, além da agregada: “preta velha”, de relevância afetiva para Drummond e uma significativa representante do povo negro no contexto sócio- histórico brasileiro. “Toda família tem a sua atmosfera, e cada família, na história das famílias, contribui para precisar um perfil para estabilizar uma figura.” (PIERRON, 2009, p.15)

O menino Drummond se identifica com o mundo de sua leitura, aparentemente desligado dos membros de sua família e envolvido com as aventuras de Robinson Crusoe, com quem estabelece uma aproximação por se sentir solitário como o herói da Literatura: “*Eu sozinho menino entre as mangueiras / lia a história de Robinson Crusoe*”. Já o pai é a figura que se distancia, é o fazendeiro patriarca, o que administra o que está fora das cercanias domésticas, a mãe, bem diferente do pai, é situada no domínio da casa voltada aos cuidados maternos, o irmão, um bebê a dormir próximo da mãe. Por mais que cada membro esteja imerso na sua realidade particular, a paisagem geral por não ser meramente decorativa e sim ser imbuída de consistência humana nos permite compreender um vínculo que integra o conjunto familiar.

A “preta velha” é o componente externo à família que tem importante papel afetivo e social. Ela que é parte provinda da senzala é quem é responsável por integrar os componentes da casa-grande, é a subalterna dentro da sociedade hierarquizada que não só serve a classe dominante, como também perfaz o elo agregador do clã. Como atesta Mata em seu estudo sobre família no Brasil: (...) “mas virá da senzala a energia vital (não apenas no sentido crasso da mera exploração do trabalho escravo), bem como a alegria e a

capacidade de viver com dignidade, no limite da própria condição humana.” (MATA, p.115).

No poema “*O Diabo na Escada*” do livro *Boitempo I*, o poeta faz referência à preta velha como uma figura acolhedora, que o protege, alguém que sabe de suas peraltices de menino e interfere na sua formação. Abaixo transcrevemos parte do poema:

O DIABO DA ESCADA

[...] Chego tarde, o lampião de querosene está de pavio apagado.

Subir direto à cozinha e embalar no colo da preta velha a

[consciência pesada.

[...]

É ela! Pressinto. Veio esperar-me no degrau do meio,

cúmplice

[e camarada.

Acaricio- lhe o pescoço, que tilinta de medalhas bentas, e

o som familiar soa diverso, abafado.

Sá Maria! Chamo baixinho, como no escuro se chama. Dá

um jeito deu não ser castigado.”

[...]

(ANDRADE, 1989, p. 161)

A linguagem coloquial no poema reforça a confiança e a aproximação do menino Drummond com a preta velha, por isso em “*Casa e conduta*”, poema do livro “*Esquecer para lembrar*” (*Boitempo III*), a sensibilidade do eu lírico expõe seu incômodo com a divisão de classes sociais, sua impotência diante da situação em que pessoas brancas ocupam uma posição privilegiada e as negras a cota inferior, contextualizando o período do início do século XX em que os afrodescendentes eram bastante explorados. Observemos o que nos sinaliza a produção versificada:

CASA E CONDUTA

As partes claras
e as partes negras
do casarão
cortam no meio

meu coração.

Sou um ou outro
móbil caráter
conforme a luz
que me percorre
ou se reduz.

Anjo- esplendor,
mínimo crápula,
não sou quem manda
em mim no escuro
ou na varanda.

Serei os dois
no exato instante
em que abro a porta,
ainda hesitantes,
a porta e eu?
O casarão
de lume-e-sombra
é que decide
meu julgamento
na opinião
dos grandes, sem
apelação
no indefinível
entardecer.
(ANDRADE, 1989, p. 87)

É perceptível assim como no poema “Os bens e o sangue”, por meio dos versos: “*Meu sangue é dos que não negociaram, /minha alma é dos pretos*”, uma identificação de Drummond com o povo oprimido, no caso os afrodescendentes escravizados. Mas, há uma oscilação, “do eu confuso”, proveniente da camada dominante, “as partes claras”, não tem poder para equacionar as diferenças entre as classes. O filho da aristocracia rural se “*furta*” da posição e se “*expande*” enquanto ser que se move pela afetividade, com ideais socialistas e se constitui sujeito Poeta e como servo da própria família, como consta em “Os bens e o sangue”: “*Pois carecia que um de nós nos recusasse/ para melhor servir-nos.*”

No poema América, o poeta assume a identidade físico- espacial, por ele se veiculam as palavras, é passagem e paisagem versificada e afirma: “*Sou apenas uma rua/numa cidadezinha de Minas/humilde caminho da América.*” Também nos diz: “*Uma rua começa em Itabira, que vai dar no meu coração./Nessa rua passam meus pais, meus tios, a preta que me criou.*” O lavrar de palavras nos indica uma percepção e subjetivação do concreto

que inaugura mundo e substancializa a vida com sentido poético. A lírica drummondiana passeia pelas ruas e penetra na intimidade da casa juntamente com os atores que compõem a família e a agregada. O caráter humanizado que transita entre o público e o pessoal equaciona valores afetivos que descompõem hierarquias sociais.

Numa atitude poeticamente elucidativa, Drummond exercita as palavras com perspicácia psicológica e define sua personalidade construída no seio da família e do lugar onde viveu e nasceu. Assim, Drummond nos aclarou no poema: Explicação.

EXPLICAÇÃO

[...] Não sou alegre. Sou até muito triste.

A culpa é da sombra das bananeiras de meu país, esta sombra

[mole, preguiçosa.

Há dias em que ando na rua de olhos baixos
para que ninguém desconfie, ninguém perceba
que passei a noite inteira chorando.

Estou no cinema vendo fita de Hoot Gibson,
de repente ouço a voz de uma viola...
saio desanimado.

Ah, ser filho de fazendeiro!

À beira do São Francisco, do Paraíba ou de qualquer córrego

[vagabundo,

É sempre a mesma sen-si-bi-li-da-de.

E a gente viajando na pátria sente saudades da pátria.

Aquela casa de nove andares comerciais
é muito interessante.

A casa colonial da fazenda também era ...

No elevador penso na roça,
na roça penso no elevador.

Quem me fez assim foi minha gente e minha terra

E eu gosto bem de ter nascido com essa tara. [...]

(ANDRADE, 2013, p. 74)

Como bem salienta Coelho (1973): “Condições sócio- familiares – Ah, ser de filho de fazendeiro! – plasmaram esta sensibilidade toda particular, em que o apelo da terra da tribo, formadores do caráter, respondem pelas ações e reações da vida subjetiva.” (COELHO,1973, p.96). O entrecruzar dos locais de morada no pensar e sentir do poeta conduzem ao encontro com sua história familiar em meio à cultura. O que explica seu modo

de ser está imbricado com o que é sua família e o contexto social desta. O cinema é elemento do cenário urbano, é o início da modernidade experienciada, assim como o elevador, entretanto, Drummond como “filho de fazendeiro” não pode se desvincular do que marca sua vivência na zona rural, daí a voz da viola, a casa colonial.

Interessante observar que o sentimento nacionalista é na verdade municipalista. A pátria que o poeta sente saudade é Itabira que não está longe do “prédio de nove andares comerciais” situado em Belo Horizonte. Já a casa colonial da fazenda remete a infância. Entretanto, percebemos que a comoção ufanista oscila entre o apego à origem natal e a inquietante falta de identificação com qualquer lugar, como denotam os versos: *No elevador penso na roça/ na roça penso no elevador.*

A metáfora da “sombra mole e preguiçosa das bananeiras de meu país”, nós podemos interpretar como aquilo ficou para trás no tempo, trata-se de uma “sombra” e que, entretanto, permanece na memória, é sua origem que se flexibiliza, posto que é “mole”, e o adjetivo “preguiçosa” imprime o ar de uma certa malemolência. As bananeiras evidenciam a brasilidade. Segundo Villaça (2006), o caráter nacional é explorado de modo caricato e sático identificando o brasileiro como melancólico, indolente, inzoneiro, enfim: produto de três raças tristes. Drummond articula aspectos gerais com particulares para deslindar seu jeito de ser.

Confidenciar é desvendar um segredo, expressar algo de fórum íntimo. No poema “Confidência de itabirano”, Drummond nos revela como o social com toda a sua geografia permeia a sua natureza, aponta o fato de que o mundo preexistente no qual ele nasceu imprimiu características na sua personalidade. Os aspectos culturais e econômicos de Itabira são traços não só assimilados na vivência, mas precipuamente provindos de sua origem. A saída de Itabira não retira a herança que identifica seu modo de ser. As “prendas” no cenário novo preservam sua memória histórica. O poeta não deixa de elucidar as transformações que causaram repercussões na sua condição socioeconômica, daí as referências ao “ouro” e ao “gado” que dizem respeito ao seu passado familiar conforme ilustrado no poema: Os bens e o sangue; e a condição de “funcionário público” como situação presente.

Importante salientar a importância da fotografia para o Poeta, conforme podemos perceber nos poemas supracitados no primeiro capítulo, como: *Foto de 1915, Os mortos da sobrecasaca, Retrato de família.* Neste poema: *Confidência do Itabirano*, a fotografia da cidade natal é o elemento de relevância significativa em função de ser a matéria figurativa de suas reminiscências de seu município. A distância geográfica corta o cordão

umbilical, mas não separa o sentido original que o liga a terra natal. Em entrevista, Drummond declarou: “O senhor tem saudades de Itabira ainda hoje? Tenho uma profunda saudade e digo mesmo: no fundo, continuo morando em Itabira, através das minhas raízes e, sobretudo, através dos meus pais e dos meus irmãos, todos nascidos lá e todos já falecidos. É uma herança atávica profunda que não posso esquecer. (Entrevista de Drummond a Geneton Moraes Neto, em Dossiê Drummond, p.62.)

Figura 4: Cidade de Itabira



Fonte: Vila de Utopia. Acesso em: <https://viladeutopia.com.br/itabira-a-do-poeta/>

CONFIDÊNCIA DO ITABIRANO

Alguns anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.

Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas.
E esse alheamento do que na vida é porosidade e
comunicação.
A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,

vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e sem horizontes.
E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,
é doce herança itabirana.
De Itabira trouxe prendas que ora te ofereço:
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;
este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;

este orgulho, esta cabeça baixa...
 Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
 Hoje sou funcionário público.
 Itabira é apenas uma fotografia na parede.
 Mas como dói!
 (ANDRADE, 2012a, p. 60)

A oposição “eu” versus “mundo” do sujeito Carlos Drummond se origina na família, o conflito extrapola o psicológico e avança o aspecto socioeconômico, ou melhor, estabelece conexões, uma espécie de via de mão dupla com pontos de convergência e, por muitas vezes, divergência, são confluências. Decadência do mundo rural e início da era industrial com todas as inseguranças e fragilidades das novas condições de trabalho atingiram o Brasil no início do século XX alcançam a trilha poética que delinea a subjetividade drummondiana.

O lirismo multifacetado tem origem em Minas, mais especificamente em Itabira, e essa origem está arraigada no poeta, é um traço que contém o modo de ser da família e da cidade do interior que o acompanha e se mescla à perplexidade do novo, às contingências do mundo moderno. As dimensões se alargam no imaginário na medida em que o itinerário geográfico avança, sai do universo provinciano de Itabira, passa por Belo Horizonte e chega ao Rio de Janeiro. Há uma densidade, novidade da metrópole e intrínseca na memória, a lembrança do passado.

No poema Edifício Esplendor publicado no livro José em 1942, o poeta salienta a frieza da realidade urbana, a desumanização provocada pelo distanciamento das pessoas e as demandas do novo desenhar da vida na cidade grande, no caso: Rio de Janeiro, capital do Brasil na época. Mas, também o resgate do passado em que vivia com sua família na zona rural é emoção angustiante. Isto revela que: “embora a poética possa ser um sentimento de um só, ela compartilha, de algum modo, de algo que vem da longa cadeia dos seres humanos anteriores e posteriores: ela se nutre da história que transcende.” (RABINOVICH, 2001, p.211)

EDIFÍCIO ESPLENDOR

[...]

III

Oh que saudades não tenho
 de minha casa paterna.
 Era lenta, calma, branca,
 tinha vastos corredores
 e nas suas trintas portas

trinta crioulas sorrindo,
talvez nuas, não me lembro.

E tinha também fantasmas,
mortos sem extrema-unção,
anjos da guarda, bодоques
e grandes tachos de doce
e grandes cismas de amor,
como depois descobrimos.

Chora, retrato, chora.
Vai crescer a tua barba
neste medonho edifício
de onde surge tua infância
como um copo de veneno.

IV

A vida jogada fora
voltava pelas janelas.

Meu pai, meu avô, Alberto...
Todos os mortos presentes.

Já não acendem a luz
com suas mãos entrevadas.

O retrato descoloria-se,
era superfície neutra.

Surgiram costumes loucos
e mesmo outros sentimentos.

Que século, meu Deus! Diziam os ratos.
E começavam a roer o edifício.
(ANDRADE, 2007, p. 96)

O Edifício Esplendor para além de uma edificação concreta que indicava o esvaziamento das relações sociais daquele período era também um construto abstrato reflexivo no qual Drummond resgatou sentimentos particulares de um passado um tanto quanto longínquo e fez emergir em meio a nova realidade social. Paradoxalmente o individual e o coletivo, o passado e o presente tornam-se simultâneos e um demarcar da estrutura psicológica a partir da família é que se faz saliente. O edifício esplendor é a morada fenomenológica de um habitar poético existencial.

Drummond, conduzido pela mística poética, vai à cata de se entender, de compreender o seu estar no mundo e ele o faz a partir da família. Daí a importância de se

fazer uma espécie de inventário poético em que são arroladas as circunstâncias da vida junto às evocações que esboçam o jeito singular de ser e de se constituir família, a herança que se perpetua como um resíduo infalível, algo que “insiste”, “acumula” e “enforma”.

A ideia do que seja família em Drummond ultrapassa a ideia de conjunto de pessoas, o pulsar da vida com toda expressividade se delineia no decorrer do tempo e imprime suas marcas na história individual. Os objetos assumem qualidades abstratas no processo de especulação existencial pois se configuram como atores junto aos seres humanos no espaço da memória. No poema “*Onde há pouco falávamos*”, a busca de compreender o que é família emerge de composto de coisas, expressões, sensações e pessoas. Observemos o verso em que isto se configura.

(...) Uma família, como explicar? Pessoas, animais,
Objetos, modos de dobrar o linho, gosto
de usar este raio de sol e não aquele, certo copo e não outro,
a coleção de retratos, também alguns livros,
cartas, costumes, jeito de olhar, feitio de cabeça, antipatias e inclinações infalíveis.
(ANDRADE, 2003, p.176)

Há “inclinações”, sempre uma forma “curva”, uma estrada sinuosa e pedregosa que o leva para Minas, porque lá está sua origem, está sua ancestralidade, sua família da qual “*se furta e se expande*”, é “vaso”, portanto receptor e “*depósito*”, mas também é “*transcendência*”, posto que é predestinado a ser “*gauche*” que se vê num movimento inquiridor do seu mundo. Há um fascínio por devassar, escavar seu espaço no clã para fundir seu inquietante enredo. “Essa travessia dificultosa é o caminho da história interior, a forma do sentimento lavrado em palavras.” (ARRIGUCCI JR., 2002, p.140)

Nossas origens nos conduzem a compreensão de como nos definimos ao longo da existência e a partir de nossas famílias nos acercamos relativamente de como nos relacionamos com o mundo. Assim, numa viagem que transita no caminho marcado pela dinâmica do fluir e refluir do tempo e do espaço, sinalizado pelo arcabouço cultural e atravessado por um pensar e poetar que vagueia sinuosamente ao encontro do nascedouro e do que manifesta ser a família, Drummond registra no poema *Indicações* publicado no livro *A Rosa do Povo* e também na *Antologia Poética*:

INDICAÇÕES

[...]
A mão passa
Na aspereza. O verniz que se foi. Não. É a árvore
que regressa. A estrada voltando. Minas que espreita,

E espera, longamente espera tua volta sem som. (...)

(...)

A família é pois uma arrumação de móveis, soma
de linhas, volumes, superfícies. E são portas,
chaves, pratos, camas, embrulhos esquecidos,
também um corredor, e o espaço
entre o armário e a parede
onde se deposita certa porção de silêncio, traças e poeira
que de longe em longe se remove... e insiste.

[...]

Pessoas deitam-se, são transportadas, desaparecem,
e tudo é liso, salvo teu rosto
sobre a mesa curvado; e tudo imóvel.

(ANDRADE, 2012a, p.41)

Interessante observar que o livro “A Rosa do Povo” foi publicado em 1945, período da segunda guerra mundial, em que a atmosfera da reflexão em um “*tempo de homens partidos*” se dissipa na solidão e a imaginação criativa ganha condensação nostálgica e angustiante. Por meio do poema “*Nosso tempo*”, Drummond pondera sobre sua solitude em meio a um quadro pintado com vocábulos que aclaram a realidade capitalista e desumanizada: “*Compra*”, “*gravidez elétrica*”. A família é projetada em seus porões, a *honra* e a *herança do gado* são saliências que destacam o elo com o seu clã, é a dimensão pessoal mergulhada na social do sujeito que migrou do universo rural para o urbano.

NOSSO TEMPO

VI

[...]

Nos porões da família
orquídeas e opções
de compra e desquite.
A gravidez elétrica
já não traz delíquios.
Crianças alérgicas
trocam-se; reformam-se.
Há uma implacável
guerra às baratas.
Contam-se histórias
por correspondência.
A mesa reúne
um copo, uma faca,
e a cama devora
tua solidão.
Salva-se a honra

e a herança do gado.
(ANDRADE, 2003, p.44)

Uma nova percepção delinea a construção que revive o passado no presente. O fio condutor retoma aspectos específicos, a revisitação tem relevo definido a desvelar um anseio por compreender de modo totalizado a história vivida, e se as retinas estão fatigadas pelo tempo, também admitem novas lentes capazes repropor parâmetros bem aguçados com lúcidas ponderações à cata de desvencilhar o primeiro mundo que não é senão a família, raiz primeira.

A tônica sobre a família, o outro mais imediato, incide no afã de compreender e conciliar dois modos de serem aparência irredutíveis – o do poeta e do grupo rural patriarcal – numa síntese que assegure tanto a individualidade do eu, quanto a integração do clã, resolvendo-se os contrários na descoberta de uma identidade pessoal que se reconhece como atualização de um dos possíveis de uma identidade transpessoal. (CORREIA, 2002, p.48)

Os problemas de ordem pessoal ou social sempre recaem na família, a partir desta última Drummond reflete a vida. No poema *Rua da Madrugada*, a perspectiva individual do discurso textual não se exime de surrealisticamente desencavar a presença da família por meio da figura paterna: “A chuva pingando/Desenterrou meu pai”. A musicalidade da ternura materna também ecoa em seus versos, como “*Canção Amiga*”: *Eu preparo uma canção/em que minha mãe se reconheça*. Em vista da relevância da figura paterna e da imagem materna, no próximo tópico analisaremos poemas que retratam tais componentes e suas reverberações no processo de subjetivação drummondiana.

3.2 O sujeito, a figura paterna e a imagem materna

O pai de Drummond era uma figura que na condição de patriarca nos moldes da aristocracia rural do início do século XX exercia no âmbito familiar uma tirania associada à proteção, um pêndulo a configurar segurança e arbítrio, como provedor tinha autoridade absoluta sobre todo o grupo familiar. Não só o pai, mas todos os componentes do clã tinham papéis bem definidos, um campo de relacionamento hierárquico em que a superioridade paterna é inquestionável e requer o respeito dos demais. O poeta “Carlos” de mesmo nome do pai, o que deve ter sido uma projeção, rompeu a tradição, não perpetuou o fazendeiro déspota, foi gauche, irreverente e isso gerou ostensivas barreiras no relacionamento e como

nos aponta Flexor (2015), nas famílias que tinham o modelo patriarcal a hierarquia marcava severamente a distância entre o pai e a prole.

“Psicologicamente, o próprio indivíduo contribuiu para ruptura do modelo familiar, porque sua liberdade pessoal só poderia ser alcançada após uma luta violenta contra a autoridade paterna ou uma verdadeira ruptura com a estrutura autoritária da família.” (SANT’ANNA, 1992, p.74) Uma necessidade de recomposição das ruínas de quem se foi está presente em Drummond, está na sua gênese, sua origem e a figura do patriarca rural, o coronel Carlos de Paula Andrade, é emblemática na poética em função de sua imponência significativa nas relações familiares e na constituição do sujeito que veio a ser poeta sendo filho de fazendeiro. Iniciaremos nossa análise a partir do Poema Viagem na Família.

VIAGEM NA FAMÍLIA

No deserto de Itabira
a sombra de meu pai
tomou-me pela mão.
Tanto tempo perdido.
Porém nada dizia. [...]
(ANDRADE, 2012a, p. 84)

A peregrinação caminha por regiões desérticas no âmago do poeta e desvela a aridez da relação com o pai, figura fantasmagórica que numa espécie de transfiguração realizada pela memória é ressuscitado e reabilitado com toda canastra de pesares devassada.

A rua que atravessava
a cavalo, de galope.
Seu relógio. Sua roupa.
Seus papéis de circunstância.
Suas histórias de amor.
Há um abrir de baús
e de lembranças violentas.
Porém nada dizia.

[...]

Vi mágoa, incompreensão
e mais de uma velha revolta
a dividir-nos no escuro.
A mão que eu não quis beijar,
o prato que me negaram,
recusa em pedir perdão.
Orgulho. Terror noturno.
Porém nada dizia.

[...]

E eram distintos silêncios
que se estranhavam no seu.
Era meu avô já surdo
querendo escutar as aves
pintadas no céu da igreja;
a minha falta de amigos;
a sua falta de beijos;
eram nossas difíceis vidas
e uma grande superação
na pequena área do quarto.

A pequena área da vida
me aperta contra seu vulto,
e nesse abraço diáfano
é como se eu me queimasse
todo, de pingente amor.
Só hoje nos conhecermos!
Óculos, memórias, retratos
fluem no rio do sangue.
As águas já não permitem
distinguir seu rosto longe,
para lá de setenta anos...

Senti que me perdoava
porém nada dizia.
As águas cobrem o bigode,
A família, Itabira, tudo.
(ANDRADE, 2012a, p. 85-86)

O espectro do pai não é senão o simulacro que se configura com o qual se faz relevante a busca de diálogo, no sentido de extinguir os mal-entendidos do passado, recuperar o tempo perdido em incompreensões e expressar o amor com clareza e naturalidade. Há um fluir que adentra na árvore genealógica na qual se destaca pungentemente o pai, do qual se obtém o conhecimento depois do reconhecimento afetivo.

Não há dúvida de que o filho-poeta, recriando o pai e a si mesmo no interior dessa viagem, alcança a sublimação de um abraço tão consistente quanto inefável, em que ambos se revelam – num definido e definitivo silêncio – dentro da poesia do filho: *só hoje nos conhecermos*. Depois desse encontro tardio e fundamental, a última imagem é também uma última e radical transfiguração: *As águas cobrem o bigode, / a família, Itabira, tudo*. (VILLAÇA, 2006, p.111)

No poema: “O beijo”, do livro *Boitempo I*, Drummond além de evidenciar o costume cultural brasileiro de se beijar a mão do pai, pedir a benção pela manhã e à noite antes de

dormir que funcionava como uma imposição legalizada no seio familiar, a qual Drummond infringiu, conforme mencionada em um dos versos acima: “*A mão que eu não quis beijar*”, também apresenta a denominação da relação com o pai através de um neologismo: “terroramor”. O pai tinha o poder de um semideus opressor: “*que impunha a rédea universal*”.

O BEIJO

Mandamento: beijar a mão do Pai
 às 7 da manhã, antes do café
 e pedir a bênção
 e tornar a pedir
 na hora de dormir.
 Mandamento: beijar
 a mão divino-humana
 que empunha a rédea universal
 e determina o futuro.
 Se não beijar, o dia
 não há de ser o dia prometido,
 a festa multimaginada,
 mas a queda – tibum - no precipício
 de jacarés e crimes
 que espreita, goela escancarada.

Olha o caso de Nô.
 Cresce demais, vira estudante
 de altas letras, no Rio de outras normas.
 Volta, não beija o Pai na mão.
 A mão procura
 a boca, dá-lhe um tapa,
 maneira dura de beijar
 o filho que não beija a mão sequiosa
 de carinho, gravado nas tábuas da lei mineira de família.

Que é isso?
 Nô sangra na alma,
 a boca dói que dói
 é lá dentro, na alma. O dia, a noite,
 a fuga para onde? Foge Nô
 no breu do não-saber, sem rumo, foge
 de si mesmo, consigo,
 e não tem saída
 a não ser voltar,
 voltar sem chamado,
 para junto da mão
 que espera seu beijo
 na mais pura exigência
 de terroramor.

Olha o caso de Nô.

7 da manhã.
 Antes do café.
 (ANDRADE, 1989, p. 112)

No poema acima percebemos a ilustração de uma narrativa que elucida concretude, uma possível situação do cotidiano, já no poema Perguntas, a inferência metafísica incide sobre o eu lírico e inaugura o pai com performance de um fantasma que se projeta sobre o filho que ao se olhar no espelho se defronta com uma representação modificada de si mesmo. O pai que já evaporou, (já morreu) é *gasoso* se transfigura no *palpável* (filho vivo) por isso, o *encontro sem convívio*. O elo que os liga é o fluir do sangue familiar, que os interpõe e compõe conjuntamente de forma renovada. O pai permanece no filho como habitante reminescente.

PERGUNTAS

Numa incerta hora fria
 perguntei ao fantasma
 que força nos prendia,
 ele a mim, que presumo
 estar livre de tudo,
 eu a ele, gasoso,
 todavia palpável
 na sombra que projeta
 sobre meu ser inteiro:
 um ao outro, cativos
 desse mesmo princípio
 ou desse mesmo enigma
 que distrai ou concentra
 e renova e matiza,
 prolongando-a no espaço,
 uma angústia do tempo.

Perguntei-lhe em seguida
 o segredo de nosso
 convívio sem contato,
 de estarmos ali quedos,
 eu em face do espelho,
 e o espelho devolvendo
 uma diversa imagem,
 mas sempre evocativa
 do primeiro retrato
 que compõe de si mesma
 a alma predestinada
 a um tipo de aventura
 terrestre, cotidiana. [...]
 (ANDRADE, 2012a, p. 89)

O contexto em que o pai fazendeiro estava vivo e no qual está a origem do filho é identificado, o *único ornamento é bosta de vaca*. O momento de declaração do amor se materializa quando o ser do poeta reúne passado e presente. As “*ruínas imóveis*” indicativas de um pretérito não apagado são paralelas ao momento em que *os militares na sua rigidez* não admitem o *conforto do orvalho matinal*, período da ditadura Vargas.

Re- trato e Re- flexão que impelem a reparação: “*amar, depois de perder.*” A subjetividade drummondiana carrega um inquietante amor ao pai que atravessa o seu viver num “repensamento” e o transporta ao “*encontro*” com este outro, com a “*imagem diversa*” “*evocativa do primeiro retrato*”. Podemos compreender como o pai é o enigma que habita o mundo de Drummond e a memória se vê seduzida pela rota desse mistério. A maneira como o poeta passa a enxergar o pai anos depois deste não estar mais fisicamente presente é um amor com sentido de reparação que ele precisa revelar e a poesia é a forma dele se expressar. Observemos nos versos que se seguem:

PERGUNTAS

[...]

Perguntei-lhe depois
 por que tanto insistia
 nos mares mais exíguos
 em distribuir navios
 desse calado irreal,
 sem rota ou pensamento
 de atingir qualquer porto,
 propícios a naufrágio
 mais que a navegação;
 nos frios alcantis
 de meu serro natal,
 desde muito derruído,
 em acordar memórias
 de vaqueiros e vozes,
 magras reses, caminhos
 onde a bosta de vaca
 é o único ornamento,
 e o coqueiro-de-espinho
 desolado se alteia.

Perguntei-lhe por fim
 a razão sem razão
 de me inclinar aflito
 sobre restos de restos,
 de onde nenhum alento
 vem refrescar a febre
 deste repensamento;

sobre esse chão de ruínas
 imóveis, militares
 na sua rigidez
 que o orvalho matutino
 já não banha ou conforta.

No voo que desfere,
 silente e melancólico,
 rumo da eternidade,
 ele apenas responde
 (se acaso é responder
 a mistérios, somar-lhes
 um mistério mais alto):

Amar, depois de perder.
 (ANDRADE, 2012a, p. 90-91)

No poema Rua da Madrugada, o amor do poeta pelo pai é refletido também enquanto ele experiencia uma realidade em que não há existência física do pai. Drummond se vê no cenário carioca nos anos 40 e resgata seu pai. O poeta tinha tanta intimidade com seu mundo a ponto de conseguir justapor imagens pessoais às da geografia presente no momento do instante poético.

RUA DA MADRUGADA

[...] Sabê-lo exposto
 a esse bafo úmido
 que vem dos recifes
 e bate na cara,
 desejar amá-lo
 sem qualquer disfarce,
 cobri-lo de beijos, flores, passarinhos,
 corrigir o tempo,
 passar-lhe o calor
 de um lento carinho
 maduro e recluso,
 confissões exaustas
 e uma paz de lã.

[...]

(ANDRADE, 2003, p. 139)

Segundo Santanna (2008), Drummond em sua contemplação poética amálgama o espaço presente ao ausente num processo de essencialização do seu próprio ser. E dentro dessa constituição há de se encontrar com o pai, e a poética se incumbe de artisticamente

acordada figurar o universo onírico e desenhar em letras. Assim, a consciência liberta suas fantasias e promove o *Encontro*.

ENCONTRO

Meu pai perdi no tempo e ganho em sonho.
Se a noite me atribui poder de fuga,
sinto logo meu pai e nele ponho
o olhar, lendo-lhe a face, ruga a ruga.

Está morto, que importa? Inda madruga
e seu rosto, nem triste nem risonho,
é o rosto, antigo, o mesmo. E não enxuga
suor algum, na calma de meu sonho.

Oh meu pai arquiteto e fazendeiro!
Faz casas de silêncio, e suas roças
de cinza estão maduras, orvalhadas

por um rio que corre o tempo inteiro,
e corre além do tempo, enquanto as nossas
murcham num sopro fontes represadas.
(ANDRADE, 2012b, p. 92)

A metáfora do “silêncio” presente acima: “*Faz casas de silêncio*” evidencia que o pai já não mais se comunica por meio de um corpo físico em circunstâncias temporais delimitadas e finitas, mas taciturnamente se pronuncia na imaginação poética. Tal “*silêncio*” reincide no poema “*Como um presente*”, e mais uma vez a identidade do pai se mostra concluída, não se modifica mais. A figura paterna congelou-se no seu próprio silêncio, mas não se apagou no tempo, evocada pelo filho passa a ser vivida em uma nova percepção, o passado retomado tem um direcionamento, uma razão de ser, constitui parâmetros entre o ontem e o hoje para potencializar uma totalidade.

COMO UM PRESENTE

Teu aniversário, no escuro,
não se comemora.

Escusa de levar-te esta gravata.
Já não tens roupa, nem precisas.
Numa toalha no espaço há o jantar,
mas teu jantar é silêncio, tua fome não come.

Não mais te peço a mão enrugada
para beijar-lhe as veias grossas.

Nem procuro nos olhos estriados
aquela interrogação: está chegando?

Em verdade paraste de fazer anos.
Não envelheces. O último retrato
vale para sempre. És um homem cansado
mas fiel: carteira de identidade.

Tua imobilidade é perfeita. Embora a chuva,
o desconforto deste chão. Mas sempre amaste
o duro, o relento, a falta. O frio sente-se
em mim que te visito. Em ti, a calma.

[...]

(ANDRADE, 2003, p. 136)

Nos versos que seguem percebemos um distanciamento a ecoar num pretérito em que se alcança o poderio familiar desde os antepassados e ironicamente no pai é vislumbrada a formação universitária do filho. Lembremos que Carlos Drummond de Andrade formou-se em farmácia e não exerceu. O pai teria atuado com sucesso, mas será que houve projeção paterna em relação ao curso superior de Drummond? Não podemos afirmar.

[...]

Vejo-te mais longe. Ficaste pequeno.
Impossível reconhecer teu rosto, mas sei que és tu.
Vem da névoa, das memórias, dos baús atulhados,
da monarquia, da escravidão, da tirania familiar.

És bem frágil e a escola te engole.
Faria de ti talvez um farmacêutico ranzinza, um doutor confuso.
Para começar: uma dúzia de bolos!
Quem disse?
Entraste pela porta, saíste pela janela
- conheceu, seu mestre? – quem quiser que conte outra,
mas tu ganhavas o mundo e nele aprenderias tua sucinta gramática,
a mão do mundo pegaria de tua mão e desenharia tua letra firme,
o livro do mundo te entraria pelos olhos e te imprimiria sua completa e clara ciência,
mas não descubro teu segredo.

[...]

E, por mais que o filho/poeta deseje uma ruptura, a “*identidade do sangue age como cadeia*”, demarca uma continuidade transmitida entre as gerações.

[...]

É talvez um erro amarmos assim nossos parentes.
 A identidade do sangue age como cadeia,
 fora melhor rompê-la. Procurar meus parentes na Ásia,
 onde o pão seja outro e não haja bens de família a preservar.
 Por que ficar neste município, neste sobrenome?
 Taras, doenças, dívidas; mal se respira no sótão.
 Quisera abrir um buraco, varar o túnel, largar minha terra,
 passando por baixo de seus problemas e lavouras, de eterna agência do correio,
 e inaugurar novos antepassados em uma nova cidade.
 Quisera abandonar-te, negar-te, fugir-te, mas curioso:
 já não estás, e te sinto,
 não me falas, e te converso.
 E tanto nos entendemos, no escuro,
 no pó, no sono.

E pergunto teu segredo.
 Não respondes. Não o tinhas.
 Realmente não o tinhas, me enganavas?
 Então aquele maravilhoso poder de abrir garrafas sem saca-rolha,
 de desatar nós, atravessar rios a cavalo, assistir, sem chorar, morte de filho,
 expulsar assombrações apenas com teu passo duro,
 o gado que sumia e voltava, embora a peste varresse as fazendas,
 o domínio total sobre irmãos, tios, primos, camaradas, caixeiros, fiscais do governo,
 beatas,
 [padres, médicos, mendigos, loucos mansos, loucos agitados, animais, coisas:
 então não era segredo?
 [...]

Depois de salientar toda capacidade e poder de liderança do pai em administrar os negócios da fazenda, a família e demais dimensões sociais, a declaração versificada:

[...]

E tu que me dizes tanto,
 disso não me contas nada.

[...]

(ANDRADE, 2003, p. 138)

Havia uma admiração pelo pai, todos os seus feitos tinham imenso significado, “diziam muito”, eram relevantes, porém era algo que o filho não tinha conhecimento, não saberia fazer o mesmo ou não se identificava. E, para concluir a conversa que foi uma expressão: “*como um presente*” de um aniversário que o pai fez em outro plano, percebemos a relação de amor não exposta em vida.

[...]

Perdoa a longa conversa.
 Palavras tão poucas, antes!
 É certo que intimidavas.
 Guardavas talvez o amor
 em tripla cerca de espinhos.

Já não precisas guardá-lo.
 No escuro em que fazes anos,
 no escuro,
 é permitido sorrir.
 (ANDRADE, 2003, p.138)

“*Como um presente*” foi um excelente prenúncio para outro poema: *A mesa*, no qual seriam comemorados os noventa anos do pai numa grande festa em que teria toda família reunida em torno da mesa. Interessante aspecto do poema é a falta de divisão em estrofes, coesão na forma dos versos que transmite a ideia de continuidade. A comunhão se faz transparecer no sentido que o móvel “mesa” oferece enquanto objeto que congrega os diversos sujeitos da família, são seres de distintas gerações e de único sangue. Há um jogo de confluências entre o passado e o presente no qual o eu lírico mostra o quão é marcado o seu estar no mundo pelas relações familiares, em especial, com o pai.

A MESA

E não gostavas de festa. . .
 Ó velho, que festa grande
 hoje te faria a gente.
 E teus filhos que não bebem
 e o que gosta de beber,
 em torno da mesa larga,
 largavam as tristes dietas,
 esqueciam seus fricotes,
 e tudo era farra honesta
 acabando em confiança.
 Ai, velho, ouvirias coisas
 de arrepiar teus noventa.
 [...]
 (ANDRADE, 2012a, p. 94)

Com o uso de uma linguagem coloquial e recheada de provérbios populares, os traços realistas eclodem e salientam a aproximação entre os atores da cena. A etnografia revela o caráter intimista da cena e o ápice da reconciliação com o pai sem deixar de retratar os conflitos existentes no passado entre o filho gauche e o progenitor. E mais, o elo familiar se mantém, pois, o descendente paradoxalmente nega o antecessor para o afirmar. Observemos os versos abaixo:

[...]
 ali ao canto da mesa,
 não por humilde,
 talvez por ser o rei dos vaidosos
 e se pelar por incômodas
 posições de tipo *gauche*,
 ali me vês tu. Que tal?
 Fica tranquilo: trabalho.
 Afinal, a boa vida
 ficou apenas: a vida
 (e nem era assim tão boa
 e nem se fez muito má).
 Pois ele sou eu. Repara:
 tenho todos os defeitos
 que não farejei em ti
 e nem os tenho que tinhas,
 quanto mais as qualidades.
 Não importa: sou teu filho
 com ser uma negativa
 maneira de te afirmar.
 Lá que brigamos, brigamos,
 opa! que não foi brinquedo,
 mas os caminhos do amor,
 só amor sabe trilhá-los.
 Tão ralo prazer te dei,
 nenhum, talvez... ou senão,
 esperança de prazer,
 é, pode ser que te desse
 a neutra satisfação
 de alguém sentir que seu filho,
 de tão inútil, seria
 sequer um sujeito ruim.
 Não sou um sujeito ruim.
 Descansa, se o suspeitavas,
 mas não sou lá essas coisas.
 Alguns afetos recortam
 o meu coração chateado.
 Se me chateio? demais.
 Esse é meu mal. Não herdei
 de ti essa balda. Bem,
 não me olhes tão longo tempo,
 que há muitos a ver ainda.

[...]

(ANDRADE, 2012a, p. 99)

Observa-se aí a harmonização de Carlos Drummond com o pai. Também chama-nos à atenção na parte do texto que se refere aos filhos homens já adultos, a dimensão da interferência materna, um ícone a estampar o elo familiar e a responsabilidade pela integração moral.

[...]
 Uns marmanjos cinquentões,
 calvos, vividos, usados,
 mas resguardando no peito
 essa alvura de garoto,
 essa fuga para o mato,
 essa gula defendida
 e o desejo muito simples
 de pedir à mãe que cosa,
 mais do que nossa camisa,
 nossa alma frouxa, rasgada. . .

[...]
 (ANDRADE, 2012a, p. 95)

A mãe além de ser a pessoa que costura os relacionamentos familiares é quem ornamenta o espaço familiar com “*mão invisível*” se destaca, aquela que se faz oculta é a corporeidade de desprendimento capaz de preparar “*ceia mais celeste*”, sua imagem é desenhada como uma espécie de relevo que imprime a cor “*branca*” representando possivelmente a pureza angelical.

[...]
 Oh que ceia mais celeste
 e que gozo mais do chão!
 Quem preparou? que incontestes
 vocação de sacrifício
 pôs a mesa, teve os filhos?
 quem se apagou? quem pagou
 a pena deste trabalho?
 Quem foi a mão invisível
 que traçou este arabesco
 de flor em torno ao pudim,
 como se traça uma auréola? quem tem auréola? quem não
 a tem, pois que, sendo de ouro,
 cuida logo em reparti-la,
 e se pensa melhor faz?
 quem senta do lado esquerdo,
 assim curvada? que branca,
 mas que branca mais que branca
 tarja de cabelos brancos
 retira a cor das laranjas,
 anula o pó do café,
 cassa o brilho aos serafins?

[...]
 (ANDRADE, 2012a, p. 102)

A projeção visual se perfaz desde a concepção imaginada no plano físico até uma versão mais cósmica. Diante do fato da mãe não mais estar presente neste plano se torna

ainda mais contundente a sua brancura. Muito provavelmente o poeta quis expressar a candura de sua mãe que na ausência fez-se mais evidente, a falta se pronunciou reluzente.

[...]

quem é toda luz e é branca?
Decerto não pressentias
como o branco pode ser
uma tinta mais diversa
da mesma brancura. . . Alvura
elaborada na ausência de ti,
mas ficou perfeita,
concreta, fria, lunar.

[...]

(ANDRADE, 2012a, p.102)

Após colocar em cena a mãe, o poeta elucida a aliança entre os pais e os situa em posição superior, o que pode denotar que os mesmos já mortos estejam num patamar mais elevado em outro plano ou em função da hierarquia social, os genitores se posicionem em instância mais elevada que os filhos.

[...]

Como pode nossa festa
ser de um só que não de dois?
Os dois ora estais reunidos
numa aliança bem maior
que o simples elo da terra.
Estais juntos nesta mesa
de madeira mais de lei
que qualquer lei da república.
Estais acima de nós,
acima deste jantar
para o qual vos convocamos
por muito — enfim — vos quereremos
e, amando, nos iludirmos
junto da mesa
vazia.

(ANDRADE, 2012a, p. 103)

Pai e mãe juntos enquanto cônjuges e progenitores acima da prole, porém não figuram no mesmo horizonte sentimental do filho. A figura paterna é a expressão de um neologismo: “*terroramor*”, como vimos no poema O Beijo, “*o pai esconde o amor em tripla cerca de espinho*”, como nos elucida nos últimos versos de “*Como um presente*”, e se neste poema, A mesa, ocorre uma conciliação que se deu por caminhos que “*só amor pode trilhá-los*”. Enquanto a imagem materna é “*quem se apagou*”, é dissipar-se num desbotar por doação para enaltecer e garantir a luminosidade que atesta o bem estar da família.

Ou vou ser menos, talvez isso,
apenas eu unicamente eu,
a revelar-me na sozinha aventura em terra estranha?

Agora me retalha o canivete desta descoberta:
eu não quero ser eu, prefiro continuar objeto de família”.

(ANDRADE, 1979, p.85)

O eu lírico drummondiano nos versos acima se concebe como indivíduo que afastado da presença da família demarca a relevância da mãe e do pai no seu processo de subjetivação e aponta os traços que distinguem a aconchegante imagem materna e a força da figura paterna.

Ao conceder entrevista à filha, Maria Julieta e que fora transcrita pelo jornal O Globo (1984), Carlos Drummond expõe a dessemelhança na relação que tinha com a mãe e o pai:

Minha mãe era um veludo, um leito adamascado em que eu reclinava – tão doce que nem me ocupa muito o espírito. Já com meu pai, enfrentei a obrigação de julgar um homem, analisar e concluir. Tornei-me uma espécie de irmão dele e essa foi seguramente a grande conquista de minha vida: compreender e amar realmente meu pai. (ANDRADE, M.J. O Globo, 1984: 1-3).

Ao intercambiar dialeticamente o menino e o poeta na Trilogia Boitempo, Drummond constrói um discurso de ressonância uníssona em que a infância ressurgue de modo surpreendente como se fosse ruminada, reconsiderada e reconstituída. O passado se presentifica, os verbos são conjugados no presente. Assim, no capítulo: Notícias do Clã do livro Boitempo I, no poema Distinção, o poeta desde o título nos aponta para diferença: o relacionamento distanciado com o pai e o tom de abertura e aconchego com a mãe.

DISTINÇÃO

O Pai se escreve sempre com P grande
em letras de respeito e de tremor
se é Pai da gente. E Mãe, com M grande.

O Pai é imenso. A Mãe, pouco menor.
Com ela, sim, me entendo bem melhor:
Mãe é muito mais fácil de enganar.

(Razão, eu sei, de mais aberto amor.)

(ANDRADE, 1989, p. 114)

Provavelmente com o intuito de salientar o relevo no papel da mãe como algo diferenciado e especial, subsequente ao poema *Distinção* está “*Suas mãos*”, no qual Drummond destaca o dom culinário e a aptidão manual peculiar, características também evidenciadas em alguns dos versos de *A Mesa*. Abaixo o poema:

SUAS MÃOS

Aquele doce que ela faz
 quem mais saberia fazê-lo?
 Tentam. Insistem, caprichando.
 Mandam vir o leite mais nobre.
 Ovos de qualidade são os mesmos,
 iguais açúcar e canela.
 É tudo igual. As mãos (as mães)
 são diferentes.
 (ANDRADE, 1989, p. 115)

Foto 05: Julieta, mãe de Drummond, com netos, 20 de Maio de 1935.



Fonte: Instituto Moreia Salles. Acesso em: <https://ims.com.br/por-dentro-acervos/viagem-digitalizada-pelos-drummond/>.

A referência à mãe no poema *Eterno* publicado inicialmente no livro *Fazendeiro do Ar* e depois na *Antologia Poética* na seção: *Tentativa de exploração e de interpretação do Estar-no-mundo*, chama-nos à atenção. Aí compreendemos que a mãe, mesmo depois de morta, tinha existência continuada em seu ser, ela tinha papel relevante na vida de Carlos Drummond, era parte significativa do seu mundo.

[...]
 Eterno, é tudo aquilo que vive uma fração de segundo
 Mas com tamanha intensidade que se petrifica e
 nenhuma força o resgata
 é minha mãe em mim que a estou pensando
 [...]

(ANDRADE, 2012a, p. 267)

No livro *Lição de Coisas*, Drummond nos apresenta uma sucessão de três poemas que fazem referência à mãe: *Aniversário*, *Carta* e *Para sempre*. No primeiro, a mãe é elucidada na memória do poeta através da própria Arte versificada:

ANIVERSÁRIO

Um verso, para te salvar
 de esquecimento sobre a terra?
 Se é em mim que estás esquecida,
 o verbo lembraria apenas
 esta força de esquecimento,
 enquanto a vida, sem memória,
 vaga atmosfera, se condensa
 na pequena caixa em que moras
 como os mortos sabem morar.
 (ANDRADE, 2002, p. 69)

No soneto *Carta*, o eu lírico do poeta assume a identidade de um homem na maturidade que expressa o amor pela mãe construído a partir da infância. A metalinguística se faz presente e há falta de cartas diante do fato da mãe já estar morta, a consciência de que isto não faz parte do universo onírico sinaliza a falta, percebemos a nostalgia da infância. A partir das páginas do diário de Carlos Drummond (2017), publicado por seu neto Pedro Augusto Graña Drummond, observamos que o poeta tinha o costume de escrever cartas para sua mãe. Os versos espelham naturalidade em função da situação de diálogo íntimo esboçada desde o primeiro verso e o tom de espontaneidade reforça o sentimento da passagem do tempo e do caráter existencial, como podemos constatar:

CARTA

Há muito tempo, sim, não te escrevo.
 Ficaram velhas todas as notícias.
 Eu mesmo envelheci: olha em relevo
 estes sinais em mim, não das carícias
 (tão leves) que fazias no meu rosto:
 são golpes, são espinhos, são lembranças

da vida a teu menino, que a sol-posto
perde a sabedoria das crianças.

A falta que me fazes não é tanto
à hora de dormir, quando dizias
"Deus te abençoe", e a noite abria em sonho.

É quando, ao despertar, revejo a um canto
a noite acumulada de meus dias,
e sinto que estou vivo, e que não sonho.
(ANDRADE, 2002, p. 70)

Por meio da escrita poética, as expressões e sentimentos esboçados por Drummond não se limitam ao individual, alcançam a perspectiva coletiva a ponto de se tornar recurso argumentativo na Justiça. Abaixo está transcrito o poema “Para sempre” que Juíza da Vara de Família da Comarca de Rio Verde, cidade situada em Goiás, usa para justificar pensão alimentícia de filhos para uma mãe aos 91 anos de idade¹⁴. Parece-nos que a dimensão axiológica abordada no poema sobre as mães traduz a concepção materna brasileira. Inclusive, Carvalho (2007) ao analisar o poema Para Sempre em sua dissertação de mestrado, sinaliza que o mesmo expressa um sentimento de coletividade face à perplexidade dos enigmas da vida. E o filho “feito grão de milho” remete ao aconchego materno a ser perpetuado pela fertilidade da terra. Abaixo transcrevemos o poema: Para Sempre.

PARA SEMPRE

Por que Deus permite
Que as mães vão-se embora?
Mãe não tem limite
É tempo sem hora
Luz que não apaga
Quando sopra o vento
E chuva desaba

Veludo escondido
Na pele enrugada
Água pura, ar puro
Puro pensamento
Morrer acontece

¹⁴ Acesso em 03/05/2022. Disponível em: < <https://interior.ne10.uol.com.br/noticias/2021/05/08/juiza-usa-poema-para-determinar-que-filhos-deem-alimentos-e-cuidados-para-mae-idosa-em-goias-208967/index.html>. >

Com o que é breve e passa
Sem deixar vestígio

Mãe, na sua graça
É eternidade
Por que Deus se lembra
Mistério profundo
De tirá-la um dia?

Fosse eu rei do mundo
Baixava uma lei
Mãe não morre nunca
Mãe ficará sempre
Junto de seu filho
E ele, velho embora
Será pequenino
Feito grão de milho
(ANDRADE, 2002, p.71)

Entendemos que a Figura Paterna e a Imagem Materna desenhadas nos versos de Carlos Drummond de Andrade foram retratos pessoais do poeta que sobre dois aspectos tem caráter universal: primeiro por revelarem o contexto histórico social de quem vivenciou um determinado período, no caso o século XX, e segundo, porque de modo atemporal refletem os sentimentos das pessoas que ao acessarem as poesias se identificam, se comovem de emoção. É possível que a explicação esteja na própria Poética, esta impulsiona o ser poeta a atender ao chamado substancial que o faz expressar o sentido da vida.

3.3 Retratos Fraternos e Convexos Seres projetados em Poesia

Carlos Drummond retratou entre tantas perspectivas do universo familiar, o prisma que iluminou os irmãos como também grafou abauladas projeções nos descendentes. Neste tópico iremos abordar os poemas que configuram essa temática.

A imaginária festa dos 90 anos do pai que reúne toda família, a poesia intitula-se: *A mesa*, como já mencionamos, Drummond cria possibilidade para a presença dos catorze filhos, ele e seus irmãos. A comunhão traz vida a todos, a irmandade comunga na medida ideal de um neologismo: “centímano”, tudo se desvela de modo contemplativo, concebido sob a ótica do que ‘seria’ (futuro do pretérito) e passa a autenticamente ‘ser’ por meio da poética, pela palavra que encarna o sentimento. Observemos os versos do poema “A mesa” que fazem referência à essa congregação fraterna:

(...)que a todos nos une em um
tal centímano glutão,
parlapatão e bonzão!
[...]

(...)Mas estamos todos vivos.
E mais que vivos, alegres.
Estamos todos como éramos
antes de ser, e ninguém
dirá que ficou faltando
algum dos teus.
[...]
(ANDRADE, 2012a, p. 96)

No capítulo I, ilustramos o poema “*Os chamados*”, no qual Drummond faz referência aos oito que faleceram no início de suas vidas. “*Os chamados*” foram adjetivados no poema “*A mesa*”, inicialmente como “*frustrados*”, entretanto, logo retratados como seres de “divina substância”, elevados à categoria de “*anjos*”:

[...]
Há oito. E todos minúsculos,
todos frustrados. Que flora
mais triste fomos achar
para ornamento de mesa!
Qual nada. De tão remotos,
de tão puros e esquecidos
no chão que suga e transforma,
são anjos. Que luminosos!
que raios de amor radiam,
e em meio a vagos cristais,
o cristal deles retine,
reverbera a própria sombra.
São anjos que se dignaram
participar do banquete,
alisar o tamborete,
viver vida de menino.
São anjos. E mal sabias
que um mortal devolve a Deus
algo de sua divina
substância aérea e sensível,
se tem um filho e se o perde.
[...]
(ANDRADE, 2012a, p. 100)

E os demais irmãos são citados e elucidadas suas características segundo a compreensão do poeta, descritos de tal modo que acompanhados da leitura de páginas de diário do poeta publicadas por Pedro Graña Drummond em 2017(já mencionamos anteriormente), torna possível identificar cada irmão ou irmã. A mística que envolve a

versejada comemoração não se desvincula por completo da realidade. A imaginação poética de Drummond é um processo criativo que se condensa a partir do contexto vivenciado.

Nos versos referentes à irmã Rosa Amélia Drummond de Andrade, interessantes dados ilustrados no texto literário são: o fato de Rosa ter sido a irmã que morreu primeiro entre os seis que ficaram adultos e a data de aniversário dela que era igual do pai.

[...]

E nem falta a irmã que foi
mais cedo que os outros e era
rosa de nome e nascera
em dia tal como o de hoje
para enfeitar tua data.
Seu nome sabe a camélia,
e sendo uma rosa-amélia,
flor muito mais delicada
que qualquer das rosas-rosa,
viveu bem mais do que o nome,
porém no íntimo claustrava
a rosa esparsa. A teu lado,
vê: recobrou-se-lhe o viço.

[...]

(ANDRADE,2012a, p. 96)

Os versos que se sucedem foram dedicados ao irmão mais velho, Flaviano Drummond de Andrade, que ficou parecido com o pai ao envelhecer:

[...]

Aqui sentou-se o mais velho.
Tipo do manso, do sonso,
não servia para padre,
amava casos bandalhos;
depois o tempo fez dele
o que faz de qualquer um;
e à medida que envelhece,
vai estranhamente sendo
retrato teu sem ser tu,
de sorte que se o diviso
de repente, sem anúncio,
és tu que me reapareces
noutro velho de sessenta.

[...]

(ANDRADE, 2012a, p. 97)

O irmão Altivo Drummond de Andrade era advogado e teve papel relevante na vida de Carlos Drummond, ao passo que o influenciou no caminho da Arte Literária¹⁵. Transcritos logo abaixo estão os versos dedicados a Altivo, o poeta faz alusão ao cultivo da terra como traço da linhagem mais erudito que se acoplava ao seu perfil urbano:

Este outro aqui é doutor,
o bacharel da família,
mas suas letras mais douradas
são as escritas no sangue,
ou sobre a casca das árvores.
Sabe o nome da florzinha
e não esquece o da fruta
mais rara que se prepara
num casamento genético,
Mora nele a nostalgia,
cidadino, do ar agreste,
e, camponês, do letrado.
Então vira patriarca.
(ANDRADE, 2012a, p. 97)

José do Patrocínio Drummond de Andrade foi o único irmão que se manteve solteiro e não teve filhos e que era austero à semelhança do pai. Chama-nos à atenção a forma com que o poeta desnuda o ser do irmão, anunciando as características superficiais até chegar à essência (*feroz, seco, lhano*) como podemos observar nos versos abaixo:

Mais adiante vê aquele
que de ti herdou a dura
vontade, o duro estoicismo.
Mas, não quis te repetir.
Achou não valer a pena
reproduzir sobre a terra
o que a terra engolirá.
Amou. E ama. E amará.
Só não quer que seu amor
seja uma prisão de dois,
um contrato, entre bocejos
e quatro pés de chinelo.
Feroz a um breve contato,
à segunda vista, seco,
à terceira vista, lhano,
dir-se-ia que ele tem medo
de ser, fatalmente, humano.
Dir-se-ia que ele tem raiva,

¹⁵ No livro *Tempo Vida Poesia – Confissões no Rádio*, Carlos Drummond fala sobre a influência do irmão Altivo nos caminhos da Arte Literária. (ANDRADE, Carlos Drummond. **Tempo Vida Poesia – Confissões no Rádio**. Rio de Janeiro: Record, 1987.)

mas que mel transcende a raiva,
 e que sábios, arditos
 recursos de se enganar
 quanto a si mesmo: exercita
 uma força que não sabe
 chamar-se, apenas, bondade.

[...]

(ANDRADE, 2012a, p. 97)

Se os versos dedicados a José descortinam sua essência paulatinamente, os referentes à irmã caçula: Maria das Dores Drummond de Andrade, iluminam os aspectos recônditos ao revelarem seu perfil reservado como um traço enviesado que marca o jeito de ser da família:

[...]

Esta calou-se. Não quis
 manter com palavras novas
 o colóquio subterrâneo
 que num sussurro percorre
 a gente mais desatada.
 Calou-se, não te aborreças,
 Se tanto assim a querias,
 algo nela ainda te quer,
 à maneira atravessada
 que é própria de nosso jeito.

[...]

(ANDRADE, 2012a, p. 98)

Também refletindo sobre as estranhezas e especificidades que se cruzam e se dilatam nos laços fraternos de sangue, Drummond versejou e nos concedeu o poema *Irmão, Irmãos* que se encontra estampado no livro *Boitempo I*, no capítulo: Notícias do clã. Abaixo transcrevemos o poema:

IRMÃO, IRMÃOS

Cada irmão é diferente,
 Sozinho acoplado a outros sozinhos
 A linguagem sobe escadas, do mais moço
 ao mais velho e seu castelo de importância.
 A linguagem desce escadas, do mais velho
 ao mísero caçula.
 São seis ou são seiscentas
 Distâncias que se cruzam, se dilatam
 No gesto, no calar, no pensamento?
 Que léguas de um a outro irmão.

Entretanto o campo aberto,

Os mesmos copos,
 O mesmo vinhático das camas iguais.
 A casa é a mesma. Igual,
 Vista por olhos diferentes?

São estranhos próximos, atentos
 À área de domínio, indevassáveis.
 Guardar o seu segredo, sua alma,
 Seus objetos de toalete. Ninguém ouse
 Indevida cópia de outra vida.

Ser irmão é ser o que? Uma presença
 A decifrar mais tarde, com saudade?
 Com saudade de que? De uma pueril
 Vontade de ser irmão futuro, antigo e sempre?
 (ANDRADE, 1989, p. 115)

Neste poema ressalta-se logo no primeiro verso a diferença entre os irmãos, a qual é enfatizada pela hierarquia relativa as idades. Como pontua Carvalho(2006) “*o mísero caçula*” pode ser autoreferência de Drummond, posto que ele era o mais novo entre os filhos homens,mas também pode ser alusão a Maria das Dores que era ultimogênita. Os paradoxos: “*sozinho acoplado*”, “*distâncias que se cruzam*”; “*estranhos próximos*”; aliados às prosopopeias que, por sua vez se antagonizam: “*a linguagem sobe escadas*”, “*a linguagem desce escadas*”; revelam o movimento de cada irmão em posições díspares e singulares.

As interrogações em vários versos reforçam o fato de que perspectiva das alteridades que se constituem os irmãos é atravessada pelo contexto que identifica o elo fraterno familiar. O poema nos leva a refletir sobre a singularidade inerente aos seres humanos, e ainda que tenham os mesmos genitores e convivam na mesma casa, desfrutando e compartilhando a mesma realidade social, o modo de subjetivar é diverso e ímpar. Há algo que é inerente e privado que compõe o ser de cada irmão. O modo de conceber a existência, ainda que se vivencie no mesmo contexto, é peculiar, mas não exime “*a estranha ideia de família/ viajando através da carne.*” (ANDRADE, 2012, p.76)

O sentido do que define o que é ser irmão é questionado para além da linha do tempo nos últimos versos, entretanto, o fato da palavra ‘saudade’ aparecer por duas vezes nos sugere caráter de fraternidade que se alastra pelo mesmo sangue que se divide nos corpos. Para uma melhor compreensão podemos estabelecer um diálogo com o poema “A Mesa”, mais especificamente com o trecho que, não é senão, um desfecho da parte em que aparecem em cena os irmãos: “*Restam sempre muitas vidas/ para serem consumidas/ na razão dos desencontros/ de nosso sangue nos corpos/ por onde vai dividido.*”(Andrade,

2012, p.100)

Além dos irmãos, o sangue atravessa gerações e se espraia também na filha, Maria Julieta, que herda traços no biotipo e emocionais do avô paterno, Carlos de Paula. Fazendo um intertexto com o poema Resíduo que nos diz: [...]“*pois de tudo fica um pouco./ fica um pouco de teu queixo /no queixo de tua filha.*”[...] (Andrade, 2012,p.283), Carlos Drummond nos apresenta sua filha no poema “A Mesa”, para a qual a linguagem metalinguística se debruça para confissão de amor paterno:

[...]
 Repara um pouquinho nesta,
 no queixo, no olhar, no gesto,
 e na consciência profunda
 e na graça menineira,
 e diz, depois de tudo,
 se não é, entre meus erros,
 uma imprevista verdade.
 Esta é minha explicação,
 meu verso melhor ou único,
 meu tudo enchendo meu nada
 [...]
 (ANDRADE, 2012a, p. 101)

Em 1927 nasceu o primeiro filho de Drummond, Carlos Flávio, que viveu apenas meia hora. Se a existência deste descendente foi ínfima, fadada a ser corroída até eximir-se por completo, não deixou de ser pronunciada em versos, como: “O que viveu meia hora”, transcrito abaixo:

O QUE VIVEU MEIA HORA

Nascer para não viver
 só para ocupar
 estrito espaço numerado
 ao sol-e-chuva
 que meticulosamente vai delindo
 o número
 enquanto o nome vai-se autocorroendo
 na terra, nos arquivos
 na mente volúvel ou cansada
 até que um dia
 trilhões de milênios antes do Juízo Final
 não reste em qualquer átomo
 nada de uma hipótese de existência.
 (ANDRADE, 2002, p. 129)

Também em referência ao filho Carlos Flávio, Drummond nos contemplou com o poema “Ser” que se encontra na seção “A família que me dei” da Antologia Poética. A especulação metafísica emerge a partir de uma situação vivida. O aspecto filosófico se faz amplo e a investigação existencial universaliza o “eu”, a partir de uma vida pensa-se a vida. O tom impessoal revela que ainda seja breve a experiência da paternidade, a condição do ser humano não deixa de assimilar a “*substância aérea e sensível*” (ANDRADE, 2012-a, p.100) do filho que desencarnou e numa autêntica Poética recria-lo.

A poesia é um desvendar de uma experiência que rompe as amarras do tempo, tudo é um vir a ser de onde “elide sujeito e objeto”, não há morte nem criação. O “*que se dissipou não era poesia*” (ANDRADE, 2003, p.25) daí entendemos o paradoxo existencial do poema Ser. O filho existe enquanto possibilidade e desejo, ganha forma por meio das palavras. No início do poema o verbo é conjugado no futuro do pretérito, depois no presente. O amor se configura, ganha substância. Se o filho não vingou, fenomenologicamente ele existe enquanto essência, enquanto aspiração, enquanto palavra que se cristaliza no “Ser”:

SER

O filho que não fiz
hoje seria homem.
Ele corre na brisa,
sem carne, sem nome.
As vezes o encontro
num encontro de nuvem.
Apoia em meu ombro
seu ombro nenhum.
Interrogo meu filho,
objeto de ar:
em que gruta ou concha
quedas abstrato?
Lá onde eu jazia,
responde-me o hálito,
não me percebeste,
contudo chamava-te
como ainda te chamo
(além do amor)
onde nada, tudo
aspira a criar-se.
O filho que não fiz
faz-se por si mesmo.
(ANDRADE, 2012a, p.104)

Em relação ao pai, à mãe, aos irmãos, ao filho de ínfima existência, à filha, quaisquer dos personagens, o Poeta nos revelou a dimensão humana da família e a importância dessa no processo de subjetivação. No próximo capítulo abordamos quadros de família extensa, episódios de famílias anônimas e cenários que expressam as relações familiares.

4.0 CAPÍTULO III - Um Panorama Tridimensional: Família Ampliada, Famílias Anônimas e Cenários

4.1 Contornos em expansão familiar

Figura 6: Carlos Drummond de Andrade com a esposa Dolores, a filha e os três netos.



Fonte: Fotos do Acervo Carlos Drummond de Andrade.

Pensar sobre a família extensa é de certo modo refletir sobre a árvore genealógica que comporta vários ramos familiares que, por sua vez, se subdividem e alargam as ramificações ao se relacionarem com outras linhagens. Configuram-se a partir daí em uma parentela: avós, tios, primos, netos; ou seja, a família ampliada para além do núcleo de pai, mãe e filhos que convive e mantém vínculos de afetividade. Iremos trazer a baila, neste tópico poemas que retratam esses personagens.

Drummond nos contemplou com o poema “Conversa” que apresenta uma concepção de família que se perpassa por gerações a deslindar avós, tios-avós, tios, primos, netos; além de mencionar alguns traços étnicos, histórico- culturais brasileiros presentes na sua progenitura. Abaixo transcrevemos o poema:

CONVERSA

[...]
 Há sempre
 uma família na conversa.
 A família é a história: primos
 desde os primeiros degradados
 filhos de Eva
 até Quinquim Sô Lu Janjão Tatau
 Nonô Tavinho Ziza Zito
 e tios, tios-avós, de tão barbado-brancos

tão seculares, que são árvores.
 Seus passos arrastam folhas. Ninhos
 na moita do bigode. Aqui presentes
 avós há muito falecidos. Mas falecem
 Deveras os avós?
 Alguém deste clã é bobo de morrer?
 A conversa o restaura e faz eterno. [...]
 (ANDRADE, 1989, p.124)

A família do poeta tem uma peculiaridade, seus pais eram primos. Essa ascendência comum dá ao sangue uma dimensão singular, a linfa funciona como um rio que atravessa toda parentela estabelecendo uma conexão identitária, um mesmo perfil define o coletivo familiar. Há um processo em se exalta e timbra a hemolinfa como ícone de uma raça. “O sangue é a vida que reconhece a vida, a vitalidade em nós até o desbordamento do temperamento sanguíneo” (PIERRON,2009,p.194). Assim, no poema Raiz, abaixo ilustrado, podemos constatar a marca genética que provem da mesma origem.

RAIZ

Os pais primos-irmãos
 avós dando-se as mãos
 os mesmos bisavós
 os mesmos trisavós
 os mesmos tetravós
 a mesma voz
 o mesmo instinto, o mesmo
 fero exigente amor
 crucificante
 crucificado
 a mesma insolução
 o mesmo não
 explodindo em trovão
 ou morrendo calado.
 (ANDRADE, 1973, p.81)

Pierron (2009, p.196), ao estudar a poética da família afirma: “Ora, a família só existe como tal na medida em que ela é (tem) uma história.” Na parentela de Carlos Drummond, outros casamentos consanguíneos compuseram as narrativas do clã e do seu versejar:

ROMANCE DE PRIMAS E PRIMOS

A prima nasce para o primo.
 O casamento foi marcado
 No ato mesmo da concepção.
 Entre os primos, é eleito o primo
 Que melhor convém ao tratado.

Sem exclusão dos demais primos
 Perfilados todos à espera
 De chamado se a vida muda.

Assim nascem todas as primas,
 Destinadas a matrimônio
 Do outro lado da mesma rua.
 Os sobradões se comunicam
 Em passarela de interesses
 Da vasta empresa de família
 Que abrange bois, terras, apólices,
 Paióis de milho e tradição.

[...]

De filhos, netos e bisnetos
 O futuro já foi traçado
 Em firmes letras de escritura:
 O país pertença
 A primos, primas e mais primos
 Incomodados com sapiência
 Pelo conselho soberano
 De tios primos entre si.

Para lá dos cerros, a Terra
 Há de curva-se ao poderio
 Deste grupo à sombra de Deus
 - o deus especial das terras
 Dos rebanhos e dos princípios
 Particulares que dominam
 A fortaleza atijolada
 Em mescla de sangue e dinheiro.

Mas um dia as primas se enervam
 De nascer assim programadas
 Para um fim geral sem prazer.
 Já os primos se desencantam
 Desta sorte a que estão jungidos.

[...]

Eis que aportam rapazes louros,
 De um louro claro que deslustra
 O banal moreno dos primos.
 Vem a negócios, mas reparam
 numas primas ajaneladas
 dispostas a romper a lei
 da missão sem gosto e sem graça
 de funcionárias da família.

Por sua vez os primos ardem
 De voraz, incontido ardor
 Pela equilibrista do circo.

[...]

(ANDRADE, 1979, p.37)

Com relação à união conjugal dos avós de Drummond, que eram primos, não sabemos o que motivou tal aliança, mas a partir do relatado no poema épico acima, entre outros parentes da sua família extensa, os casamentos entre primos e primas eram realizados para assegurar a manutenção do poder econômico dentro do clã. Há uma estabilidade em favor do coletivo familiar configurada a partir de uma regra de reunir as fortunas com o vínculo matrimonial entre os primos e primas em que “os tios primos são o conselho soberano”. Há uma legalidade que impõe a união conjugal no círculo familiar que funciona como sociedade empresarial, não é um mero costume, mas uma norma.

No momento em que interesses individuais mudam a estrutura, observa-se a ruptura da tradição e o início da modernidade. Como sinal da descontinuidade do princípio familiar é possível perceber a chegada de europeus. Estes últimos sinalizam a chegada de novos empreendimentos no Brasil que configuram não só inovações na economia e na cultura de um modo geral, mas também refletem no modo de se constituir família. O que é sinalizado na família extensa do Poeta é um recorte dentro do contexto brasileiro do século XX, mais enfaticamente entre as décadas de 60 e 70, em que a miscigenação deu novos traços à nossa etnia.

Vários episódios sobre o convívio com a família ampliada foram relatados. Carlos Drummond experenciou, no período da infância, o fato de hospedar parentes e as reverberações do vivenciado e sentido brotaram nas reminiscências poéticas. Deste modo, entre os poemas publicados em Boitempo, no capítulo Notícias do Clã, destacamos aqui, “Os tios e os primos”:

OS TIOS E OS PRIMOS

Tios chegam de Joanesia,
trazem primos crescidos e de colo,
três cargueiros pejados de canastras
e alforjes.
Apeiam, tropel-raio, em nossa casa,
batalhão invasor.

Pisam duro, de botas,
batem portas-trovão a toda hora,
soltam gargalhadas colossais
e comem comem aquele peito
de galinha que é meu de antiga lei.

Uma prima bonita? Que me importa.
Se rouba minha cama, é inimiga,

e humilhado vou dormir no chão.
 Arrebatado meu lugar na mesa,
 profanadas gavetas santuário
 de figurinhas, selos e segredos,
 escorraçado no meu reino,
 odeio os monstros da família.

Uma semana inteira eles passeiam
 os pés em minha paz. Serão eternos?
 Contraí-se a casa enorme: vira ovo
 de gema irada e clara de cúme.
 Eis que um dia
 arreiam-se cavalos. As canastras
 descem as escadas com ribombo.
 Os tios volumosos,
 os primos estrondeantes se despedem
 num triturar de abraços, prometendo
 voltar ano vem. Ah, uma bomba
 espanhola, que eu sei pelo jornal,
 um breve terremoto
 afunde cavaleiros e cavalos
 na descida da serra...
 Meu Deus, peço o absurdo?
 Mas poupe aquela prima
 bonita (eu sinto agora)
 que deixou no lençol a dobra do seu corpo.

Regresso à minha cama, perturbado.
 (ANDRADE, 1989, p. 128)

No poema *Intimação*, Drummond nos diz: “*Eu conto o meu presente./Com volúpia voltei a ser menino*” (ANDRADE, 1989, p.10), em vista disso, no poema “*Os tios e os primos*”, entendemos o fato dos verbos serem conjugados no presente ainda que se faça alusões às memórias da infância, o pretérito é retomado a partir de um ângulo atualizado. Daí surgem as referências à prima em que se mescla o possível ocorrido no passado, período em era criança, dentro de uma perspectiva inovada e retratada pelo adulto/ menino.

No início do século XX o Brasil era um país de base econômica agropecuária, e esse contexto é demarcado no poema com detalhes, como o meio de transporte dos parentes, inclusive com carga semântica dos vocábulos: *cargueiros pejados, canastras, alforjes, tropel*; além da movimentação com a estada das visitas na casa grande que só ficara pequena metaforicamente e sentimentalmente. A alusão a um dado histórico do exterior, a bomba espanhola, é mais um fato a reforçar o tom realístico.

O tom eminentemente verossímil avança pelo cenário de família extensa, desponta o poema épico *Morte de Neco Andrade*, publicado inicialmente no livro “*O Fazendeiro do*

Ar” e depois também ilustrado na *Antologia Poética* na seção: *Uma Província, Esta*. A história versificada é mais uma evocação da conjuntura social em que a posse de terras espelhava o poder econômico e a disputa se dava entre as famílias. Assim se atingiu um dos “Andrade”, Neco é a imagem que representa uma parte da parentela de Carlos Drummond de Andrade no cenário rural em que as relações éticas foram totalmente ofuscadas, suplantadas pelo cabedal financeiro ao extremo do crime de morte. Abaixo transcrevemos parte do poema:

MORTE DE NECO ANDRADE

QUANDO MATARAM

Neco Andrade, não pude sentir bastante
emoção porque tinha de representar no teatrinho de amadores,
e essa responsabilidade comprimia tudo. (...)
O cadáver de Neco atravessa canhestramente o segundo ato,
da esquerda para a direita, volta, hesita, sai, instala-se nos
bastidores em baixo da escada. As deixas perdem-se, o diálogo
atropela-se, Neco está se esvaindo em silêncio e eu, seu primo,
não sei socorrê-lo.
[...]

SERIA REMORSO

por me consagrar ao espetáculo quando já o
sabia morto? Não, que o espetáculo é grande, e seduzia para
além da ordem moral. E nossos ramos de família nem se
davam. Pena de perdê-lo, nutrida de alguma velha lembrança
particular, que floresce mesmo entre clãs adversários? (...)
(ANDRADE, 2012a, p.65)

O sentimento de compaixão pela trágica morte do primo Neco foi socialmente refreado em função deste parente pertencer a um ramo que não tinha bom relacionamento com o seu, entretanto, o episódio atravessou “*canhestramente*” a subjetividade de Drummond e o fato que atingiu um dos integrantes da família extensa foi registrado no prosaico poema em parte transcrito acima. Mas os intercursos no clã do poeta por vezes se estreitaram bastante e também reverberaram motivo do versejar.

Para além das fronteiras brasileiras, mas se avizinhandando nascem na Argentina os netos de Carlos Drummond: Carlos Manuel Graña Drummond, Luís Maurício Graña Drummond e Pedro Augusto Graña Drummond. Destacamos aqui dois poemas que ilustram as projeções de amor do avô: *A Luís Maurício, infante* e *A um varão que acaba de nascer*.

A LUÍS MAURÍCIO, INFANTE

Acorda, Luís Mauricio. Vou te mostrar o mundo,
se é que não preferes vê-lo de teu reino profundo.
Despertando, Luís Mauricio, não chores mais que um tiquinho.
Se as crianças da América choram em coro, que seria, digamos, do teu vizinho?
[...]E agora, começa a crescer. Em poucas semanas um homem
Se manifesta na boca, nos rins, na medalhinha do nome.
[...]
o menino que é teu irmão, e sua estouvada ciência
de olhos líquidos e azuis, feita de maliciosa inocência,
que ora viaja enigmas extraordinários; por tua vez, a pesquisa
há de solicitar-te um dia, mensagem perturbadora na brisa.
É preciso criar de novo, Luís Mauricio. Reinventar nagôs e latinos,
E as mais severas inscrições, e quantos ensinamentos e os modelos mais finos,
de tal maneira a vida nos excede e temos de 96nfrenta-la com poderosos recursos.
Mas seja humilde tua valentia. Repara que há veludo nos ursos.
[...]É meio-dia, Luís Maurício, hora belíssima entre todas,
pois, unindo e separando os crepúsculos, à sua luz se consumam as bodas
do vivo com o que já viveu ou vai viver, e a seu puríssimo raio
entre repuxos, os “chicos” e as “palomas” confraternizam na “Plaza de Mayo”.
Aqui me despeço e tenho por plenamente ensinado o teu ofício,
que de ti mesmo e em púrpura o aprendeste ao nascer, meu netinho Luís Mauricio.
(ANDRADE, 2012a, p.105)

Figura 7: Carlos Drummond de Andrade com a esposa Dolores, sua filha Julieta e o neto Carlos Manuel.



Fonte: Vila de Utopia. Acesso em: <https://viladeutopia.com.br/carlos-manuel-neto-de-drummond-morre-em-buenos-aires/>

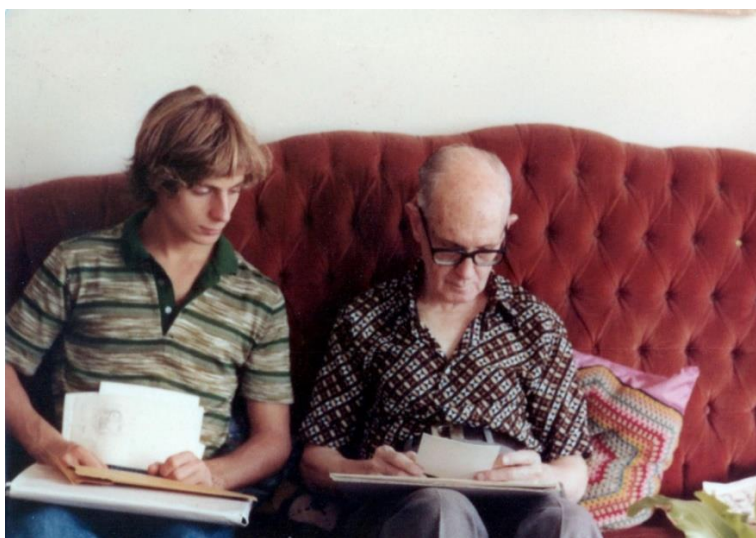
A linguagem poética desvela o ser do homem no curso da vida a deslindar as conexões intergeracionais na passagem do tempo, trata-se do encontro entre o avô já experiente e o neto no início da vida. “Existe uma continuidade na família”, (ANDRADE, 2017, p.20), assim afirmou o neto Pedro Graña Drummond ao publicar o diário do avô Carlos, também citou as palavras deste último: “um rio de sangue que corre de uma geração para outra”, “há uma coisa de imponderável, de positivo, entre as pessoas do mesmo sangue e da mesma família, que elas não percebem, mas que funciona”.(apud, ANDRADE, 2017, p. 20).

Dedicado a Pedro, terceiro neto e filho caçula de Maria Julieta que nasceu em 1960, Drummond escreveu o poema: *A um varão, que acaba de nascer*. O nascimento de Pedro é uma clareira a iluminar o enigma da vida.

A UM VARÃO, QUE ACABA DE NASCER

Chegas, e um mundo vai-se
 como animal ferido,
 arqueja. Nem aponta
 uma forma sensível,
 pois já sabemos todos
 que custa a modelar-se
 uma raiz, um broto.
 E contudo vens tarde.
 Todos vêm tarde. A terra
 anda morrendo sempre,
 e a vida, se persiste,
 passa descompassada,
 e nosso andar é lento,
 curto nosso respiro,
 e logo repousamos
 e renascemos logo.
 (Renascemos? talvez.)
 [...]
 Para amar sem motivo
 e motivar o amor
 na sua desrazão,
 Pedro, vieste ao mundo.
 Chamo-te meu irmão.
 (ANDRADE, 2012b, p. 55)

Figura 8: Carlos Drummond de Andrade e o neto Pedro Augusto.



Fonte: Carlos Drummond de Andrade Uma forma de Saudade. Companhia das Letras.

Drummond tinha relação de muita intimidade com os netos e a forma de tratamento fugia ao usual, os netos o chamavam de Carlos, como revelou o neto Pedro em entrevista¹⁶. Não havia espaço para protocolos hierárquicos e o patriarcalismo destronado dá lugar a um sentimento fraternal.

No tópico que se segue discorreremos sobre poemas que tematizam famílias anônimas em variadas composições e circunstâncias.

4.2 Lances de famílias anônimas

Drummond desvenda, em meio à sua produção versificada diferentes arranjos familiares em diversas contigências existenciais. Destacamos neste tópico poemas que apresentam famílias anônimas em episódicos contextos sociais. Para ingressarmos nestes retratos polifônicos, recorreremos ao primeiro livro do poeta, *Alguma Poesia* que conforme já mencionamos, foi publicado em 1930. Destacamos o poema: “Família”, figurino de clã em que a mulher é líder. Abaixo o poema transcrito:

FAMÍLIA

Três meninos e duas meninas,
Sendo uma ainda de colo.
A cozinheira preta, a copeira mulata,
O papagaio, o gato, o cachorro,

¹⁶Acesso em: 03/12/2022. Disponível em: <<https://defatoonline.com.br/guia-defato/destaques/noticias/2018/04/20/a-intimidade-com-drummond-parentes-escriptor-e-jornalista-relembra-relacao-com-o-poeta-em-abertura-de-exposicao-na-fccda/>>

As galinhas gordas no palmo de horta
 E a mulher que trata de tudo.
 A espreguiçadeira, a cama, a gangorra,
 O cigarro, o trabalho, a reza,
 A goiabada na sobremesa de domingo,
 O palito nos dentes contentes,
 O gramofone rouco toda noite
 E a mulher que trata de tudo.
 O agiota, o leiteiro, o turco,
 O médico uma vez por mês,
 O bilhete todas as semanas
 Branco! Mas a esperança sempre verde.
 E a mulher que trata de tudo
 E a felicidade.
 (ANDRADE, 2013, p. 55)

Podemos observar o protagonismo feminino no comando da família. Se o poema foi estampado em 1930, a realidade expressa revela a existência desse tipo de configuração familiar já nas primeiras décadas do século XX. A figura do marido é ausente. A repetição do verso: “*E a mulher que trata de tudo.*” reforça a dimensão de quem chefia. O teor realista ganha vigor ao elencar, inclusive de modo numérico, os componentes que perfazem a cenografia da vida do clã em questão.

Segundo Coêlho (1973), Drummond focaliza o ângulo econômico-doméstico típico de famílias de classe média de cidade pequena brasileira num período de sociedade em desenvolvimento e de economia flutuante. Ainda que a goiabada seja uma iguaria só do domingo e haja a necessidade de se recorrer ao agiota, a esperança em ganhar na loteria e a felicidade se mantem no grupo familiar.

Continuamos a navegar em águas brasileiras do século passado e nos deparamos com um retrato em faceta dialógica, ao mergulhar na história de Caso do vestido. Engendradas no poema, emergem mãe e filhas numa conversa. As personagens sequer têm nome. Uma falta de identidade que dá ao texto um caráter existencial, revela a crueza do cotidiano. A mãe conta às filhas o adultério do pai com muita resignação, abnegação e capacidade de perdoar. Se o vestido é signo da traição, é a presença simbólica da amante, a mãe é o símbolo da mulher casada. Ambas, mulher e amante: representantes da sujeição feminina. Há uma plasticidade de senso comum no poema que nos envolve. Através da estética da Arte contemplamos a própria vida.

O quadro delineado no poema “Caso do Vestido” apresenta uma paixão individual que interfere no coletivo. O sentimento que move um membro da família abala toda sua constituição. Abaixo transcrevemos o poema épico:

CASO DO VESTIDO

Nossa mãe, o que é aquele vestido, naquele prego?	bebeu, brigou, me bateu, me deixou com vosso berço, foi para a dona de longe,	se a senhora fizer gosto, só pra lhe satisfazer, não por mim, não quero homem.
Minhas filhas, é o vestido de uma dona que passou.	mas a dona não ligou. Em vão o pai implorou.	Olhei para vosso pai, os olhos dele pediam.
Passou quando, nossa mãe? Era nossa conhecida?	Dava apólice, fazenda, dava carro, dava ouro, beberia seu sobejo, lamberia seu sapato.	Olhei para a dona ruim, os olhos dela gozavam. O seu vestido de renda, de colo mui devassado,
Minhas filhas, boca presa. Vosso pai evém chegando.	Mas a dona nem ligou. Então vosso pai, irado, me pediu que lhe pedisse, a essa dona tão perversa,	mais mostrava que escondia as partes da pecadora. Eu fiz meu pelo-sinal, me curvei... disse que sim.
Nossa mãe, dizei depressa que vestido é esse vestido.	que tivesse paciência e fosse dormir com ele...	Sai pensando na morte, mas a morte não chegava.
Minhas filhas, mas o corpo ficou frio e não o veste.	Nossa mãe, por que chorais? Nosso lenço vos cedemos.	Andei pelas cinco ruas, passei ponte, passei rio,
O vestido, nesse prego, está morto, sossegado.	Minhas filhas, vosso pai chega ao pátio. Disfarcemos.	visitei vossos parentes, não comia, não falava,
Nossa mãe, esse vestido tanta renda, esse segredo!	Nossa mãe, não escutamos pisar de pé no degrau.	tive uma febre terçã, mas a morte não chegava.
Minhas filhas, escutai palavras de minha boca.	Minhas filhas, procurei aquela mulher do demo.	Fiquei fora de perigo, fiquei de cabeça branca,
Era uma dona de longe, vosso pai enamorou-se.	E lhe roguei que aplacasse de meu marido a vontade.	perdi meus dentes, meus olhos, costurei, lavei, fiz doce,
E ficou tão transtornado, se perdeu tanto de nós, se afastou de toda vida, se fechou, se devorou,	Eu não amo teu marido, me falou ela se rindo.	minhas mãos se escalavraram, meus anéis se dispersaram,
chorou no prato de carne,	Mas posso ficar com ele	minha corrente de ouro

pagou conta de
farmácia.

Vosso pais sumiu no
mundo.

O mundo é grande e
pequeno.

Um dia a dona soberba
me aparece já sem nada,

pobre, desfeita, mofina,
com sua trouxa na mão.

Dona, me disse
baixinho,
não te dou vosso marido,
que não sei onde ele
anda.

Mas te dou este vestido,

última peça de luxo
que guardei como
lembrança

daquele dia de cobra,
da maior humilhação.

Eu não tinha amor por
ele,
ao depois amor pegou.

Mas então ele enjoado
confessou que só
gostava

de mim como eu era
dantes.

Me joguei a suas
plantas,

fiz toda sorte de denego,
no chão rocei minha
cara,

me puxei pelos cabelos,
me lancei na correnteza,

me cortei de canivete,
me atirei no sumidouro,

bebi fel e gasolina,
rezei duzentas novenas,

dona, de nada valeu:
vosso marido sumiu.

Aqui trago minha roupa
que recorda meu
malfeito

de ofender dona casada
pisando no seu orgulho.

Recebei esse vestido
e me dai vosso perdão.

Olhei para a cara dela,
quede os olhos
cintilantes?

quede graça de sorriso,
quede colo de camélia?

quede aquela cinturinha
delgada como jeitosa?

quede pezinhos calçados
com sandálias de cetim?

Olhei muito para ela,
boca não disse palavra.

Peguei o vestido, pus
nesse prego da parede.

Ela se foi de mansinho
e já na ponta da estrada

vosso pai aparecia.
Olhou pra mim em
silêncio,

mal reparou no vestido
e disse apenas: - Mulher,

põe mais um prato na
mesa.

Eu fiz, ele se assentou,

comeu, limpou o suor,
era sempre o mesmo

homem,

comia meio de lado
e nem estava mais velho.

O barulho da comida
na boca, me acalentava,

me dava uma grande
paz,
um sentimento esquisito

de que tudo foi um
sonho,
vestido não há... nem
nada.

Minhas filhas, eis que
ouço
vosso pai subindo a
escada.

(ANDRADE, 2012a, p.
181)

De diferente modo, o poema “Desaparecimento de Luísa Porto” elucida uma narrativa que envolve a relação mãe e filha em que não se configura um diálogo entre as protagonistas. O que o texto nos informa é o desaparecimento da filha, Luísa Porto, e o desespero da mãe viúva. Uma realidade que se propaga no dia a dia das cidades grandes, como Rio de Janeiro em que a cena é retratada. Ficção a partir de corriqueiros fatos que afetam inúmeras famílias e que o poeta não banalizou, ao contrário, sua sensibilidade poética o fez e nos faz refletir para além do suposto ocorrido, não é mera notícia de jornal. Drummond sinalizou o amor materno, a importância daquela filha para sua mãe. Abaixo transcrevemos parte do poema:

DESAPARECIMENTO DE LUÍSA PORTO

Pede-se a quem souber
do paradeiro de Luísa Porto
avise sua residência
À Rua Santos Óleos, 48.
Previna urgente
solitária mãe enferma
entrevada há longos anos
erma de seus cuidados.

[...]

Roga-se ao povo caritativo desta cidade
que tome em consideração um caso de família
digno de simpatia especial.
Luísa é de bom gênio, correta, meiga, trabalhadora, religiosa.
Foi fazer compras na feira da praça.
Não voltou.

[...]Mãe, viúva pobre, não perde a esperança.
Luísa ia pouco a cidade
e aqui no bairro é onde melhor pode ser pesquisada.
[...]

Somem tantas pessoas anualmente
numa cidade como o Rio de Janeiro
que talvez Luísa Porto jamais seja encontrada.
Uma vez, em 1898,
ou 9,
sumiu o próprio chefe de polícia
que saíra a tarde para uma volta no Largo do Rocio
e até hoje.
A mãe de Luísa, então jovem, leu no Diário Mercantil,
ficou pasma.

O jornal embrulhado na memória.
 Mal sabia ela que o casamento curto, a viuvez,
 a pobreza, a paralisia, o queixume
 seriam, na vida, seu lote
 e que sua única filha, afável posto que estrábica,
 se diluiria sem explicação.

[...]
 Esqueçam a luta política,
 ponham de lado preocupações comerciais,
 percam um pouco de tempo indagando,
 inquirindo, remexendo.
 Não se arrependerão. Não
 há gratificação maior do que o sorriso
 de mãe em festa
 e a paz íntima
 consequente às boas e desinteressadas ações,
 puro orvalho da alma.

[...]
 Já não adianta procurar
 minha querida filha Luísa
 que enquanto vagueio pelas cinzas do mundo
 com inúteis pés fixados, enquanto sofro
 e sofrendo me solto e me recomponho
 e torno a viver e ando,
 está inerte
 gravada no centro da estrela invisível
 Amor.
 (ANDRADE, 2012a, p. 150)

Já no poema: “O filho”, o poeta nos aponta para uma situação de mãe solteira e subliminarmente toda complexidade ética e axiológica por não se saber quem é o pai da criança. Com certa ironia, Drummond nos apresenta o perfil de uma família em que a falta da identidade paterna é o foco do questionamento que exprime a ideia central do texto. Publicado no livro *Boitempo I* em 1968, época em que a monogamia e a virgindade feminina eram bastante valorizadas, em que o código legal admitia o feminicídio por infidelidade conjugal em nome da “legítima defesa da honra”, como nos mostra Flexor (2015). Apreciemos o quadro versegado:

O FILHO

De quem, de quem o filho de Sofia?

Do relojoeiro?
 Do dentista?
 Do primo Augusto?
 Do promotor?

Do telegrafista?
 Do cabo-comandante?
 do destacamento?
 De um dos praças?
 Do padre apóstata?
 [...]
 Pai do menino é a cidade?
 A loucura é pai do menino?
 O menino nasceu do absurdo
 propósito de nascer-se, escolheu
 o ventre de Sofia como se escolhesse
 vaso sem semente, apenas terra? [...]
 (ANDRADE, 1979, p. 31)

Em um cenário bem distinto do configurado acima, a poética drummondiana ilustrou um clã em momento de lazer. A atmosfera do cotidiano e da intimidade que perfaz a família é descrita no poema “Sesta” com um vocabulário coloquial que salienta os costumes mineiros. O quadro retrata uma geografia humana e física em que o espírito comunitário é, não é só iluminado pelo Sol, mas embalado por musicalidade e enleado por um diálogo que pulveriza harmonia com a natureza. A sensualidade é um componente da paisagem só contemplada pelo olhar do poeta espectador. O vínculo familiar é marcado pelo sentido de coletividade em partilha. Um dado peculiar é a falta da mãe, a qual não podemos afirmar se inexistente ou se simplesmente ausentou-se no recorte temporal demarcado na cena que compõe os versos de “Sesta”.

SESTA

A família mineira
 está quentando sol
 sentada no chão
 calada e feliz.
 O filho mais moço
 olha para o céu,
 para o sol não
 para o cacho de bananas.
 Corta ele, pai!
 O pai corta o cacho
 e distribui para todos.
 A família mineira
 está comendo banana.
 A filha mais velha
 coça uma pereba
 bem acima do joelho.
 A saia não esconde
 a cocha morena
 sólida construída,

mas ninguém repara.
 Os olhos se perdem
 na linha ondulada
 do horizonte próximo
 (a cerca da horta).
 A família mineira
 olha para dentro.
 O filho mais velho
 canta uma cantiga
 nem triste nem alegre,
 uma cantiga apenas
 mole que adormece.
 Só um mosquito rápido
 mostra inquietação.
 O filho mais moço
 ergue o braço rude
 enxota o importuno.
 A família mineira
 está dormindo ao sol.
 (ANDRADE, 2013, p. 69)

Os poemas ilustrados neste tópico são registros singulares que revelam a plural realidade das famílias brasileiras ao elucidarem diversos aspectos histórico-sociais. Sob dissemelhantes ângulos os dramas familiares são focalizados. Alguns personagens têm identidade, como Sofia no poema “O filho”, Luísa Porto no “Desaparecimento de Luísa Porto”, mas isto não limita nelas o que representam, seus enredos podem ser estendidos a inúmeros anônimos. A amplitude de cotidiano brasileiro não exime as especificidades de cada família e dos sujeitos que a compõem em cada poesia, contudo, sem deixar de salientar o permear cultural. Drummond dialetiza o particular e o social, estabelece um jogo de confluências entre o particular e o público.

Interessante salientar que as subjetividades dos figurantes nos poemas não deixam de emergir, como também as situações contextualizadas revelam contrapontos e peculiaridades, mas há um dado que perpassa por todos: o sentido do elo familiar caminhando na linha da História sem deixar de projetar a dinâmica social em que eclodem novas perspectivas.

Se nos versos de *Família* encontramos a mulher no papel de cabeça da família, responsável pelo grupo num período em que a legislação e a sociedade como um todo concebia a mulher como frágil, visto o que nos aponta a historiadora Flexor (2015), não podemos deixar de observar que tudo gira em virtude da manutenção do vínculo familiar, em *Caso do vestido*, a postura da mãe é de sujeição, mas novamente visualizamos o nexo de família. Em “Desaparecimento de Luísa Porto”, Drummond nos aponta mais um protótipo em que mãe

vivência, no poema “O filho”, Sofia é a “*mãe solo*” num período em que não admitia sem censura tal condição que identifica mais um modo de se fazer família. E ao final deste tópico apresentamos o poema Sesta que focaliza um momento de entretenimento sem a figura materna e com a paterna junto à prole.

No próximo tópico apresentamos retratos versegados de espaços que delineiam presença e sentido de família.

4.3 Recôncavos e convexos que refletem família

Quaisquer retratos compõem um cenário com figuras situadas em um ambiente; não seria diferente com os quadros poéticos de família tracejados por Drummond numa composição de palavras que nos reporta principalmente para o espaço da casa focalizando sua câmera em seus compartimentos e objetos, sem deixar de dialogar com os arredores oportunizando-nos conhecer elementos que delinearão os hábitos da vida em família que acompanharam as transformações econômicas no decorrer do século XX.

Iniciaremos nossa exposição pela Trilogia Boitempo, obra em Drummond dialoga com suas origens, o plano de fundo que compõe o quadro do cenário familiar é colorido por aspectos sociológicos da realidade religiosa, econômica que se reverberam na memória do poeta. “O olhar sociológico de Drummond se detém com a maior eficácia nos símbolos concretos do regime patriarcal. Eis, por exemplo, a casa senhorial.” (MERQUIOR, 2012, p.294)

Contemplemos parte do poema Casa:

CASA

Há de dar para a Câmara,
de poder a poder.
No flanco, a Matriz,
de poder a poder.
Ter vista para a serra,
de poder a poder.
Sacadas e sacadas
comandando a paisagem.
Há de ter dez quartos
de portas sempre abertas
ao olho e pisar do chefe.
Areia fina lavada
na sala de visitas.
Alcova no fundo
sufocando o segredo
de cartas e baús
enferrujados.

Terá um pátio
quase espanhol vazio
pedrento
fotografando o silêncio
do sol sobre a laje,
da família sobre o tempo.[...]
Há de ter tudo isso
mais o quarto de lenha
mais o quarto de arreios
mais a estrebaria
para o chefe apear e montar
na maior comodidade.
Há de ser por fora azul 1911.
Do contrário não é casa.
(ANDRADE, 1989, p. 65)

O poema “Casa” apresenta uma descrição da morada da família Andrade em Itabira no início do século XX. O contexto urbano mescla-se ao rural e a posição de liderança do Coronel Andrade, pai de Drummond, é destacada na imponente construção: “*ao olho e pisar do chefe*”. Compartimentos dessa habitação também ganharam destaque nos quadros poéticos drummondianos, entre os quais selecionamos: “O criador”, e “Recinto Defeso”.

Transcrevemos abaixo o poema “O Criador” que faz referência ao desenho que representa o jardim do pátio central da casa de autoria de um dos irmãos do poeta, José¹⁷. Drummond expõe o sentido humano e fraterno no seio familiar. Interessante que a Arte versejada desvela mundo a partir de outra Arte, o desenho. E há um caráter filosófico existencial no “*jardim*” que “*surge de pedra*”. De fato, havia pedras no jardim do pátio central da casa, como o próprio Carlos Drummond descreveu no poema Casa: “*pedrento*”, mas o detalhe é que o poeta faz uma metáfora em relação à personalidade do irmão, um sujeito áspero e contraditoriamente amoroso, capaz de florescer. O espaço espelha o perfil de José, Carlos Drummond faz uma foto grafia que revela três dimensões: o jardim, o desenho e o irmão, neste último o foco mais relevante, mas não desvincilhado das demais imagens. Recorremos ao Diário de Carlos Drummond¹⁸ (2017) e ao poema “A Mesa” (analisado no capítulo II) para conhecer a descrição de Carlos Drummond sobre José.

¹⁷ A informação que o irmão José é o autor do desenho do jardim interno da casa dos Andrade foi obtida no livro: *O Afeto em Drummond: da família à humanidade*, de Leda Lage Carvalho. (2007, p.247)

¹⁸ **Uma forma de Saudade: Páginas de diário**. Organização Pedro Augusto Graña Drummond. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

O CRIADOR

A mão de meu irmão desenha um jardim
 E ele surge de pedra. Há uma estrela no pátio.
 Uma estrela de rosa e de gerânio.
 Mas seu perfume não me encanta a mim.
 O que respiro é a glória de meu mano.
 (ANDRADE, 1989, p. 89)

A sala de visitas, ou seja, a parte social da casa é o que Drummond nomeia de *Recinto Defeso*. Leiamos o poema:

RECINTO DEFESO

Por trás da porta hermética

a sala de visitas
 espera longamente
 visitas.

O sofá recusa
 traseiros vulgares.

As escarradeiras
 querem cuspe fino.

Aí, espelho nobre,
 não miras qualquer.

Assim tão selada,
 cheirando a santuário,
 por que me negas, sala,
 teu luxo?

Por favor, visitas,
 vinde, vinde rápido
 para que eu também visite
 a sala de visitas!
 (ANDRADE, 1989, p. 69)

O desejo de Drummond desfrutar mais intensamente do recinto pode ter sido um fator influente para registrar em versos aquele território classista e socialmente excludente¹⁹. A sala de visitas era um espaço pouco frequentado e sua finalidade correspondia à denominação.

¹⁹ A divisão de classes era algo que incomodava Drummond, fato que ele ilustra, por exemplo, no poema “Casa e conduta” conforme exposto no primeiro tópico do capítulo II.

Interessante salientar a condição sócio - econômica da família expressa por meio dos móveis e de seus usos. Também nos chama à atenção a existência de objeto em desuso na atualidade: “escarradeiras”.

As barreiras de segregação social entre as famílias ocorriam para além das cercanias do espaço doméstico. Drummond registrou no poema “Paredão”, abaixo transcrito:

PAREDÃO

Uma cidade toda paredão.

Paredão em volta das casas.
Em volta, paredão, das almas.
O paredão dos precipícios.
O paredão familiar.

Ruas feitas de paredão.
O paredão é a própria rua,
onde passar ou não passar
é a mesma forma de prisão.

Paredão de umidade e sombra,
sem uma fresta para a vida.
A canivete perfurá-lo,
a unha, a dente, a bofetão?
Se do outro lado existe apenas
outro, mais outro, paredão?
(ANDRADE, 1973, p. 39)

Existem em Itabira diversos paredões e um especial, o da Rua Tiradentes construído em 1912 que se tornou ponto de encontro de amizade e início de namoro²⁰. Rapazes e moças se conheciam ali. Caso houvesse correspondência, o rapaz ia pedir consentimento ao pai da moça para iniciar o relacionamento. A permissão era dada mediante o fato: o rapaz pertencer a uma família da mesma esfera social e econômica. Assim o “*paredão*” representava um marco distintivo podendo funcionar como ponto de partida de uma nova família, entretanto e mais pungentemente, um símbolo de barreira oligárquica entre os clãs. Não sabemos precisamente até quando essa realidade se configurou, mas com o decorrer do tempo modificações financeiras imprimiram novas marcas não só no cenário cultural itabirano, como no brasileiro em geral.

²⁰ Informação obtida no livro *Caminhos Drummondianos* que conta a história dos poemas de Carlos Drummond escritos em placas situadas em vários pontos de Itabira. (LACERDA, Dadá Lage; SHITSUKA, Dorlivete Moreira; SHITSUKA, Ricardo– **Caminhos drummondianos**. Belo Horizonte, Editora Poisson, 2018.)

Na década de 30, o Brasil passou por transformações sociais e econômicas, há um desenvolvimento urbano e o poeta passa a viver no Rio de Janeiro a trabalhar no ministério da educação e sua poesia é marcada pela vivência. “O conteúdo sociológico do lirismo drummondiano é tanto mais rico pelo fato de sua aventura pessoal – o filho do fazendeiro tornado burocrata na grande cidade – coincidir com a evolução social do país.” (MERQUIOR, 2012, p.84)

No poema Edifício Esplendor publicado no livro José em 1942, o poeta salienta a frieza da realidade urbana, a desumanização provocada pelo distanciamento das pessoas e as demandas do novo desenho da vida na cidade grande, no caso: Rio de Janeiro, capital do Brasil na época. Mas também o resgate do passado em que vivia com sua família na zona rural é emoção angustiante. Isto revela que: “embora a poética possa ser um sentimento de um só, ela compartilha, de algum modo, de algo que vem da longa cadeia dos seres humanos anteriores e posteriores: ela se nutre da história que transcende.” (RABINOVICH e TASSARA, 2016, p.109-110)

EDIFÍCIO ESPLENDOR

Na areia da praia
Oscar risca o projeto.
Salta o edifício
da areia da praia

No cimento, nem traço
da pena dos homens.
As famílias se fecham
em células estanques.

O elevador sem ternura
expele, absorve
num ranger monótono
substância humana.

Entretanto há muito
se acabaram os homens
ficaram apenas
tristes moradores. [...]

[...]Chora, retrato, chora.
Vai crescer a tua barba
neste medonho edifício
de onde surge tua infância
como um copo de veneno.[...]
(ANDRADE, 2007, p. 96)

Trazendo à tona circunstância diferente da apresentada nos versos acima, no poema *Liquidação*, alcançamos a poética do espaço a revelar a perspectiva histórico-social e suas reverberações psicológicas no eu lírico drummondiano. A especulação existencial recompõe o passado familiar com a associação de imagens assimiladas onde percebemos a vida se debruçar em dimensões externas e internas, socioeconômicos e emocionais, respectivamente. Elementos abstratos são associados a materialidade, o que imprime na casa um status elevado de condição incomensurável. Trata-se de um cenário guardião de anamneses e mais de amplitude do âmbito reflexivo com “*sua vista do mundo*”.

LIQUIDAÇÃO

A casa foi vendida com todas as lembranças
 todos os móveis todos os pesadelos
 todos os pecados cometidos ou em via de cometer
 a casa foi vendida com seu bater de portas
 seu vento encanado sua vista do mundo
 seus imponderáveis
 por vinte, vinte contos.
 (ANDRADE, 1989 p. 101)

Se a casa se esvaiu, se liquidou, o sentimento reflexivo que habita o ser do poeta a transporta em seu curso de vida fazendo confluir passado e presente. O poema “*Casa sem raiz*” faz alusão ao período em que Drummond estava morando em outra casa que não ficava em Itabira e sim em Belo Horizonte. Abaixo um trecho do supracitado poema que revela o sentido de mundo e de família provindos da casa de origem.

A CASA SEM RAIZ

[...]

[...]A indelével casa me habitando, impondo
 sua lei de defesa contra o tempo.
 Sou o corredor, sou o telhado
 sobre a estrebaria sem cavalos mas nitrindo
 à espera de embornal. Casa-cavalo,
 casa de fazenda na cidade,
 o pasto, ao Norte; ao Sul, quarto de arreios,
 e esse mar de café rolando em grão
 na palma de sua mão — o pai é a casa
 e a casa não é mais, nem sou a casa térrea,
 terrestre, contingente,

suposta habitação de um eu moderno.

Rua Silva Jardim, ou silvo em mim?
(ANDRADE, 1979, p.126)

Drummond é poeta que valoriza a casa como uma plataforma em que a família encena a vida privada inserida e em diálogo com um grande palco que é o teatro público. Ele desenvolve uma metáfora dos fenômenos anímicos com correspondência arquitetônica das paisagens ao passo que antropomorfiza os espaços. Drummond demarca na casa um significado de importância no universo lírico meditativo, afinal ela é o ambiente onde crescem e se fortalecem nossas raízes entrelaçadas intrinsecamente à atmosfera familiar. E os itens que compõem o espaço doméstico não são meramente composições utilitárias, pragmáticas, e sim, configurações que excitam o olhar do poeta por serem imagens que identificam nossas idiosincrasias se expressando no espaço de afetividade, intimidade e segurança. Observemos abaixo um trecho do poema: “*Onde há pouco falávamos*”:

ONDE HÁ POUCO FALÁVAMOS

[...]

Uma parede marca a rua
E a casa. É toda proteção
Docilidade, afago. Uma parede se encosta em nós, e ao vacilante ajuda,
Ao tonto, ao cego. Do outro lado é a noite,
O medo imemorable, os inspetores
Da penitenciária, os caçadores, os vulpinos.
Mas a casa é um amor. Que paz nos móveis.
Uma cadeira se renova ao meu desejo.
A lã, o tapete, o liso. As coisas plácidas
E confiantes. A casa vive.
Confio em cada tábua.

[...]

(ANDRADE, 2003, p. 176)

A sensibilidade drummondiana avança em direção aos ambientes mais íntimos e alcança a dinamicidade da família nos recônditos da casa. O concreto resplandece ontologicamente. As relações familiares são identificadas nos espaços físicos, estes, por sua vez ganham plasticidade psicológica. Os objetos, móveis, parede e cantos se apresentam como translação a ressoar o canto humano do palco familiar. O sentimento e sentido de ser família é poeticamente tracejado em ângulos, curvas, retas, enfim diversas perspectivas que compõem o cotidiano. “Desta forma, a definição drummondiana de “família” e de “mundo” se cristaliza, ao fim e ao cabo numa linguagem em que a casa(...) faz-se o principal alicerce do discurso metafórico” (COELHO, 1973, p. 245). Destacamos no poema Indicações²¹, o retrato que define a família a partir de componentes do cenário doméstico:

INDICAÇÕES

[...]A família é pois uma arrumação de móveis, soma de linhas, volumes, superfícies. E são portas, chaves, pratos, camas, embrulhos esquecidos, também um corredor, e o espaço entre o armário e a parede onde se deposita certa porção de silêncio, traças e poeira que de longe em longe se remove... e insiste.[...]

(ANDRADE, 2012a, p.42)

Os espaços da casa ilustrados na poética drummondiana identificam traços de família, modos de vida com performances histórico-culturais, sociais; sem deixar de atentar para minúcias que especificam o delinear que compõe a substância essencial da vitalidade existencial que povoa o ambiente doméstico para além do momento retratado. Se o lugar espelha o que se vê, Drummond consegue captar com mais profundidade, suas lentes registram desde a memória dos ancestrais até a rotina dos descendentes. Há uma dinâmica vocabular que desnuda paradoxalmente guardando o orgânico e metabólico vivenciar família no Brasil.

²¹ Trecho do poema que já fizemos referência no primeiro tópico do capítulo II.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, detivemo-nos em investigar os quadros de família tracejados na trajetória Poética de Carlos Drummond de Andrade. Ao retratar o tema da família sob diferentes ângulos em consonância com a realidade, mesclando aspectos pessoais com sociais, este poeta construiu um repertório documental sobre a história das famílias no Brasil, além de revelar como seu clã incidiu na sua formação enquanto sujeito.

Carlos Drummond de Andrade criou uma interseção entre a vida em família e o fazer poético. Sua Poesia é uma interpretação do seu estar no mundo e o relevante componente de sua existência está na horda das relações familiares, desde os ascendentes até os descendentes. Pensar e poetar se aglutinam em uma singularidade multifacetada desvelando o processo de subjetivação drummondiana.

A tecitura poética que traduz o transcurso de individuação drummondiana mostra não só a assimilação do social a partir família, como também a interseção entre subjetividade, família e sociedade de tal modo que a dinamicidade do contexto histórico que adentra em dialogicidade com as vivências compartilhadas nos espaços domésticos é retratada. Compreendemos assim que Carlos Drummond de Andrade se inscreveu ao escrever seus poemas como sujeito de um determinado período histórico, pertencente a uma específica família.

Os versos surgem a partir da objetividade que não é contemplada na superficialidade, mas desdobrada, lapidada nos recônditos do ser do poeta que se permitiu olhar o mundo às avessas e nos revelar a face oculta, desvendando o mais substancial, o que está muito imerso e para além do aparente. Suas lentes multifocais enxergaram o que o homem comum não é capaz, daí porque ele inaugurou mundo ao conceber seus retratos poéticos. Entendemos que o processo criativo drummondiano não é algo fantasioso, é antes permeado de uma memória pulsante que explode em palavras.

Compreendemos que ao versar sobre clãs anônimos, numa diversidade de composições e contingências existenciais, Carlos Drummond de Andrade edificou na sua poética a representatividade das famílias brasileiras.

Concluimos que Família foi a grande esfinge iluminada e retratada pelo poeta Carlos Drummond de Andrade que se configura num arcabouço de fundamental relevância para o conhecimento científico sobre família na sociedade contemporânea brasileira.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Alguma Poesia**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. **Antologia poética**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012 a

_____. **A Rosa do Povo**. 27ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. **Boitempo I**. Rio de Janeiro: Record, 1989.

_____. **Carlos Drummond de Andrade- poesia e prosa**. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

_____. **Claro Enigma**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012 b

_____. **Esquecer para lembrar (BoitempoIII)**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1979.

_____. **José**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

_____. **Lição de Coias**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. **Menino Antigo (Boitempo II)**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio; co-ed Instituto Nacional do Livro, 1973.

_____. **Tempo Vida Poesia – Confissões no Rádio**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

_____. **Uma forma de Saudade: Páginas de diário**. Organização Pedro Augusto Grañtemoa Drummond. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ARRGUCCI JR., Davi. **Coração partido: uma análise da poesia reflexiva de Drummond**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

CAMPOS, Maria do Carmo. Nove variações sobre a morte em Drummond. In : **Drummond : poesia e experiência**. Organizado por Ivete Lara Camargos Walty e Maria Zilda Ferreira Cury. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

CANDIDO, Antônio. Inquietudes na poesia de Drummond. In: **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

_____. Poesia e ficção na autobiografia. In: **A Educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987.

CARVALHO, Leda Maria Lage. **As relações familiares na poesia de Carlos Drummond de Andrade: Afeto e Solidariedade**. Belo Horizonte: Em Tese, 2004.

CICERO, Antonio. **Poesia e Filosofia**. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2012.

COÊLHO, Joaquim Francisco. **TERRA E FAMÍLIA NA POESIA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1973.

CORREIA, Marlene de Castro. **Drummond: a magia lúcida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2002.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. História da Família no Brasil (capítulos 1 e 2) in: **Família no Brasil: Recurso para a pessoa e sociedade**. Organização: Ana Cecília Bastos, Lúcia Vaz de Campos Moreira, Giancarlo Petrini, Miriã Alves Ramos de Alcântara. Curitiba: Juruá, 2015.

GADAMER, H. G. **Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica** - 3ª Ed - Petrópolis: Vozes, 1960-1997.

HEIDEGGER, Martin. **A Origem da Obra de Arte**. Lisboa: Edições 70, 1970.

_____. **Ser e Tempo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1995. (Volume I)

LACERDA, Dadá Lage; SHITSUKA, Dorlivete Moreira; SHITSUKA, Ricardo– **Caminhos drummondianos**. Belo Horizonte: Editora Poisson, 2018.

LIMA, Mirella Vieira. **Confidência Mineira**. São Paulo: Pontes (Edusp), 1995.

MANDELBAUM, Belinda. **Trabalhos com Família em Psicologia Social**. São Paulo, 2010.

MANDELBAUM, Belinda. **A em Psicologia Social na universidade pública: uma prática psicanalítica de reparação da memória brasileira**. Universidade de São Paulo. Psicologia USP. Volume 30. São Paulo, 2019.

MATTA, A.E.R. A família como valor: considerações não familiares sobre a família `a brasileira. In **Pensando a família no Brasil, da colônia à modernidade**. (pp. 115-136). Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/ UFRJ.

MERQUIOR, José Guilherme. **Verso Universo em Drummond**. 3ª ed. São Paulo: Realizações, 2012.

MORAES NETO, Geneton. **Dossiê Drummond**. 2ª ed. São Paulo: Globo, 2007.

NUNES, Benedito. **Passagem para o Poético. Filosofia e Poesia em Heidegger**. 2ª ed. São Paulo, Ática, 1992.

OLIVEIRA, Clenir Bellezi de. **Drummond, O poeta que não suspirava de Andrade**. Discutindo Literatura. São Paulo: ESCALA, n. 2, p. 27-35. 2001.

OLIVEIRA, Silvana Maria Pessôa de. **Casas de Memória e Escrita na poesia de Carlos Drummond de Andrade**. Belo Horizonte: SCRIPTA, v. 6, n. 12, p. 109-117, 1º sem. 2003.

PIERRON, Jean Philippe. **Le climat familial. Une poétique de la famille**. Paris : Eds Cerf, 2009. Trad. Elaine Pedreira Rabinovich.

PETERSON, Michel. Não é isto, nem nada. Drummond ou o poema contra a coisa. In : **Drummond : poesia e experiência**. Organizado por Ivete Lara Camargos Walty e Maria Zilda Ferreira Cury. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

RABINOVICH, Elaine Pedreira; TASSARA, Eda Terezinha de Oliveira. A expressão poética. In : **Autoetnografia colaborativa e investigação autobiográfica : a casa, os silêncios e os pertencimentos familiares**. Organização Elaine Pedreira Rabinovich...[et al]. Curitiba :Juruá,2016.

RABINOVICH, Elaine Pedreira. O outro como comunidade de destino e a dimensão histórica e coletiva da poética. In : **Horizontes de Alteridade : sociedade, família e subjetividade**. Salvador, Edufba, 2022.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Drummond: o gauche no tempo**. 4ª Ed. Rio de Janeiro. Record. 2008.

VILLAÇA, Alcides. **Passos de Drummond**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.